

Totobola dá 27 mil contos a dividir por três

D. Esperança acertou no

13



Feito o escrutínio totobolístico relativo à jornada de ontem foi apurada uma totalista a quem caberá a bonita soma de 27 477 738\$00. Seu nome: Maria Esperança Soares, casada com Manuel Artur Soares e tem dois filhos. Vive na cidade do Barreiro é doméstica e porque o marido trabalha

numa empresa fabril em situação económica difícil (com salários em atraso) a verba que irá receber e que repartirá com duas «sócias» — a estudante Ana Paula da Silva Santos e uma vendedeira de fruta — vai certamente solucionar-lhe dificuldades que se imaginam. Ao ser entrevistado pela

Rádio Comercial momentos após recebe a agradável notícia, o sr. Manuel Artur Soares disse encontrar-se «um bocadinho feliz» e confessou que o objectivo próximo na aplicação do dinheiro será destinado à compra de uma casa e um automóvel.

Bem-vindo Tancredo Neves

O presidente eleito do Brasil, antes de ter sido oficialmente empossado, decidiu visitar Portugal. Mineiro de família oriunda dos Açores, Tancredo Neves vem a Portugal numa atitude de amizade, de diálogo e de confiança que dão à sua visita um significado político. Não estamos perante um puro gesto simbólico. Estamos perante uma abertura que cabe ao Portugal de Abril confirmar e aprofundar. Basta da retórica dos «dois povos irmãos». Chegou a hora de, restabelecida a democracia no Brasil e em Portugal, as duas nações, os dois Estados, se encontrarem na defesa do que lhes é comum, na prossecução dos interesses e na defesa das relações actuais e não só matéria de recordações históricas.

Político experimentado, Tancredo Neves, cuja vitória retumbante é a vitória da democracia brasileira contra o poder militar golpista, representa para os brasileiros a liberdade e a esperança. Os portugueses democratas desejam-lhe que sejam agradáveis as horas que vai passar no País, mas desejam-lhe, acima de tudo, que tenha, na difícil missão que o Brasil lhe confiou, os maiores sucessos. Não nos é indiferente a situação política, económica, social e cultural do Brasil. Somos — Brasil e Portugal — não só fraternos, como solidários.

E é do interesse comum, de portugueses e de brasileiros, que essa solidariedade actual, inspirada na tradição histórica de fraternidade sempre afirmada, se concretize em formas de relacionamento, de cooperação, de ajuda mútua.

Brasil e Portugal, com os outros países de expressão

Continua na pag. 20



Do Largo 9 de Abril tem-se uma excelente panorâmica sobre a Rocha do Conde de Óbidos e, consequentemente, sobre os seis navios da NATO que ali se encontravam atracados (as setas indicam a área provável do impacto das granadas de morteiro)

Três morteiros falharam seis navios da NATO

Três engenhos explosivos foram esta madrugada atirados contra a esquadra da Força Naval da NATO no Atlântico (Stannavorlant) desde terça-feira ancorada no Tejo, mas erraram o alvo. Nenhum dos PSP admite tratar-se de granadas — atingiu o alvo constituído por seis navios (Irolois, do Canadá; RE Byrd, dos

EUA; Arethufa, da Inglaterra; Jan Van Brakel, da Holanda; Narvik, da Noruega; e Hambur, da RFA) e 1490 homens, comandados pelo alemão K. B. Schwabe, que ao princípio da manhã largaram normalmente do estuário do Tejo. O atentado, que terá sido concretizado do Jardim 9 de Abril, sobranceiro ao Porto, ainda não foi reivindicado.

Não era das FP-25

'Fui vítima de uma cabala'

— diz Eduardo Silva



Págs. 6 e 7

GOMES: aí vai o golo 24!



Págs. 14 e 15

Depois do almoço que reuniu 1200 pessoas
Já nada deterá partido eanista



Pág. 5 O aperto de mão entre o Presidente e a potencial candidata a Belém

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

SOS CTC

ESTACÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRONICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

Av. S. João de Deus, 13-B • R. de Macau, 8, 1.º — LISBOA

A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

Se os jovens pudessem...



Ana Paula, 17 anos, estudante

'Começava por apoiar mais os jovens'

- O que estuda?
- Estou no liceu, na área de Economia.
- Porque fez essa opção?
- Julgo que tenho tendência para esta área, acho que é um curso interessante.
- Quais as perspectivas de emprego?
- Não sei, mas parece-me que são poucas.
- Com que problemas se debate o ensino secundário?
- Com vários, como a falta de professores, a maneira como decorrem as aulas, as matérias não são bem expostas.
- Na sua opinião como se poderiam resolver esses problemas?
- Com mais verbas para o ensino.
- O Governo apoia o ensino?
- Se por acaso apoia, é tão pouco que não se dá por nada.
- Com as condições existentes é difícil ser estudante?
- É um bocado, e agora está muito pior.
- Como está o País?
- Vai de mal a pior.
- O que é que está pior?
- Tudo, desde os elevados preços, ao ensino, à falta de habitações, ao desemprego.
- Sabe que o Orçamento do Estado se encontra em discussão na Assembleia da República?
- Sei, e parece que é um grande 'buraco'.
- O Orçamento este ano apresenta um défice maior que o do ano passado. O que pensa sobre este facto?
- Era de esperar, com o custo de vida a aumentar os encargos do Estado são maiores. Eles tentam melhorar as coisas, se bem que por vezes as verbas não sejam empregues da melhor maneira.
- Notou algumas melhorias?
- Não vejo nada.
- Na sua opinião em que é que as verbas foram mal empregues?
- Acho que se fizeram gastos supérfluos em viagens, quando essas verbas deviam ter sido despendidas noutras coisas, como a construção de escolas, por exemplo. Os nossos políticos viajam muito e têm carros a mais à sua conta.
- Como vê a nossa classe política?
- Não gosto dos políticos portugueses, são pouco honestos. Não cumprem o que dizem e deviam fazê-lo.
- Se pudesse governar o que começaria por fazer?
- Em primeiro lugar, sendo jovem, apoiava mais os jovens.
- Como faria?
- Procurava que o problema do desemprego não se pusesse tanto.

Reflexões para uma política monetária

Jean Dromer
Serviço exclusivo «Le Monde» «DL»

As autoridades monetárias deram a última demão nos regulamentos e instruções do novo dispositivo que substitui o enquadramento do crédito em vigor desde 1972. A política monetária francesa precisava desta primeira alteração.

Este acontecimento é uma ocasião ótima para nos interrogarmos sobre o que é desejável, necessário e possível em matéria de política monetária para os anos 1985-1990. A profissão bancária está na primeira linha no que se refere à concretização da política monetária: os bancos sofrem directamente os seus efeitos tanto na sua actividade como nos resultados obtidos, e verificam o impacto que provocam nos seus clientes, em especial nas suas empresas.

Se queremos manter o domínio sobre a política monetária num mundo internacional aberto, não há dúvida que só existem duas soluções para actuar eficazmente na criação monetária: aceitar ajustar ao nível adequado o preço da moeda — os juros — ou então pôr em prática o controlo quantitativo da massa monetária. É esta última técnica que tem prevalecido no nosso país. Não podemos alterá-la de um dia para o outro ainda que o objectivo esteja indiscutivelmente na segunda via.

Aproveitando a oportunidade de uma conjuntura favorável, o governo e as autoridades monetárias realizaram uma acção importante. O novo dispositivo contempla o desenvolvimento conjunto de elementos positivos: o seu campo de aplicação é mais amplo que o precedente e virá a funcionar em bases renovadas em virtude da supressão das normas especiais.

O novo dispositivo no entanto permanece conceptualmente próximo do precedente já que se trata nos dois casos de um controlo quantitativo e administrativo da massa monetária. A principal diferença no imediato entre os dois sistemas é de carácter psicológico: no sistema abandonado era-se sancionado por se ter cometido uma transgressão; no novo sistema, optamos por ser penalizados.

Por isso, por um lado, a ruptura da continuidade do enquadramento do crédito representa um progresso incontestável, por outro, tem-se o sentimento que, com um progresso ainda demasiado limitado, será necessário avançar mais na reforma. A experimentação deste dispositivo será feita num contexto de bloqueamento monetário rigoroso: poderá e saberá adaptar-se, por exemplo, a uma retomada do investimento e da necessidade de crédito das empresas? Ora é esse o seu objectivo.

A Incidência nos Custos do Crédito

O objectivo principal da política monetária consiste no controlo da moeda que deve começar por ser exercido no plano internacional. Por outro lado, pediu-se demasiado no passado a esta política para o restabelecimento dos equilíbrios internos. Os resultados obtidos no combate contra a inflação devem-se a um conjunto de medidas: medidas em relação aos preços e aos lucros mas também política de juros — conseguida com dificuldade — que do mesmo modo desempenhou um papel a ter em conta ao travar a distribuição do crédito em 1984.

Há quem se interroge sobre o interesse e o preço do enquadramento do crédito nestas condições já que este não deixou de se complicar no decorrer dos últimos anos. Com efeito, o enquadramento do crédito tem um preço: como todas as imposições administrativas, perturba os comportamentos económicos na prática. Conviria comparar esses custos com as vantagens

que se podem esperar do dispositivo em relação com os objectivos gerais da política económica.

A eficácia do enquadramento é uma realidade em determinados aspectos, em especial por incitar os residentes a procurar capitais exteriores. Esta vantagem tem porém contrapartidas pois traduz-se por um endividamento das empresas em divisas, o que pode prejudicar a sua gestão financeira e levá-las a ter sérias dificuldades.

Ao contrário do que se costuma acreditar, esse enquadramento pesa também no custo real do crédito, pelo menos à distância. Ao fazer do crédito uma coisa rara, provoca uma alta dos juros, ao levar à emissão de obrigações aumenta também substancialmente a estrutura dos recursos bancários. A ausência de concorrência que resulta desse dispositivo conduz aos mesmos efeitos.

Além disso, o enquadramento racional o crédito, o que leva por vezes as empresas a reduzir os seus investimentos ou a aumentar os seus preços. Tudo isto relativiza o interesse específico do enquadramento do crédito no que respeita à luta contra a inflação parecendo, ao fim e ao cabo, que aquele não tem, desse ponto de vista, menos inconvenientes e mais vantagens do que a política de controlo monetário através dos juros. E seria ainda preciso poder pô-la em prática!

Numerosas perturbações surgiram ao longo do tempo. O enquadramento do crédito tem por efeito não só travar mas perturbar a concorrência bancária; as diferentes redes de distribuição de estabelecimentos de crédito não lhe ficam submetidas do mesmo modo; restringe mais uns do que outros, há mesmo alguns que lhe escapam aproveitando para entrar neste ou naquele mercado. Deste modo, a concorrência exerce-se em condições pouco saudáveis, e as posições relativas dos diferentes estabelecimentos não resultam do seu próprio dinamismo.

O enquadramento do crédito tem também efeitos perversos na afectação dos meios de financiamento: as grandes empresas não são tratadas da mesma maneira que as PME e as PMI. Limitadas no acesso ao crédito, as empresas tendem a privilegiar o financiamento da sua tesouraria em prejuízo dos seus investimentos. Por outro lado, os pedidos dos particulares são mais ou menos bem atendidos de acordo com a situação do seu banco e ao montante em que apresentam os seus pedidos.

Finalmente, o enquadramento do crédito afecta o comportamento dos estabelecimentos bancários: falseia as relações com os clientes, em especial minorizando a sua dimensão pedagógica para com as empresas. Desfavorece o dinamismo comercial e a procura do melhor serviço a oferecer aos clientes.

Em resumo, o balanço do enquadramento do crédito é desequilibrado: as vantagens são limitadas e frágeis, a acumulação de inconvenientes implica determinadas consequências: esclorose dos comportamentos e afectação não optimal dos recursos. Por isso não podemos deixar de nos felicitar pelo seu desaparecimento na sua forma antiga.

Quatro Orientações para o Futuro

Quais podem ser as características duma política monetária que responda às interrogações postas pelos funcionamentos insatisfatórios ou os desvios do actual sistema?

Esta outra política monetária integraria quatro orientações que diriam respeito aos juros, ao seu campo de intervenção, à concorrência entre estabelecimentos de crédito e à gestão dos seus balanços.

Os juros implicam uma função de incitamento à arbitragem por

parte dos agentes económicos, arbitragem entre activos reais e activos monetários, arbitragem entre os diferentes tipos de activos monetários e financeiros, arbitragem entre diferentes prazos para a poupança como para o crédito, etc. É muito importante que este dado volte a encontrar progressivamente a plenitude do seu papel e que a economia francesa seja não protegida mas, pelo contrário, influenciada e guiada pelas variações e pelo nível dos juros.

São numerosos os obstáculos que a tal se opõem: campo reduzido de juros livres, aparência de selectividade do crédito, que congela os juros e falseia a sua hierarquia, jogo complexo da fiscalidade. Devemos lutar para fazer recuar esses obstáculos e desenvolver uma pedagogia em direcção aos agentes económicos, ajudando-os a tomar consciência da realidade dos juros, imposta em especial pela situação internacional, à qual deverão adaptar-se de uma maneira ou de outra. Não se vê como se poderá deixar de fazer, a prazo, da política dos juros o instrumento essencial da política monetária.

O controlo monetário deve ser concebido de forma global. Na actual situação da prática, esta necessidade envolve três reflexões pelo menos.

Uma incerteza afecta o conceito de moeda consagrado pela política monetária; a fronteira da moeda torna-se cada vez mais indeterminada com o desenvolvimento das obrigações de juro variáveis dos rendimentos financeiros a breve prazo. Seria necessário renunciar a esta distinção brutal e algo absurda entre o que é classificado como moeda e o que não o é, o que poderia incitar na criação produtos intermediários, menos custosos que as obrigações.

Por outro motivo, o objectivo declarado da política monetária, a massa monetária (M2R), concentra em excesso a atenção sobre os bancos clássicos e, pelo contrário, concede demasiada liberdade ao que não inclui. Funda-se num corte institucional dos estabelecimentos de crédito que não tem nenhuma significação económica e cuja recente lei bancária confirmou o carácter anacrónico. Seria sem dúvida mais satisfatório e mais lógico manter um objectivo funcional.

É também necessário observar mais exaustivamente a evolução do crédito e ampliar as capacidades de intervenção do Banco de França no conjunto das fontes de criação monetária. A este respeito, o financiamento do sector público não poderia validamente escapar à regra geral e beneficiar de um tratamento privilegiado como acontece ainda demasiadas vezes. Pelo contrário, é preciso considerar que é o financiamento das empresas e o seu desenvolvimento que devem ser prioritários. Não será nesse caso normal que as autoridades monetárias só possam ter em conta as necessidades das empresas após terem «servido» em prioridade o Estado e as colectividades públicas.

Os próprios bancos são empresas: o sistema de regulamentação monetária deve integrá-los numa situação concorrencial efectiva. É um poderoso meio adicional de pressão sobre o custo de intermédio financeiro.

A concorrência deve em primeiro lugar exercer-se no domínio do crédito, quer dizer, permitir a um banco bem gerido — com um custo de intermediação favorável — e uma gestão dos recursos eficaz e atractiva pela qualidade dos seus serviços — aumentar o seu volume de negócios sem que uma penalização imediata o dissuada de tal.

Esta concorrência deve pois fazer-se em bases sãs, o que implica duas coisas pelo menos: as mesmas regras devem apli-

car-se a todos; algumas desigualdades estruturais entre os estabelecimentos devem ser previamente reabsorvidas, em especial quando elas mesmas são as consequências de intervenções administrativas.

A política monetária deve deixar à empresa bancária a responsabilidade da gestão do seu balanço.

Ora não seria satisfatório para estabelecimentos que têm por missão financiar o fundo de circulação da economia, quer dizer, transacções a curto prazo, não se desenvolverem a não ser fazendo empréstimos no mercado financeiro. Trata-se de um comportamento em absoluto anormal e que não pode manter-se: a transformação ao contrário. Corre-se o risco de haver uma viragem dolorosa nos anos que se seguem, que pode estar já à vista. Se a política de poupança a longo prazo deve ser continuada, não é necessário continuar a obrigá-la a pesar inutilmente sobre os bancos e evitar a estandardização que afecta o conjunto dos estabelecimentos, quaisquer que sejam as suas necessidades em recursos obrigatórios.

A Dimensão Europeia

Existem outras formas possíveis para uma outra política monetária? Para avançar no sentido das orientações sugeridas, três condições são necessárias: a ambição pelo funcionamento da economia nacional, a modernização dos métodos de trabalho no plano interno, o desenvolvimento da base europeia da estratégia monetária francesa.

1) Na sua maioria os estudos do enquadramento monetário desembocam numa contradição: o sistema é anacrónico mas não há nenhum outro satisfatório para o substituir. Costuma-se acrescentar a isto que a situação francesa é de tal maneira especial que não podemos inspirar-nos em técnicas praticadas noutros países e que os obstáculos para a mudança são numerosos.

É pôr o problema ao contrário. É evidente que não se pode mudar tudo de repente mas mais grave é o perigo de nada ser feito. Nem as autoridades monetárias nem a profissão bancária podem recusar essa revisão; os progressos que serão capazes de concretizar em matéria de política monetária condicionam a sua contribuição à recuperação económica e à modernização do nosso país.

2) As vias e meios para uma nova política monetária não poderão deixar de ser concebidos, acordados e explicados em termos adaptados a uma economia moderna desenvolvida e complexa. Algumas ideias podem ser adiantadas a esse respeito:

- A divisão do trabalho entre os diferentes instrumentos de política económica deve ainda ser aperfeiçoada, e desse modo permitir a realização duma política monetária menos administrada e mais favorável à concorrência.

- Uma revisão do conjunto do «dossier» é necessária já que os métodos actuais não podem constituir mais do que um dispositivo transitório que deve ser reconvertido por fases, durante vários anos, em função de oportunidades conjunturais.

- Uma concertação aprofundada com o conjunto das profissões que lhe dizem respeito é indispensável. Trata-se de uma prática normal nos países mais avançados no domínio monetário, ainda demasiado tímida em França mesmo se o que já se fez constitui um esforço e uma realidade que interessa saudar.

- Não devemos misturar os problemas. Pelo contrário, é necessário desligar o controlo monetário e as ajudas sectoriais. A política selectiva do crédito tal como tem sido praticada, asso-

Rito Canedo

Das palavras e dos actos

I. O presidente do Governo Regional da Madeira, dr. Alberto João Jardim, é um político de singularidades a toda a prova como o atesta, por exemplo, a forma mais ou menos passiva como, em tempos, no seu gabinete oficial de trabalho, encaixou uma valente bofetada dada por um oficial do Exército, em desafiante a afirmações por si proferidas e consideradas ofensivas do bom nome dos militares em geral. O defensor da honra militar — oficial de brío e grande punitor — manteve-se no seu posto e tanto quanto se sabe, o presidente do Governo Regional não esboçou nem a defesa, nem tão pouco a resposta, e a meia dúzia de linhas de desagravo, escritas pelo seu punho, não mereceram mais do que uma risota discreta dos generais de Lisboa.

Tendo sido um mero incidente burlesco, desencadeado à porta fechada entre os dois citados protagonistas, não deixará de constar dos anais das histórias hilariantes que caracterizam as pessoas e as suas personalidades — a guarnição militar da Madeira retê-lo-á, por certo, por muitos e bons anos e o relato do episódio não deixará de fazer sorrir as gerações vindouras.

O dr. Alberto João Jardim passou a ser, entre outras coisas mais determinantes mas não tão vistosos e chocantes, um dos raros, senão o primeiro governante português a ser esbofetado em plena audiência concedida em seu gabinete.

Trago à memória tão insólito acontecimento, para demarcar um dos traços mais salientes da personalidade política do controverso e desconcertante dirigente madeirense — a moleza de um homem a que se associa a «ratice» muito empírica, própria dos que, sendo espertos e vivos, pouco devem à inteligência, isto é, àquilo que permite elaborar exames profundos e consequentes das situações, deixar ver até onde vão as possibilidades de cada um e o que, numa palavra, forja toda a subtilidade do espírito.

O dr. Alberto João Jardim é uma personalidade talhada à

medida da paisagem humana madeirense, isto é, sofre, como de uma forma geral, o ilhéu, de todas as consequências resultantes do epifenómeno social da insularidade — o síndrome da castração em relação à pátria continental e a mediocridade que porfia em ser uma consequência inevitável dos horizontes curtos, fechados e circunscritos à massa atlântica — limitativa, monótona e depressiva.

São conhecidos os seus processos de aproximação às populações, de auscultação dos seus problemas — de governação. Dizem-me dele — e o que dele conheço leva-me a acreditar — que amiudadamente percorre os povoados mais distantes da sede do governo, tanto indo ao fundo das intermináveis «levadas», como aos cocurúveis enraizados na serra, andando por aqueles sertões madeirenses — onde o homem, embastado qual animal de tracção, transporta os bens essenciais ao trabalho e à magra subsistência de familiares e animais com quem partilha habitação e outras coisas — levando no bolso a «solução» para os problemas de cada um — o livro de cheques! «Ai, sr. doutor, eu precisava tanto disto e daquilo!... E o bom do dr. Jardim — Alberto João para aquela gente crente e boa — não está com meias medidas: mangas arregaçadas, solas na lama atascadas e a palavra afeiçãoada ao jeito cantado e popularucho daquela gente, rapa do cheque, num instante preenche... e já está! E depois vá lá alguém dizer que há buracos no orçamento regional, quando o que a gente da Madeira quer é ver tapados os seus próprios buracos e encontra neste homem «providencial» e tão amado, o portador da «varinha mágica» que abre os corações e coopta adesões fáceis ao partido que representa. É que, na Madeira, votar PCP e CDS é próprio de quem é comunista e centrista, mas não há notícia de alguém votar PPD/PSD só por ser social-democrata, porque quem nele vota está a votar, explicita-

mente, em Alberto João Jardim.

Votam num estilo, numa imagem, numa «palavra», numa ideia, num projecto, numa política. Votam no homem que **desce** até eles, que fala como eles e que se está nas tintas para planos e orçamentos, quando o que é preciso é mostrar ao zé-povinho que se é um tipo porreiro e que se está ali para lhe resolver os problemas — ao nível, bem entendido, da charrua e das telhas para o curral.

Por aqui, no continente, aos problemas postos por esse «mato» fora, os ministros respondem — prescientemente: vai-se fazer, estamos a estudar, vamos olhar a isso... Na Madeira, Alberto João usa outro tipo de discurso, isto é, o discurso do «Queres? Toma...» e lá vai chegado para as encomendas. Digam-me lá quem não votaria num homem assim?

II. Conto isto, não porque atribua ao presidente do Governo Regional da Madeira alguma taxa especial no peso bruto das grandes questões a resolver neste canteiro à beira mar tão mal plantado.

Cito-o apenas como caso típico da democracia que foi possível implantar em Portugal, não obstante e quicá «pour cause», da revolução dos cravos. A democracia, sendo o regime a liberdade, concede a todos os liberdades de ser ignorante, asneado e até de se submeter a quem, subtilmente, lhe vai cercando as liberdades.

Eugénio de Andrade escreveu um dia, não sei se dele se dourem, que «a realidade está na palavra». Pois eu digo que desta democracia brutalmente partidizada, ilusoriamente pluralista e fortemente personalizada, bem se pode dizer que «o meu reino é o da palavra». A «palavra» assentou definitivamente arraiais no espaço político nacional, domina em todos os confrontos, sobrepõe-se e ultrapassa todo o pensamento racional e substitui-se paulatinamente a toda a acção que promete desenvolver e não cumpre.

Atrás da «palavra» vão correndo os incautos; vão ululando os heréticos da demagogia, vão caindo votos nas urnas eleitorais.

Este Governo é o governo da palavra, arauto e paladino da substância dita e afirmada, gritada e repetida, mas nunca executada. É também o Governo da «despalavra» porque o que agora diz, logo diz que não disse, porque quase só diz para se desdizer. Lembra-me o pobre do secretário de Estado que há dias foi mandado à RTP dizer algumas palavras ao eleitorado descontente, a propósito dos novos aumentos de Janeiro. Dizia ele — e conseguiu fazê-lo sustentando um ar academicamente sério e sisudo — que em 1985 a gasolina não será mais aumentada... a não ser... que o leite e o pão não subiriam mais... salvo se... que os transportes não seriam mais agravados... a menos que... e assim por diante, numa rábula desconcertante. E nesta conversa se levava quem neles convictamente vota, o que não traria grande mal ao mundo se não causasse em muitos outros — e isso sim, preocupa — um verdadeiro asco pela política e um desinteresse perigoso pela «coisa pública».

A «palavra» deste governo, procura dominar pela força dos instrumentos que cria, toda a cena política nacional, repetindo eorquestrando temas, promessas, ameaças e profecias, deixando o português, circunscrito que está às limitações do meio geográfico e humano em que vive, às poucas letras com que encara a vida e aborda o futuro, e à ideia — pela palavra inculcada — de que «antes isto do que **cpisa** pior», perfeitamente às aranhas e capaz de acreditar que os verdadeiros malandros ainda são aqueles que, não estando no governo, não deixam o coitadinho governar.

Indubitavelmente que vivemos em democracia, mas também — pergunto eu — não será lícito afirmar-se que, sendo a democracia o regime que conduz ao

«poder do povo e pelo povo», ao desenvolvimento e ao progresso social, este governo e estes governantes, fazendo uso da legitimidade do voto democrático, tudo têm feito para contrariar aqueles objectivos e destruir em muitos de nós a crença na democracia?

Será legítimo, em Democracia, pôr-se em causa a democracia através da repetida afirmação de ausência de alternativas democráticas à actual solução governativa? Será legítimo, em democracia, tomar-se o poder e uma vez nele instalado, contrariar pelos actos e pelos resultados dos actos, a «palavra» na qual assentou a razão do voto e a lógica da opção do eleitorado? Pode considerar-se «legítimo» um governo que conduz o povo que nele confiou, para a miséria e para a desgraça? Não estaremos com isto a legitimar a ruína nacional? E, o que é bem pior, não estaremos a legitimar — com estes maus profissionais da política — a descrença no regime?

Admitamos que não será legítimo falar-se da ilegitimidade deste governo. Mas será coisa que cause dúvida, dizer-se deste governo legítimo que a sua incapacidade de adoptar uma política que trave a marcha recessiva da nossa economia, **legítima** toda e qualquer medida constitucional que nos liberte da sua tão nociva acção?

III. No desenvolvimento destes apontamentos, que procuram obedecer mais a uma lógica moral e a uma ética constitucional, do que a postulados legais, frios e abstractos, que só valem enquanto valem, isto é, enquanto concorrem, na pureza da sua interpretação, para a consecução dos objectivos a que se se propõem, não pode deixar de vir ao de cima a influência de todas as crises em que estamos afundados e do aberto confronto institucional entre o primeiro responsável pela negativa operação do Governo e da sua desastrosa acção no empobrecimento da vida dos portugueses, e o Presi-

dente da República. E isto porque, abeirados que estamos de dois actos eleitorais da mais alta importância — para as autarquias e para a chefia do Estado — põe-se a questão de se saber se esse clima de permanente confrontação entre S. Bento e Belém, culminado no público testemunho de descontentamento do Presidente da República pelo desacerdo da política do bloco central, será o que mais convém à estabilidade que deverá rodear aqueles actos ou se, ao contrário, há que criar, desde já um novo cenário político, que descongestione as relações entre aqueles dois órgãos de soberania, que trave o processo deslizando em que se encontra a crença política dos portugueses e dê àqueles elevados actos cívicos a oportunidade de decorrerem num ambiente de serena e lúcida compreensão pelos perigos a evitar nas opções que serão apresentadas ao povo português.

Se desta crise e se da miséria em que o Governo tem feito mergulhar os lares portugueses, se, enfim, de toda esta vaga de descontentamento que varre o país de lés-a-lés, tiver saído o esclarecimento que faltava ao eleitorado português, então sim, quase se poderá dizer que o sacrifício valeu a pena, e que os responsáveis por esta política ruinosa, assumida em nome de compromissos que não têm em conta os interesses de Portugal e dos portugueses, estão desmascarados e identificados.

Da AD ao Bloco Central, nada mais há a esperar — tudo o que poderiam dar já deram e os resultados estão à vista. Precisamos de outras soluções. Soluções que se comprometam com a Constituição, com a democracia, com o desenvolvimento e o progresso do povo português. E não quer isto dizer que o Partido Socialista, apesar dos seus erros e da sua teimosa política de Estado contrária aos seus próprios referenciais ideológicos, esteja arredado dessas soluções. Mal muito mal estará o País e a democracia, quando o Partido Socialista deixar de acreditar no povo e nos trabalhadores portugueses.

“Macho” do pós-feminismo analisado por investigadores sociais italianos

Uma primeira tentativa de análise da imagem do «macho» surgido do pós-feminismo, mostra-o como um «anti-casanova», interessado sobretudo na família e na educação dos filhos.

Psicólogos e sociólogos, entre os quais Francesco Alberoni, quotidianamente presente na imprensa italiana, dedicaram dois dias a analisar este novo «fenómeno social».

O ponto de partida da análise apoiou-se numa sondagem efectuada em Florença entre 160 médicos com idades compreendidas entre os 33 e os 38 anos. Da codificação das suas respostas, surgiu esta «imagem estereotipada» do que classificaram «o homem novo, nascido da «ofensiva» feminista, iniciada nos anos 70».

Na relação conjugal, o «homem novo» é «um colaborador eficaz na condução das tarefas domésticas, apesar de isto ainda representar para ele uma «situação conflituosa».

Do ponto de vista das «relações sexuais», constatou-se que denota «bastante prazer e desenojo», e que a frequência das relações com a mulher é de «duas a três vezes por semana».

Para os analistas, a principal surpresa foi a constatação na relação do «novo homem» com os filhos.

Relativamente à paternidade, deseja ter filhos «tanto como a sua mulher», sejam eles rapazes ou raparigas, pois consideram que eles constituem «uma maneira de completar a relação do casal».

Durante toda a gravidez da mulher, «as suas fantasias referem-se sobretudo ao físico do ser engendrado», e gostaria que, «se for menina se pareça com a mãe, e que no carácter tenha as melhores características de cada um».

A única coisa em que a situação não mudou, referiu Alberoni, é que «em relação à filha espera que seja bela, e ao filho, que seja inteligente».

Em contrapartida, deseja ser «um ponto de referência para a filha e um amigo e companheiro para o filho», o que indica, na opinião dos peritos, uma mudança notável relativamente ao passado.

O «homem novo» acha que os seus filhos «têm necessidade dele a partir do momento em que nascem», e que é imprescindível

«compartilhar com a mulher todas as tarefas relativas à educação».

É partidário de uma educação «compreensiva e baseada no diálogo», e ainda que possa sentir-se inseguro neste domínio, acha que «tem que fazer o esforço e tentar uma participação plena».

Acha, além disso, que é necessário «dar aos filhos de ambos os sexos o mesmo tipo de educação sexual, antes de entrarem na puberdade».

Segundo foi dito durante as jornadas de trabalho, é importante esclarecer que a sondagem foi levada a cabo entre 160 médicos de ambos os sexos, «e que a convergência das respostas foi de cerca de 40 por cento dos casos».

O psicólogo norte-americano George Abraham, que trabalha na universidade de Genebra e participou no encontro, destacou, por seu turno, que na consulta clínica surge, contudo, e com bastante frequência, «a insatisfação da mulher, que agora se queixa porque, respeitoso, de cada vez que ela lhe diz «não», ele não insiste o suficiente».

(Margarita Galvan — IPS)

Os mistérios dos cachalotes

Datam dos tempos da Antiguidade as lendas fantásticas sobre os cachalotes. Foi precisamente contra um cachalote que o lendário Perseu lutou para salvar a bela Andrómeda.

Durante séculos, o cachalote foi considerado um dos animais mais misteriosos e, ainda hoje, o seu modo de ser e de vida tem muitos aspectos desconhecidos. Só muito recentemente, a partir de 1981, quando oceanólogos de diferentes países, a bordo do navio de investigação «Tulipa», de origem francesa, começaram a recolher dados sistemáticos sobre este grande animal marinho, se desvendaram alguns dos seus segredos.

O navio de investigação foi equipado com uma aparelhagem hidroacústica altamente sensível, que permitiu aos cientistas gravar numa fita várias «conversas» entre cachalotes. Verificou-se, por exemplo, que eles produzem um som cantante. Vulgarmente, pode-se ouvir um estalido por segundo mas, no momento da caça, o seu ritmo aumenta para três estalidos por segundo.

Como demonstraram as investigações, esta é uma forma de comunicação entre os cachalotes. Pode-se pensar, «a priori», que os cachalotes «falam» uns com os outros, mas isso não corresponde à realidade. Os tais estalidos permitem apenas que eles se conheçam uns aos outros.

Segundo afirmam os cientistas, cada cachalote tem uma forma ou «estilo» específico, o que confirma o carácter individual das séries de estalidos. Os oceanólogos referiram o caso de



um pequeno cachalote inepetente que foi de encontro ao fundo do iate (quando o sistema hidroacústico estava ligado), pensando provavelmente que o barco era a sua mãe.

A comunicação rudimentar entre os cachalotes obriga os cientistas a pressupor a existência de formas mais complexas de «vida social» entre eles, mas isso não foi comprovado até hoje. Inclusive, assinalaram-se vários casos de ajuda mútua entre estes animais.

Os zoólogos também ainda não conseguiram descobrir o papel que desempenha o chamado «cesto» existente na parte superior da testa do animal, e que está cheio de espermacete (branco-de-baleia) gorduroso, de grande valor.

Ainda recentemente, pensava-se que esta massa de gordura seria uma espécie de reservatório de oxí-

génio. As investigações modernas levam-nos a crer que essa «almofada», pelo contrário, desempenha o papel de câmara acústica, que lhes permite, através da emissão e recepção dos sinais sonoros, escutar o ritmo pulsatório do oceano.

Certamente que ainda é cedo para tirar conclusões finais. Todavia, a expedição acumulou material bastante valioso num espaço de apenas três anos.

De futuro, os cientistas deverão procurar a resposta para a questão da forma como os cachalotes conseguem realizar mergulhos recordes, em profundidade e duração, como determinam a orientação durante as suas migrações e quais os hábitos e condutas em grupo destes mamíferos de quase 20 metros de comprimento, que não deixam por isso de ser graciosos e flexíveis.

(NOVOSTI)

É João Jardim quem o afirma

Eanes deve demitir o Governo se julgar caso disso

O presidente do Governo Regional da Madeira considerou que o Presidente da República deve demitir o Governo «caso chegue a conclusão que as instituições democráticas estão afectadas».

«Uma intervenção presidencial, se a houver, só será legítima, do meu ponto de vista, se for o início de um percurso que leve à alteração do sistema», acrescentou.

Alberto João Jardim, que falava numa entrevista transmitida na edição de sábado do programa «Nem Mais Nem Menos» da RDP-Antena Um, sustentou que a classe política actual «é formada por homens com um exacerbado culto da personalidade e com uma vaidade extrema». «Vivem em gaiolas douradas e são incapazes de reconhecer nos ou-

tros qualquer razão. Falta humildade aos Narcisos da nossa classe política», sublinhou.

Referindo-se às relações do Governo Regional da Madeira com o Executivo central, Jardim disse que elas traduzem «um pouco a expressão daquilo que este País é, e acrescentou que «talvez os resultados eleitorais registados no arquipélago, em Outubro, não tenham agradado a Mário Soares».

Sobre as próximas eleições presidenciais, João Jardim afirmou que «um militar a apresentar, neste momento, pelo PSD, seria o Octávio Pato que Mário Soares precisaria para fazer das eleições um simples passeio». «Há dirigentes no PSD, alguns dos quais no Governo, que têm ampla solidariedade política pes-

soal para com Soares e não se pode pensar que estejam muito empenhados em encontrar uma solução que possa competir a sério com o actual Primeiro-Ministro», sublinhou.

O chefe do Executivo madeirense defendeu depois que o candidato a apresentar pelo seu partido «deve surgir de um referendo às bases do PSD, naquilo que seria uma espécie de eleições primárias». «Trata-se de um mecanismo que está consagrado nos estatutos, mas que não está regulamentado».

Referindo-se à formação de um novo partido em redor da antiga CNARPE, Jardim defendeu a sua institucionalização «para que deixe de ser um agrupamento à laia de pessoas que dão bocas, mas de quem não estamos a ver a verdadeira cara e intenções».

Tribunal Constitucional volta a estar completo

A Assembleia da República elegeu na sexta-feira da semana passada o juiz desembargador António Luís Correia da Costa Mesquita para conselheiro do Tribunal Constitucional. Este magistrado vai ocupar o lugar deixado vago por Costa Aroso, que faleceu em 25 de Agosto de 1984.

O Tribunal Constitucional é constituído por 13 juizes, dez dos quais eleitos pelo Parlamento e três cooptados pelos eleitos.

Integram-no Marques Guedes, Monteiro Dinis, Jorge Campinos, Cardoso da Costa, José Magalhães Godinho, Luís Nunes de Almeida, Caldeira Bento, Raul

Mateus, Vital Moreira e Costa Mesquita. A excepção deste último, todos os outros conselheiros do TC foram eleitos em 22 de Novembro de 1982. O Presidente da República empossou o Tribunal, nascido na revisão constitucional de 82 para substituir a Comissão Constitucional, a 6 de Abril do ano passado.

Vida dos portugueses residentes em Moçambique tem de ser preservada

— diz o autor da queixa contra a Renamo

«O mínimo que se pode exigir do Governo é que se interesse pela vida dos portugueses que se encontram em Moçambique», afirmou-nos o irmão de Arnaldo dos Santos, morto a tiro pela Renamo (Resistência Nacional Moçambicana) em Setembro de 1984 e que na quarta-feira passada entregou, na Procuradoria-Geral da República, uma queixa-crime contra cidadãos portugueses que se intitulam dirigentes daquela organização. Conforme noticiámos na altura os visados pela queixa são Evo Fernandes, secretário-geral da Renamo, Jorge Correia, delegado do movimento para a Europa, e Paulo de Oliveira, jornalista de um matutino da capital. Os três são acusados, entre outros crimes, de homicídio qualificado.

Para o irmão de Arnaldo dos Santos, com quem falámos, é indispensável evitar mais incidentes iguais ao que vitimou o seu familiar. «Eliminar as actividades dos membros da Renamo em território português» seria, no seu entender, um passo nesse sentido e por isso apresentou a queixa-crime.

«Tudo isto está mal — disse-nos, à laia de desabafo — exis-

tem portugueses que impunemente reivindicam, em Portugal, a morte de outros portugueses que estão em Moçambique e que não são culpados da política actual desse país. Se tiverem de reivindicar alguma coisa que não seja pelo menos a vida de portugueses que lá estão».

Arnaldo dos Santos foi morto a 29 de Setembro de 1984 quando se dirigia no seu carro da África do Sul para Maputo. A sua família soube do sucedido por uma notícia difundida pela ANOP e foi através da mesma agência que teve conhecimento de que o atentado de que foi vítima o seu familiar tinha sido reivindicado pela Renamo. «O meu irmão ia sozinho no carro — ele andava sempre só — quando foi atingido por tiros. Depois incendiaram o veículo e ele ficou carbonizado», contou-nos o nosso interlocutor, para acrescentar: «quando foi o funeral exigi que abrissem a urna. Lá dentro estavam uns ossos irreconhecíveis. Nem se podia dizer se eram de pessoa ou não... Aqueles ossos não me dizia nada. Numa urna com perto de 300 quilos, o que lá estava dentro talvez nem chegasse aos dois quilos».

Sobre a transladação do corpo

de Moçambique para Portugal existe ainda um episódio que está por esclarecer. Segundo o irmão de Arnaldo dos Santos, junto com a certidão de óbito vinha o aviso de que uma pessoa, de nacionalidade indiana, haveria de marcar um encontro com a família para explicar o sucedido. Até agora não foram contactados, mas há quem diga que essa pessoa assistiu ao funeral. Existe, no entanto, outra versão, disse-nos, a de que «ele teria sido visto em Mocoamba (área onde vivia o falecido) onde teria sido preso por elementos da Renamo».

O irmão, o nosso interlocutor contou-nos que ele tinha estado em Portugal em Agosto. «Estávamos poucas vezes juntos. Mas desta vez fomos jantar... Pouco tempo depois ele foi morto». Agente comercial em Moçambique, onde se encontrava há cerca de 11 anos, Arnaldo dos Santos fazia, segundo o seu irmão, viagens frequentes entre Joanesburgo e Maputo. Foi numa delas que viria a ser surpreendido por um ataque de um bando pertencente à Renamo. Tinha 42 anos, estava divorciado e a sua ex-mulher e a filha, de 14 anos, vivem actualmente na Alemanha.

Portugueses regressaram da Tanzânia

Detidos cinco meses afirmam-se inocentes

Os quatro portugueses regressados no sábado da Tanzânia, onde estavam detidos há cinco meses, rejeitaram categoricamente em Lisboa o comunicado do Governo daquele país que os acusa de perturbarem a situação na África Austral.

Em nome do grupo, Adelino Serras Pires, o mais velho, disse à imprensa que não aceita a afirmação tanzaniana de que os quatro só foram libertados agora por motivos humanitários e atendendo à intervenção pessoal do Presidente Ramalho Eanes.

Serras Pires afirmou que os quatro caçadores-guias vão trabalhar para ilibação dos seus nomes de quaisquer suspeitas de se terem envolvido em actividades menos lícitas.

Por outro lado, declarou agradecer em primeiro lugar ao Presidente da República a intervenção efectuada no sentido de obter a libertação de todos eles.

Depois disso agradeceu as intervenções do Primeiro-Ministro, do ministro dos Negócios Estrangeiros, do embaixador Fernando Reino (que em nome do PR e do Governo os foi buscar a Dar-es-Salam), do deputado pela emigração José Gama, que em Dezembro fora visitá-los na cadeia, e do secretário da Embaixada portuguesa em Maputo.

Luis Barreiros, que também chegou a visitá-los.

Adelino Serras Pires, seu filho Adelino Serras Pires Júnior, o sobrinho Carlos Cardeano e um amigo, Rui Monteiro, afirmaram que em dada altura estiveram cerca de 50 dias em Moçambique, com os olhos vendados e algemados.

«Fomos torturados, humilhados e vexados durante estes meses. Mas neste momento não estamos em condições físicas e psicológicas de dar pormenores», disse Adelino Serras Pires, que, tal como os outros, chegou a Lisboa acompanhado pelo embaixador Fernando Reino, em cuja residência de Genebra passaram a noite de sexta-feira para sábado.

A Presidência da República fez-se representar à chegada pelo chefe da Casa Civil, dr. Caldeira Guimarães e pelo acesor diplomático, Castro Mendes, enquanto o Primeiro-Ministro delegou a sua representação ao acesor diplomático, Nunes Barata, e no adido de Imprensa, Carneiro Jacinto.

O deputado centrista José Gama, também presente no aeroporto, conversou com a imprensa momentos antes da chegada do grupo e criticou fortemente o Ministério dos Negócios Estrangeiros, por alegadamente

pouco ter feito no sentido de assegurar rapidamente a libertação dos quatro homens.

Aquele deputado, que disse acreditar na total inocência dos detidos, contou ter ido à Tanzânia com as despesas pagas pela empresa do Texas para a qual eles trabalhavam, pois nem a Assembleia da República lhe dá ajudas de custo para este género de viagens, nem o CDS tem dinheiro para tal.

José Gama afirmou ter sido sobretudo a intervenção pessoal de Ramalho Eanes junto do presidente Nyerere, depois das garantias de inocência que ele próprio dera ao Presidente da República, que acabou por conseguir que os quatro caçadores-guias fossem libertados.

De sublinhar que na quinta-feira passada, a agência noticiosa oficial tanzaniana disse que o governo de Dar-es-Salam, ao libertar os quatro portugueses, esperava que Lisboa tomasse «todas as medidas possíveis para evitar futuros ataques dos seus cidadãos aos países da África Austral».

A agência referiu que os quatro caçadores-guias foram presos em Agosto do ano passado por «vários actos que cometeram ou tentaram cometer contra a segurança do Estado».

Brigadeiro Almendra deixa comando dos «páras»

O brigadeiro Almendra abandonou na quinta-feira o comando do corpo de tropas pára-quedistas. Este oficial, que há vários anos vinha ocupando aquelas funções passa à reserva e vai ser condecorado pelo Presidente da República.

Almendra deverá ser substituído pelo coronel François, um oficial também com grande prestígio na Força Aérea.

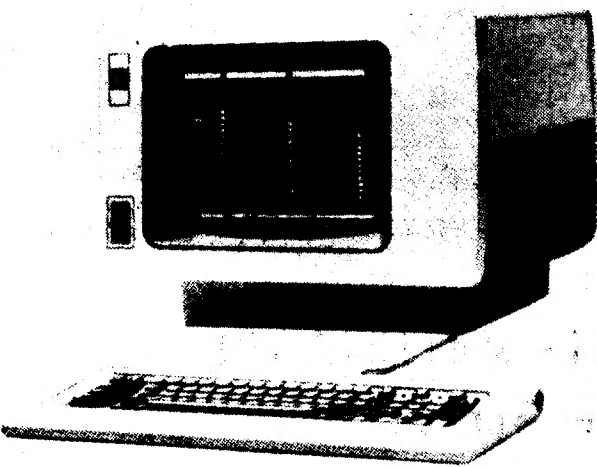
Entretanto, uma fonte militar garantiu-nos serem «completamente falsas», notícias postas a circular, segundo as quais, pára-quedistas de Tancos estariam a treinar homens da RENAMO.

Estas notícias, salientou-nos a mesma fonte, provocaram forte indignação junto de um corpo de tropas que reivindica «um elevado padrão ético de comportamento e se orienta no sentido de cumprir da forma mais eficiente, as missões que constitucionalmente lhe competem, rejeitando qualquer tipo de mercenarismo».

inglês para profissionais de informática

inglês para profissionais de informática

Inglês para profissionais de Informática



cambridge school

LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 173-1º — 1200 LISBOA — TEL. 53 34 73
 LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 173-1º — 1200 LISBOA — TEL. 55 47 80 — 55 47 89
 LISBOA: AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1º DIR — 1000 LISBOA — TEL. 88 45 44 — 89 96 01
 BENFICA: EST. DE BENFICA, 729-5º DIR — 1500 LISBOA — TEL. 70 43 29 — 70 36 38
 ALMADA: PRAÇA DO M.F.A., 12-1º — 2800 ALMADA — TEL. 276 02 34 — 275 32 18
 COIMBRA: PRAÇA DA REPUBLICA, 15 — 3000 COIMBRA — TEL. 3 49 69 — 2 92 85
 PORTO: RUA DUQUE DA TERCEIRA, 381-1º — 4000 PORTO — TEL. 56 03 80 — 56 11 30
 FUNCHAL: RUA DA CARREIRA, 240-1º — 9000 FUNCHAL — TEL. 4 37 18 — 4 10 67

inglês para profissionais de informática

inglês para profissionais de informática

Eanes no 4.º aniversário da sua reeleição

Cumprir um mandato até ao fim para depois cumprir um programa

«Muitos dos que estão aqui estiveram já comigo na eleição de 1976. Muitos têm a sua co-erência política radicada em posições e acções concretas anteriores ao 25 de Abril de 1974. Nenhum precisou de mim para se afirmar politicamente, e estou certo de que nenhum recebeu qualquer benefício material por me ter apoiado. Por isso, somos todos livres».

Estas palavras, pronunciadas por Ramalho Eanes quase no início do seu discurso durante o almoço comemorativo do 4.º aniversário da sua reeleição, realizado no sábado no Pavilhão dos Desportos, com a presença de cerca de 1200 participantes, pretenderam exprimir o espírito daquela comemoração e das pessoas que ali se encontravam. Não deixavam, todavia, de conter a severa crítica àqueles que perderam a liberdade, nos compromissos e na incoerência da baixa política.

A expectativa era grande em relação a este discurso. Embora fontes próximas da Presidência tivessem assegurado que não seriam polémicos os discursos pronunciados naquela comemoração, era evidente que também não seria de circunstância.

Não pode considerar-se de facto polémico o discurso do Presidente da República, mas foi suficientemente claro para se entender que ele não considera a sua missão cumprida com o final do mandato, e que continuará a sua acção política para tentar a concretização daquilo que prometeu aos portugueses no seu programa de recandidatura. Estas palavras, no actual contexto político, têm um significado concreto e foram de encontro ao que os seus apoiantes desejavam ouvir.

Temos as respostas necessárias

Eanes começou por uma espécie de balanço da sua actividade, sublinhando que tinham sido oferecidas as oportunidades possíveis para que as forças políticas legítimas se exprimissem, e para que os diversos poderes executivos encontrassem as respostas mais adequadas aos problemas nacionais. Mas reconheceu vivermos no entanto uma situação nacional «que todos sabemos ser marcadamente preocupante, apesar de não resultar de qualquer ameaça imediata e concreta ao regime democrático», e que, «pelo contrário, é o próprio funcionamento da democracia e das suas instituições que não tem correspondido ao que justamente todos esperamos».

Disse depois ser preciso enfrentar esta realidade sem receios ou bloqueamentos desmotivadores mas que, como em todos os outros momentos de dificuldades «temos nas nossas mãos e na nossa determinação as respostas necessárias». Advertiu, porém, que também era preciso não haver excesso de confiança, «pois esse seria o caminho mais rápido para novos fracassos quando, em boa verdade, já não há lugar para eles».

Ramalho Eanes aproveitaria esta parte do seu discurso para lembrar que embora as decisões sejam uma responsabilidade individual, as suas justificações têm que ser transmitidas à colectividade para que as finalidades e as limitações sejam compreendidas. «No quadro nacional — disse — e sempre preciso perguntar aos que ganham, o que fizeram da sua vitória». A partir deste conceito fez uma reflexão do que tinha sido a sua actividade, num estilo que, se tinha muito de balanço de final de um mandato, não tinha menos de projecção sobre o futuro.

«No fim de 1980, perda que foi a oportunidade de revisão das políticas económicas e sociais a propósito do primeiro acordo com o Fundo Monetário Internacional, era para mim claro que qualquer recuperação exigiria mais uma vez o empenhamento solidário dos responsáveis políticos.

E já nos primeiros meses de 1980 e para que, de nenhum modo, pudesse constituir uma dificuldade a esse empenhamento solidário, comuniquei aos responsáveis partidários mais significativos o meu propósito de não apresentar a minha candidatura, se eles próprios o fizessem.

Recusei então fazer da minha vitória, como alguns pretendiam e outros receavam, um ponto de arranque para novas transformações políticas. Podia tê-lo feito e não encontraria muitas resistências. Porém, não o fiz, porque acreditei que a minha reeleição, e o modo como fora obtida, apesar da oposição pública dos mais importantes dirigentes partidários, seria mais um indicador para que se compreendesse a necessidade de solidariedade entre os responsáveis políticos».

Revisão constitucional

A revisão constitucional, alterando o equilíbrio dos poderes entre o Presidente da República, o Primeiro-Ministro e o Governo, comprometeu, segundo Ramalho Eanes, a «possibilidade» e a «exigência» de entendimento institucional, permitindo «ou a subordinação passiva do Presidente da República, ou potenciando condi-

ções de conflito com as mais graves consequências».

Para o general Ramalho Eanes a solidariedade institucional nada resolve. «dado tratar-se de um mero pressuposto tático, cuja existência política real exige o rigoroso respeito das competências de cada órgão, e não — até por razões de dignidade institucional — um pacto de silêncio».

O Presidente da República falou depois da sua actuação nessa nova fase posterior à revisão constitucional. Explicou a dissolução da Assembleia da República em 1982 e referiu-se às oportunidades dadas às diversas forças políticas para «um novo começo, num outro quadro constitucional, com todos os responsáveis políticos dispondo já de uma experiência que lhes poderia permitir evitar os erros iniciais».

Recordou todavia ter salientado que aos partidos políticos, ao Governo e ao Parlamento competia a responsabilidade de provar a funcionalidade das fórmulas constitucionais que aprovaram mas que, se esses resultados fossem suficientes ou ineficazes, «outras soluções democráticas e novas realidades políticas» surgiriam no actual quadro constitucional, na sociedade portuguesa.

Mas seria desta vez que Eanes iria dizer claramente o que pensava fazer politicamente no futuro? Que iria dar o seu aval público a uma nova força política, embora dentro dos limites a que o remetem o facto de ainda não ter terminado o seu mandato?

Julgamos que todos os participantes naquele convívio entenderam mais ou menos o mesmo, nas palavras finais do general Ramalho Eanes quando ele assegurou que manterá o mesmo comportamento político até ao termo das suas funções, mas que não excluirá o exercício de nenhuma das faculdades que a Constituição lhe confere, «se e quando houver que executá-las».

E que não o fará por um acto de afirmação de poder pessoal, «nem obviamente por critérios estranhos à magistratura presidencial, mas no interesse do País e da democracia, após prudente ponderação das circunstâncias».

A finalizar, e depois de lembrar que no actual sistema constitucional não pertence ao Presidente da República participar positivamente na definição das políticas, nem exige a sua concordância e confiança política o programa, a investidura e a subsistência dos Governos. Eanes disse confiar nos portugueses para que «seja tornada realidade aquilo que dos propósitos da sua



Eanes no uso da palavra

candidatura venha a ficar por ser executado.»

Muito claramente afirmou: «Conto, terminadas as minhas actuais funções, poder continuar, em obediência a uma nova acção política, a prosseguir os valores que em 1980 nos reuniram. Tenhamos confiança. Com o vosso apoio, com ponderação e serenidade, tentaremos levar a sociedade portuguesa à defesa

dos valores, dos objectivos, das mudanças que a tomem mais moderna, mais justa, mais pacífica».

Além de Ramalho Eanes apenas usaram da palavra o prof. Adelino da Palma Carlos, mandatário nacional da CNARPE em 1980 e Ana Gonçalves, jovem advogada de 23 anos, que pertenceu às estruturas da campanha e agora se faz parte do movimento político em curso para a formação de um novo partido.

O discurso de Adelino da Palma Carlos foi o elogio de Eanes, a voz da reflexão ponderada, o conselho a Eanes para que tome «a rota que lhe parecer mais consentânea com o interesse nacional».

Mas foi também uma voz de

inconformismo e denúncia, ao lembrar que «o desemprego e a fome bateram já a muitas portas, a escalada de preços é constante, os tribunais perderam em prestígio o que não ganharam em eficiência, a instrução está desfeita e a burocracia aumenta em termos incontroláveis para satisfazer interesses partidários».

O almoço reuniu pessoas vindas de todos os distritos e personalidades de relevo na vida nacional.

Fialho Gouveia leu numerosas mensagens de felicitações vindas de todos os pontos do País, algumas de pessoas que, por motivos de doença ou outros, não puderam estar presentes. Foram os casos de José Oliveira Marques, Gustavo de Moura, director do Açoreano Oriental, Alfredo Calado, presidente da Câmara Municipal de Almeirim, prof. Luís Albuquerque, da Universidade de Coimbra, Fernando Azevedo, presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes, Cerqueira da Mota, Alexandre O'Neill, Orlando Seabra, Sérgio Machado dos Santos, Carlos Vilela, Eduardo Lourenço, etc.

Entre os presentes encontravam-se as personalidades mais diversas. Nomes como LLOYD BRAGA, Ferrer Correia, Natália Correia, Silva Lopes, Melo Antunes, Vítor Alves, Eduardo Prado Coelho, Adão e Silva, David Mourão Ferreira, Raul Solnado, Helena Cidade Moura, Domingos Moura, Vasco Graça Moura, Luísa Dias Amado, Daniel Amaral, Teresa Ambrósio, Carlos Candal, Kalidás Barreto, Daciano Costa, Jorge Figueiredo Dias, Ramon La Faria, Cunha Leal, Jorge Pegado Liz, Jorge Miranda, Manuel Figueira, Luiz Francisco Rebelo, Tomás Taveira e muitas outras constantes de uma lista difícil de referir pela sua extensão.

Eanes só abandonaria o Pavilhão dos Desportos cerca das 18.30, ao volante do seu carro pessoal, depois de ter convívio alguns momentos com o pessoal que serviu o almoço. Entretanto os participantes no almoço membros do secretariado nacional da CNARPE reuniram noutro local, para marcar a data da reunião de Tróia onde serão aprovados todos os documentos para a formação do novo partido.

Augusto Vilela



Mil e duzentos convivas no Pavilhão dos Desportos

Para aprovação do programa e estatutos

Reunião nacional da CNARPE

nos dias 23 e 24 em Tróia

A reunião nacional da CNARPE para aprovação definitiva do Programa e Estatutos realiza-se nos dias 23 e 24 de Fevereiro, em Tróia. A decisão foi tomada no sábado, no decorrer da reunião do secretariado nacional, realizada ao fim da tarde após o almoço comemorativo da reeleição do general Ramalho Eanes.

Prevê-se que esta reunião venha a ter várias centenas de participantes, dado que estarão presentes os membros dos secretariados distritais, um elemento de cada concelho e representantes da juventude.

Ao contrário do que tem sido por vezes afirmado em diversos meios, a reunião de Tróia não vai constituir a formalização do novo partido. O que se poderá dizer é que com a aprovação dos documentos essenciais, o Movimento ficará «pronto» em Tróia para ser partido. A sua formalização posterior é uma questão meramente técnica, acto que dependerá da estratégia que vier a ser definida, podendo afirmar-se com relativa margem de certeza que só será concretizada nas proximidades de um acto eleitoral. Na verdade, conforme diversos responsáveis têm frequentemente afirmado, o

partido apenas se forma por imperativo constitucional.

Na reunião de sábado os membros do secretariado nacional foram informados das conclusões do gabinete técnico que tem vindo a ocupar-se da escolha de um nome para o futuro partido. Diversos têm sido os anunciados, tais como Partido da Renovação, Partido de Acção Democrática, Acção Democrática Nacional, etc., mas, tanto quanto sabemos, não há decisões tomadas e são muitas ainda as dúvidas quanto à escolha a fazer entre os muitos nomes sugeridos.

EDUARDO SILVA, um dos libertados do "caso FP-25"

“Fui vítima de uma cabala”

Co mo se sente Eduardo Silva?

«Sinto u na espécie de apatia. Um indivíduo está meses à espera e tem informações de que a liberdade pode vir a qualquer momento. Vive na expectativa: hoje, amanhã, daqui a u na semana? Depois, diz n-lhe para aguardar mais algum tempo...»

Chegada a hora...

«Fiquei um tanto prostrado. Os outros abraçavam-me a chorar. Não estás contente? Finalmente livras-te disto... e eu sentia uma profunda tristeza e, talvez, um sentimento de culpa porque me vinha embora, enquanto os meus companheiros permaneciam sabe-se lá até quando...»

Supunha transpor as portas da Penitenciária, no Natal, como sucedeu com Teresa Rosa. Não saiu. Pensou comemorar a data do seu aniversário - 17 de Janeiro -, com a família, em casa. Não saiu. Em 22, na passada segunda-feira, veio a ordem aguardada. Era a libertação com carácter definitivo, terminara um pesadelo de sete meses. A Eduardo Silva, de 38 anos (engenheiro químico e empresário) no despacho de pronúncia final, do processo das FP-25, cabem estas simples linhas: **não acusado**. E agora? Como lhe pagar o tempo perdido? «E minha intenção mover um processo ao Estado português com pedido de indemnização. Pode arrastar-se por um, cinco ou dez anos, não importa... sei que o vou ganhar, aqui ou nas instâncias internacionais. E mais: a verba pedida vai ser indexada à taxa de inflação oficial defendida pelo Banco de Portugal e pelo Instituto Nacional de Estatística.»

Eduardo Silva não perdoa lapsos, deslises, enganos deste teor. E que com a vida das pessoas não se brinca. Considera-se lesado, tanto a nível psicológico como no profissional. Considera-se vítima de uma cabala: te uma montagem tenebrosa. Coisa que, com mérito para o advogado Duarte Teives, foi rigorosamente desmontada e reduzida a nada, na instrução contraditória.

Engano

Doze de Dezembro: numa sala (4.ª Juízo de Instrução Criminal), para as bandas do Conde de Redondo, discute-se, horas a fio, o «crime» do engenheiro Eduardo Silva sobre quem recaem gravíssimas acusações. Eis algumas: elemento de ligação entre as FP-25 e a organização basca ETA, proprietário de uma casa, na Arrábida, onde se realizavam reuniões clandestinas com a presença de Otel

Saraiva de Carvalho que, umas vezes, se deslocava de «Lamborguine» e, outras de helicóptero. O aparelho aterrava numa pseudopista em frente da casa do arguido - isto, segundo os autos.

Confrontados os depoimentos, sobretudo os do casal Barradas (José Rosa Barradas e mulher), esmiuçadas as suas declarações, o juiz Almeida Cruz chega à conclusão de que as contradições eram mais que evidentes. Ai: **Nada a fazer, isto contradiz tudo o que foi afirmado até agora...** Cinco ou seis advogados, a delegada da Procuradoria-Geral da República, o dinâmico juiz Eduardo Silva e os seus acusadores eram os protagonistas da reunião de 12 de Dezembro.

Interrupção para jantar. Acorda-se que a acarição continuaria às nove e trinta. Mais umas horas se consumiram no apuramento da «verdade». A uma da manhã, novo intervalo, pois o esgotamento já se apoderava dos intervenientes.

Por fim, a mulher de Barradas, após uma troca de palavras, em gabinete, com um agente da CSB, confessa ter-se enganado, em factos e datas. **Tanto ela como o marido acabaram por dizer que eu não pertencia à organização.** Eduardo Silva e o seu advogado respiram, talvez, de alívio.

E que tal o juiz Almeida Cruz?

«Umaz vezes amável e outras agressivo...»

Eduardo Silva define-o como uma pessoa autoconvencida, insegura, com uma frustração de vivência. Na entrevista, ao «Diário de Lisboa», assume-se como um potencial mártir e, depois, no almoço com o «Expresso», diz que anda com várias armas à volta. Penso que é um homem imprevisível e que age bastante pela simpatia. Estou-me nas tintas para os laivos de esquerda que atravessam o seu perfil. E, na prática, que as pessoas mostram o que realmente são. Pode ter os seus problemas mas quem tem na mão a vida e o bem-estar de muita gente não deve cristalizar as suas taras em cima dos outros.

Quanto ao comportamento (no seu caso) da delegada Maria Cândida de Almeida, Eduardo Silva, reconhece-lhe alguma

correção. «Como sabe as organizações clandestinas têm necessidade de casas fora dos centros urbanos... Porque vendeu a casa que possuía, no Barreiro, e comprou, uma outra, na serra da Arrábida?» - pergunta-lhe.

Resposta lógica e clara.

Já foi alguma vez ao Barreiro? Já foi alguma vez à Arrábida? Se lhe aparecesse a oportunidade de sair do elemento poluído para viver numa casa com vista para o mar, o que fazia? Julgo que possuir uma casa em frente do mar corresponde ao sonho de qualquer cidadão português. Desvendou-se, assim, o «mistério» da casa da Arrábida, que nos autos surgiu com uma dimensão desmesurada.

Emocionado, nervos ainda tensos, Eduardo Silva conta, com inúmeros detalhes, a sua experiência. As lutas, os mal entendidos, as diligências para fazer valer a sua inocência. Houve um certo ressentimento por eu ter recorrido à instrução contraditória. Aliás, fui o único que assumiu a vontade de o fazer num plenário que, durante a greve da fome, realizámos em Caxias. Os meus companheiros manifestavam uma opinião contrária à minha...

Face ao «ridículo» das acusações, Eduardo Silva, que parece ser um homem obstinado, resolveu contraditar. Indignam-no os sistemas, quer prisional quer judicial, que contactou directamente e, em cuja expressão, se viu envolvido. Estive desde 19 de Junho, o dia da minha prisão, até 12 de Dezembro sem ser ouvido. Respondi, apenas, a algumas perguntas formais, perante o juiz de instrução criminal.

«Conhece o major Otel Saraiva de Carvalho?»

Introduziu na resposta uma emenda: **sim conheço o tenente-coronel Otel Saraiva de Carvalho e sou amigo dele.** O que correspondia à realidade. Ou será crime conhecer Otel?

Beco

Quando fala do que viveu, de lata revolta: quando se refere aos seus companheiros, denuncia ternura e solidariedade. Sentimentos edificadas, a cimento, nos meses de convívio, e no facto de se encontrarem juntos no mesmo barco. A cadeia marcou-me muito. Andou sempre, ali, um estado psicológico que tentávamos camuflar e superar. Havia moços que afirmavam com raiva; quem atirar-nos para o buraco, o

beco sem saída...

Engrossar as fileiras das FP-25?

Sim, provocar o que justifica a Polícia: os alargamentos de quadros, as ajudas de custo, os carros, as autonomias... os orçamentos não controlados. Sabe-se que os elementos da DCSB, onde por acaso estão alguns ex-pides, nomeadamente Sousa Gomes que foi inspector da Pide, em Benguela, ganham mais 20 por cento que os outros polícias da Judiciária.

A fim de desfazer equívocos, arrasar construções maléficas. Eduardo Silva pediu a companhia, na instrução contraditória, de Noé Rodrigues, ou melhor, de Nuno Rebocho (ex-militante de uma organização maoísta) articulista, escondido debaixo do citado pseudónimo, no jornal «O Diabo». Infelizmente o juiz achou não haver interesse na convocatória. Concordante, a dra. Maria Cândida de Almeida comentou: **o que esses senhores dizem não tem interesse para o processo...**

Mas para Eduardo Silva tinha É que Nuno Rebocho estava em condições de esclarecer algumas das dúvidas que lançou sobre o papel, desempenhado pelo acusado, na cooperação com os novos países de expressão portuguesa, com especial relevo para Moçambique. Durante os últimos anos desenvolvei actividades comerciais, culturais e diplomáticas com a República Popular de Moçambique. Sou pessoa bem vista lá, amigo de alguns ministros... gostam um bocadinho de mim.

Com efeito em 81-82, pedem-lhe para no âmbito da cooperação, desbloquear alguns problemas. Havia planos de cooperação que abrangiam as áreas da construção civil, transportes, da agricultura e do turismo. Um programa susceptível de concretização. É aqui que se encaixa a figura de Nuno Rebocho. Sendo homem de confiança dos meios governamentais (trabalhou com Viana Baptista, no Ministério dos Transportes, com quem mais tarde continuaria a colaborar na ANA Aeroportos e Navegação Aérea) esta inquietante personagem, não resisto a adjectivá-la, promoveu almoços e reuniões entre Eduardo Silva e representantes do Governo.

«Que relações tinha com Nuno Rebocho?»

Estas: apresentou-me a João Goulão e Prates Canelas, tudo gente da esquerdíssima!... Estavam empenhados em projectos agrícolas e pecuários. Falei também com Nuno Rebocho, nas questões das pescas, sobre programas de cooperação com a Guiné-Bissau, Costa do Marfim e Benim. E curiosamente, num almoço com o secretário de Estado das Comunicações em que ele esteve presente, foi-me proposto o boicote da Rodoviária através de uma empresa ligada a aquele membro do Executivo. Estabeleceram, por outro lado, contactos comigo visando a cooperação no domínio do turismo, no tempo de Nandim de Carvalho... e outras coisas.

«E depois?»

...Nuno Rebocho foi o intermediário de um convite para me deslocar à Gomes Teixeira, um mês antes da visita de Ramalho Eanes a Moçambique. Recusei porque estava de «jeans» e sandálias... e marquei encontro depois com os assessores de Pinto Balsemão no hotel Florida. Comunicaram-me que o então Primeiro-Ministro, gostaria que eu fosse portador de uma mensagem para Moçambique.

«Outros empresários incumbem Eduardo Silva de lhes resolver alguns assuntos, anteriores à independência de Moçambique. Neste sentido decorreram as conversas que teve num escritório de advogados da Rua Duque de Loulé, nomes da política do Governo da direita. Como, por exemplo, Lucas Pires, Nandim de Carvalho, Manel José Homem de Melo. Este último, solicitou-lhe que esclarecesse junto das entidades moçambicanas a sua posição de accionista, na fábrica Texlon, situada a poucos quilómetros do Maputo.

«Mas qual o papel de Nuno Rebocho no meio de tudo isto?»

Tinha contactos íntimos a nível negocial... Entre os projectos havia um, relativo à construção de um complexo agro-industrial, para transformação de tomate, laranja e ananás. Informei-o da existência de uma empresa basca que já tinha fornecido fábricas a Cuba. Tratava-se de uma empresa com

uma tecnologia perfeitamente testada e cumpridora dos contratos, qualidades que mereciam confiança a Moçambique. «Então...essa é a história da ETA?»

De facto, a empresa pretence a um grupo basco liderado por 105 cooperativas, com sede em Mandragon (Arrasate), e dona de um banco e da patente Fagor...Penso que ninguém ainda foi acusado de ter ligações com a ETA, por comprar frigoríficos daquela marca...

«Mas Noé Rodrigues ou Nuno Rebocho, confeccionou um artigo...»

Distorceu, malevolamente a realidade dos factos apresentando simples dados empresariais como conexões com a organização separatista basca, dando-lhe cariz político. Tentou induzir a Polícia e o poder judicial de que eu seria um elemento altamente colocado nas FP-25, encarregado das ligações...

Urdida a teia, enreda-se Eduardo Silva nela. Ora, a Polícia devia saber que ele se afastara da política, em 1977, depois de ter exercido cargos directivos no PRP. Segundo as suas explicações, em 1978, quando da operação desencadeada contra aquele partido, um belo dia, a seguir ao almoço, é preso (sem mandado de captura), pela Brigada de Assaltos a Bancos. Recordar-se, nitidamente, da conversa que teve com um tal inspector Catarino.

Danos

Mais ou menos esta: «Nós temos a filosofia do PRP e do seu funcionamento. Embora salvamos quem o sr. já não está ligado, também sabemos que tem conhecimento de alguns factos que nos interessam...» Perante este convite à delação, Eduardo Silva foi aos arames. Palavras ásperas. E, isto, é importante: ameaças. «Agora na contraditória pedi também a comparação do inspector Catarino.»

Nervoso, Eduardo Silva, embora limpo de acusações, depois de tudo deslindado, não esconde o que a «cabala» lhe trouxe de prejuízos. De danos morais e profissionais. «Penso que me vai complicar os negócios, o que se reflecte no aspecto material. Os meus contactos empresaria-

DUARTE TEIVES

“Impunha-se a instrução

«Fui para a instrução contraditória porque, para mim, é o movimento processual com maior amplitude de meios probatórios...» Diz o advogado Duarte Teives que, ao aperceber-se da «cabala» montada contra o seu constituinte, agiu no sentido de, conjectura a conjectura, insinuação a insinuação, indício a indício, fazê-la desabar. Ou seja: esvaziá-la do suco que lhe parecia imprimir credibilidade.

Prendem Eduardo Silva com base nas declarações de José Barradas. A partir daí escreveram na sua ficha: **membro das FP-25** ou da Organização (com letra grande) como são designadas no processo. «O primeiro vector da acusação era o Barradas; o segundo era a casa da Arrábida, devido ao depoimento da senhora que vendeu essa casa ao Eduardo, senhora, submetida, aliás, pela Polícia, a uma lavagem ao cérebro. Anteriormente a casa fora arrendada a uma editora que, segundo consta, fazia umas reuniões com gente jovem. Ora, os autos apresentam essas reuniões como reali-

zadas em casa do meu constituinte, com a componente Otel, o que era mentira». Afirmamos estas, contidas num papel, que a senhora assina. «Certeza» que, depois, desmente na instrução contraditória. «Mandam-na buscar, sob escolta, mas a Polícia, após um telefonema, diz que ela está em recuperação de um ataque cardíaco. Acabou por ser ouvida e foi tamanha a confusão que o juiz Almeida Cruz afirmou haver, ali, matéria para instaurar um processo à Polícia Judiciária».

Segundo Duarte Teives, vencida aquela ardilosa construção, estava ilibado em 50 por cento: Mas havia mais armadilhas. Entre outras, a da agenda. «Só me fazia lembrar a Pide com a história das agendas. Vem-se a provar que a agenda não lhe pertencia...» Na opinião de Duarte Teives não se nota grande evolução quanto aos métodos, de instrução preparatória, do tempo da Pide-DGS, para hoje. «A única diferença visível, para melhor, está na linguagem utilizada, onde se

mostra um certo respeito pelos direitos do cidadão. Mas no tocante à recolha do material probatório é... idêntico».

Má elaboração

O jurista, alude às ilegalidades cometidas, semelhantes ao tempo da Pide. «Não se compreende como é possível manterem-se os presos durante 23 dias incommunicáveis, sem os ouvir, com a excepção de Otel Saraiva de Carvalho ou de qualquer outro que, de memória, me possa escapar. Ora, isto poderia funcionar, quando muito, como manobra intimidatória, para se obter dos presos uma eventual confissão.»

Comparativamente aos métodos da Pide no que respeita ao arranque de confissões estes parecem ser mais civilizados. Ou não? «Tanto quanto se sabe, durante a instrução preparatória, não foram exercidas torturas físicas sobre os presos, embora se fale que, lamentavelmente, houve um ou outro caso de ameaça e mesmo de violên-



concurso



NOME
Idade Profissão
Morada
Localidade Cod. Postal
Telefone
Freguesia Concelho
Tem televisor? N.º Licença
ACOMPANHANTE
Idade Profissão

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex.



Conheço Otelio Saralva de Carvalho e sou amigo dele...

riais foram afectados. Admito que os meus parceiros, agora, possam ficar na dúvida, se pertenço ou não a uma organização terrorista. Tanto mais que tenho relações com uma classe média, receosa e sensível a um determinado tipo de imagem. No momento da minha prisão tinha um projecto entre-mãos e foi requerido para que eu pudesse trabalhar nele na prisão, o que o juiz Almeida Cruz não autorizou. Assim, eu e o meu sócio, perdemos um projecto de 300 e tal mil dólares.

Casado, pai de duas filhas (de nove e três anos), Eduardo Silva sentia-se mal, nas visitas da família, de quem o separava uma rede. Requereu ao director dos Serviços Prisionais para que os contactos se processassem noutros moldes, menos traumatizantes para as crianças. Indeferido. «No entanto mandam, compul-

sivamente, quatro indivíduos do processo para outras prisões, fora de Lisboa, onde as visitas decorriam sem os obstáculos que referi. Já agora gostaria de mandar um recado à Polícia... Digo que me sinto livre e consciente para prestar as declarações que entender ou manifestar a solidariedade com quem, onde, e quando, achar por bem...

Lágrimas assomam-lhe aos olhos: com as costas das mãos e, depois, lenço branco, limpa-as devagar. Incomodada com a cena, concentro-me no anel, de tartaruga, que sobressai num dos seus dedos. Entretanto no café, onde estamos, espiam-nos e nós sabemos quem são os nossos vigilantes. «Se me prenderem vão ter de me soltar de novo...», diz Eduardo Silva.

Lourdes Féria

contraditória"

cia».

Finda a instrução, elabora-se um documento com muitas páginas e muito estardalhaço, na imprensa, em redor dele. No entender de Duarte Teives as resmas de papel que constituem o Despacho de Pronúncia Provisória demonstram «uma má elaboração». Eis os seus argumentos: «versam factos genéricos sem alusão concreta a qualquer actividade criminosa, o que quer dizer que a pronúncia não refere as circunstâncias (tempo, modo e lugar) em que se efectuaram reuniões, se prepararam actos de violência terrorista, subversiva da ordem democrática estabelecida».

Duarte Teives conclui, que a instrução preparatória, para além de mal conduzida em termos dos direitos do homem, passou-os a ferro ou terraplanou-os, num desrespeito total por eles. «Não se viu celeridade na recolha de provas. Quando as mesmas não são obtidas, o dever de um juiz de instrução é não prolongar, relativamente aos argui-

dos, o período de prisão preventiva...

Satisfeito com o resultado dos seus esforços (Eduardo Silva veio para a rua sem acusação), Duarte Teives volta a insistir que neste processo se impunha, pelas suas características, a instrução contraditória. Fala de todo ele. Da peça global: «Defendi acerrimamente a instrução contraditória porque a Polícia não tem capacidade humana nem técnica suficiente para desenvolver, a curto prazo, a realização das diligências de provas. Aliás, penso que todos os advogados do processo deveriam ter feito o que eu fiz, a fim de ocuparem as entidades policiais com essas diligências... Assim, o que continha falhas foi agora completado na contraditória...»

E Duarte Teives, sorrindo... e depois sempre esteve convicto da inocência de Eduardo Silva.

L. F.

Júri decidiu ao longo de quatro semanas

“Barraquinha” tem a melhor caldeirada da Caparica

O júri do Concurso de Caldeiradas da Costa de Caparica pronunciou-se ontem sobre o que foi considerado como o melhor restaurante, entre os inscritos, na confecção daquele nosso prato típico. Os cinco elementos, entre os quais se contava Maria de Lourdes Modesto, estiveram, ontem, em dia de tira-teimas. Assim, fizeram a sua segunda visita à «Barraquinha», um pequeno restaurante local, que lhes confirmou as primeiras impressões. E consagraram este estabelecimento e a sua proprietária, Maria do Carmo Martins Coelho, como primeiro classificado nesta segunda edição do concurso.

No fundo, tratou-se de dar ânimo a uma forma de confecção que se insere na linha da simplicidade e da pureza. Uma opção que parece acertada, até indo ao encontro de palavras de Maria de Lourdes Modesto, ontem, ao jornalista do «DL»: Além do mais, em iniciativas deste tipo, trata-se também e sobretudo de educar...

As palavras da especialista têm todo o cabimento, numa altura e numa zona em que se reconhecem certas liberdades

pouco concordantes com a tradição da caldeirada portuguesa. Do inadequado e exagerado sabor a cominhos, à continuação, este ano, de uma outra em que as ervilhas constituem a novidade, aparece de tudo um pouco.

«O grande mal» — aprecia, para nós, Jorge Vieira, jornalista e membro do júri — «é o uso e o abuso das massas de tomate e de colorau em quantidades pouco equilibradas».

Trata-se de uma observação que, infelizmente, pela nossa observação, respeita a uma grande parte dos restaurantes concorrentes, este ano em número de 22 contra os dez do ano passado.

As consequências práticas da concretização desta iniciativa — da Junta de Freguesia local, apoiada pela Câmara de Almada e pela Região de Turismo de Setúbal — foram perfeitamente constatáveis ao longo destes últimos quatro fins-de-semana: milhares de pessoas acorreram à Costa de Caparica, fizeram bicha para provar a especialidade, animaram a vida, deram outra cor às ruas.

«Um outro facto — conta-nos

ainda Jorge Vieira — é que a maioria dos restaurantes chegava a Janeiro e tinha que despedir pessoal. Esta era uma época baixa, em que havia muito pouco a fazer...».

Alguns outros restaurantes agora consagrados até ao quinto lugar: depois da «Barraquinha», o «Atlântico» (onde ontem se repetiu uma prova para tirar dúvidas), depois o «Barbas», seguido do «Carolina do Aires» (com uma recomendação especial à sua sopa de peixe, alertamos nós) e, por fim, o «400». As menções honrosas foram distribuídas pelos seguintes outros restaurantes: «Mar Alto», «Lavrador», «Páteo Alentejano», «Varanda do Oceano», «Cacilheiro», «Praia Nova» e «Europa Mar».

Uma nota mais sobre o movimento obtido com esta segunda edição do Concurso de Caldeiradas da Costa de Caparica: foram confeccionadas, em quatro fins-de-semana (sábados e domingos), mais de 22.500 caldeiradas, tendo por base quase sete toneladas de peixe. As receitas arrecadadas pelos restaurantes, tendo por base os 400 escudos cada dose, deverá ter rondado os nove mil contos.



Há de tudo um pouco nas caldeiradas da Costa de Caparica: um reflexo das influências que os seus restaurantes vão sofrendo

Para renovação da sua prática profissional

Farmacêuticos querem acompanhar mais de perto a saúde do doente

O farmacêutico deve intervir de forma positiva na saúde do doente, porque o «diálogo farmacêutico-doente como prática diária, tendo em vista uma relação de ajuda, e por pressupostos básicos a competência do farmacêutico e o respeito pelos outros profissionais de saúde», é um dos vectores da sua actuação — afirmou uma das participantes no Encontro do Departamento de Informação e Divulgação Farmacéutica (DIFARMA).

Esta opinião foi emitida por Maria José Justo e veio a integrar o conjunto das conclusões a que chegaram os participantes nesta reunião do DIFARMA, na qual a renovação da prática profissional de farmácia, nomeadamente a do farmacêutico de oficina, foi o tema que mais ocupou os debates e as intervenções.

Disse ainda Maria José Justo que «a divisão da medicina em especialidades abre espaço à intervenção do farmacêutico, na

medida em que, muitas vezes, aos doentes seguidos por mais que um médico são prescritas medicações eventualmente incompatíveis». Por isso, deve caber ao farmacêutico, através do diálogo com o doente e de um contacto com o médico, «intervir de forma mais positiva na saúde do doente».

Os participantes neste Encontro do DIFARMA, que decorreu em Tróia no passado fim-de-semana, defenderam ainda a necessidade de implementar acções de formação contínua para a actualização técnico-científica de todos os profissionais de farmácia, incluindo os ajudantes técnicos, e a obrigatoriedade de indicação do prazo de validade em todas as embalagens de medicamentos.

Aprovaram também uma proposta no sentido de serem criadas etiquetas especiais com o nome do tipo de doentes a que se destina, ficando a saber, por outro lado, que um dos projectos em curso na Associação Nacio-

nal de Farmácias respeita à instalação de um sistema informatizado nas farmácias com acesso a um centro de dados sobre utilização e consumo de medicamentos.

O vice-presidente da ANF abriu a reunião do DIFARMA, que teve a presença do ministro da Saúde, Maldonado Gonelha, sublinhando na circunstância que o farmacêutico tem vivido essencialmente voltado para a manufatura e produção do medicamento (farmácia de oficina), mas com o aparecimento de um sector industrial autónomo o papel do responsável pela farmácia ficou de certa forma reduzido ao de vendedor de medicamentos. Em contrapartida — acrescentou Silveira Ramos —, o desenvolvimento e a crescente especialização da medicina e da farmacologia criaram um novo espaço de intervenção para o farmacêutico responsável pela fase de comercialização do medicamento e que é o da farmácia clínica».

APU em segundo, PS recua

PSD ganhou freguesia de Ponte de Lima

O PSD venceu ontem as eleições intercalares para a Junta de Freguesia de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo, num acto eleitoral em que o PS foi o grande derrotado.

Os sociais-democratas conseguiram 435 votos, seguidos da APU, com 386, do CDS (187) e do PS (102). Em relação às últimas eleições autárquicas, os socialistas perderam cerca de 100 votos e a APU 11.

PSD e CDS mantiveram prati-

camente a mesma votação, sem alterações significativas.

Para a presidência da Junta foi eleito o autarca social-democrata, João Pereira.

A abstenção atingiu cerca de 40 por cento (1887 eleitores inscritos contra 1147 votantes) e registaram-se 22 votos brancos e 15 nulos.

A eleição seguiu-se à demissão do executivo da Aliança Democrática, que alegou falta de

apoio da Câmara de Ponte de Lima.

PS ganhou em Caségas

O PS venceu as eleições para a Junta de Freguesia de Caségas, Covilhã, com 227 votos. O CDS foi o segundo partido mais votado com 217 votos, enquanto, a APU obteve nove.

O anterior presidente da Junta de Freguesia de Caségas era do CDS.

Analfabetos do Minho atingem 30 por cento

Trinta em cada cem pessoas com mais de 15 anos são analfabetas na região do Minho, revelou em Mnção o presidente do Centro de Estudos de Relações Internacionais da Universidade do Minho.

José Fernandes falava no encontro de escritores lusogalaicos e frisou que a Região do Minho, além de ser periférica, apresenta características sociais que «não são admissíveis em 1985».

«Trata-se de uma região que contribui com mais de 15 por cento para a industrialização do país», justificou o especialista em direito administrativo, informando que só no distrito de Braga existe mais de 30 por cento da actividade têxtil nacional.

Para José Fernandes «o Minho não é só o vira, o folclore ou o contraste da beleza natural, é também o desprezo a que está votada esta região em relação ao resto do país».

«Não basta inaugurar escolas e institutos, sem primeiro constatar a base de analfabetismo que existe na Região do Minho», reafirmou.

Amanhã, às 18 e 30 Antropólogo americano em colóquio no CNC

O antropólogo norte-americano Brian Juan O'Neill faz, amanhã às 18 e 30, no Centro Nacional de Cultura, um colóquio sobre o trabalho de campo que desenvolveu para elaborar o seu livro «Proprietários, lavradores e jornaleiros». Esta obra, investigada numa comunidade rural de Trás-os-Montes, foi recentemente publicada pelas Publicações D. Quixote, na colecção «Portugal de Perto».

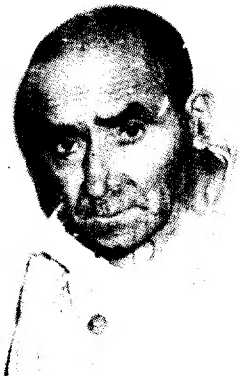
de ontem para hoje

Colombiana na Portela com cocaína para Barcelona

NO Aeroporto da Portela foi ontem detida uma jovem colombiana, chegada de Caracas num voo da TAP, que tinha em seu poder um quilo e meio de cocaína, no valor de quinze mil contos. A droga estava camuflada em duas caneleiras semelhantes às usadas pelos jogadores de futebol, ocultas pelas botas de cano alto calçadas pela colombiana. A detida afirmou pretender seguir para Barcelona, cidade onde a cocaína deveria ser entregue.

Doente mental e sem fala

No Centro de Saúde Mental de Faro encontra-se internado um indivíduo (foto), cuja identidade se desconhece, que sofre de uma afasia e não fala. Face a esta situação, o Centro solicita que qualquer elemento que possa conduzir à identificação do referido indivíduo devesse ser remetida para a Inspeção de Faro da Polícia Judiciária, através dos telefones 27701, 27702 ou 27901.



Televisor roubado em Matosinhos

Desconhecidos furtaram da sede do Grupo Desportivo de Gueifões, na Senhora da Hora, Matosinhos, um televisor a cores, avaliado em cem contos, e ainda vinte mil escudos em dinheiro. Os assaltantes introduziram-se nas instalações por arrombamento da porta principal do edifício.

Falsa protectora dos animais

Fazendo-se passar por membro da Sociedade Protectora dos Animais, uma mulher ainda não identificada provocou a morte de uma dúzia de galinhas, em Benfica, ao dar-lhes comida envenenada. Segundo queixa apresentada na PSP, a proprietária das galinaceos afirma que a envenenadora deveria ter agido por vin-

gança, dado que era normal aparecer no local com comida, destinada aos gatos vadios, que, por vezes, as galinhas depenavam. A queixosa referiu ainda o perigo que a comida envenenada representou para muitas crianças que costumam brincar no local (na Quinta da Casquilha) nas traseiras da Praça de Benfica.

Ajudante de motorista degolado

Quando dava indicações para uma manobra de marcha-atrás, o ajudante de motorista José Filipe Pinheiro Bértolo, de 33 anos, foi colhido por uma camioneta que lhe separou a cabeça do tronco. O acidente ocorreu no interior de uma garagem em Atalaia, no concelho de Alenquer.

Caça ao pombo trocáz na Madeira

A caça ao pombo trocáz foi aberta, no passado fim-de-semana, na região autónoma da Madeira, devendo prolongar-se pelos quatro domingos de Fevereiro. O pombo trocáz, cujo pescoço tem várias cores, vive nas serras daquele arqui-

pelago. Aos caçadores é proibido fazerem-se acompanhar de cães, sendo considerados em transgressão se encontrados na posse de qualquer peça de caça que não seja o pombo trocáz.

Afogado num tanque em Ermesinde

Após procurar trepar para o muro de um tanque público, em Ermesinde, um garoto de quatro anos, Carlos Sérgio Dias Gouveia, escorregou caindo a água e morrendo afogado. Retirado do tanque pela mãe, o pequeno ainda foi conduzido a uma clínica das imediações, onde chegou já sem vida.

Homenageados no Hospital de S. José

Três directores de serviço no hospital de S. José foram homenageados por ocasião da sua jubilação. Na cerimónia, presidida por Miguel Andrade, em representação do ministro da Saúde, foram condecorados os médicos José Jaures Julio da Silva Ramos Dias, Amílcar Ferreira Gonçalves e Hugo Heitor da Silva Gomes

com a medalha dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Estiveram ainda presentes o director da Comissão Coordenadora dos Hospitais Cívicos, Mateus Marques, um representante da Ordem dos Médicos e o presidente do conselho de gerência daquele estabelecimento hospitalar, Nuno Abreu.

Adolescente atropelado em Guimarães

Um adolescente de quinze anos, Jose Pedro Neves, foi atropelado por um automóvel, em Cruz da Argola, Guimarães, cujo condutor se pôs em fuga. Jose Pedro deu entrada com fractura craniana no Hospital de S. João, no Porto.

Esta madrugada, acção ainda não reivindicada

Três morteiradas contra navios da NATO atracados na Rocha

Três navios da NATO ancorados no Tejo escaparam esta madrugada a um atentado bombista cuja autoria se desconhece e que até ao fim da manhã não havia sido reivindicada. Três engenhos explosivos, ao que se supõe granadas (de morteiro ou bazuca) foram atirados contra as unidades da Força Naval Permanente da NATO no Atlântico, ancorados no cais da Rocha de Conde de Óbidos, mas não acertaram no alvo.

As três granadas teriam sido disparadas cerca das 3 horas do jardim «9 de Abril» (Janelas Verdes), perto da sede da Cruz Vermelha Portuguesa, caindo duas junto ao rebocador «Cabo da Rocha» e a terceira mais afastada, mas todas nas águas do Tejo, segundo informações das autoridades. Não se registaram vítimas

nem estragos materiais.

A Brigada de Minas e Armadilhas deslocou-se poucos minutos depois das explosões ao local, mas nem sequer vestígios dos disparos encontrou. No Cais da Rocha do Conde de Óbidos estiveram ainda elementos da Polícia Judiciária e da Direcção-Central Contra o Banditismo (CDBB), que se limitaram a recolher as mesmas informações da PSP, segundo apurou o «DL».

O resumo-se que os rebentamentos tenham sido de forte potência, uma vez que foram ouvidos em diversas zonas da capital, algumas delas bastante longe da Rocha do Conde de Óbidos, como Marquês de Pombal, Sadanha, Santa Apolónia e Oeiras, segundo indicações que por diversas vias chegaram até nós.

Tudo indica que as granadas, de morteiro ou bazuca, tenham sido atiradas das imediações ou do próprio jardim «9 de Abril» e que o seu alvo fossem os navios da Stanavforlant (Força Naval Permanente da NATO no Atlântico).

«Pelo facto de terem deflagrado na água, não foi possível avaliar até agora, com rigor, qual o tipo de engenhos utilizados. Mas sabemos é que não foram bombas de Carnaval», disse-nos esta manhã (com alguma ironia) uma fonte da PSP.

O rebocador «Cabo da Rocha» encontra-se ancorado no Tejo a alguns metros dos três navios da Força Naval Permanente da NATO, no Atlântico. Os dois explosivos que deflagraram perto de si, erraram bastante o alvo.

Um terceiro falhou por pouco: foi o que rebentou mais a Oeste.

É o terceiro atentado do género que ocorre em Portugal nos últimos tempos. Os dois primeiros tiveram como alvo a Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa e o Comando Ibérico da NATO, em Oeiras.

O atentado contra a NATO em Oeiras foi perpetrado em 9 de Dezembro e reivindicado pelas «Forças Populares-25 de Abril». Das quatro granadas de mão de morteiro lançadas contra o Comando da Área Ibero-Atlântica, apenas uma caiu no perímetro das instalações, danificando uma viatura.

O atentado bombista desta madrugada foi o sétimo registado nos doze últimos meses em Portugal.

Passagem aérea ou subterrânea

Assembleia Municipal vetou solução APU para Telheiras

A Assembleia Municipal de Lisboa, reunida na passada semana, vetou uma proposta da Aliança Povo Unido para a solução do problema de acessos à Escola Secundária de Telheiras. Os eleitos da APU voltaram a apresentar à AM uma proposta de 14 de Fevereiro de 1983, na qual se propunha à Câmara Municipal de Lisboa o desenvolvimento das acções necessárias ao nível de estudos, projectos e execução de obras para a construção de uma passagem aérea ou subterrânea para peões e, eventualmente, para motorizadas.

Para a APU a apresentação desta proposta, quando é anunciada para breve a conclusão da passagem aérea sobre a 2.ª Circular, visou sublinhar que as soluções já há muito tempo podiam ter sido encontradas. «Esta proposta nunca viu autorizada a discussão pelas maiorias conjuntas que se foram formando na Câmara Municipal de Lisboa», sintetizou para o «DL», Rui Godinho. «A última vez que tentámos discutir esta proposta foi 5 em de Novembro de 84, depois de ter ocorrido o primeiro atropelamento mortal», continuou aquele vereador da APU. «No entanto», prosseguiu, «uma semana depois, a 12 de Novembro, os vereadores do PS apresenta-

ram uma proposta de teor idêntico, mas que foi retirada depois do presidente Abecasis se ter comprometido concluir, até ao fim do ano, a instalação da passagem aérea. Aliás, o gabinete de apoio aos vereadores do PS confirmou a intenção de Abecasis, mandando uma carta ao Conselho Directivo da Escola Secundária de Telheiras, em que se prometia, até ao fim do ano, a instalação da ponte aérea.

Para Rui Godinho, há uma questão de fundo que não deve ser ofuscada: o planeamento e implantação dos equipamentos escolares em Lisboa. «Os melhores terrenos da cidade, e que fornecem melhores condições de segurança e acessibilidade, têm sido genericamente utilizados para operações fundiárias de dudoso proveito social», considerou. «Daí que os equipamentos escolares estejam instalados onde estão: trata-se de uma questão de planeamento global, da responsabilidade mista da Câmara Municipal de Lisboa e do Ministério da Educação: a CML dispõe dos terrenos; o Ministério constrói as escolas secundárias».

CDS pede explicações a Seabra

Em requerimento entregue na

passada sexta-feira ao Presidente da Assembleia da República, Anacoreta Correia, do CDS, pediu esclarecimentos adicionais ao Ministro da Educação sobre a situação na Escola Secundária de Telheiras.

O deputado centrista pergunta, nomeadamente, se a escolha do local para a implantação da Escola foi da responsabilidade da Câmara ou do Ministério, quais os dispositivos previstos para reduzir a perigosidade dos acessos, e quais as iniciativas tomadas pelo Ministério para a redução da perigosidade.

Anacoreta Correia questiona ainda sobre a existência, ou não, de um reforço policial, após os acidentes verificados, bem como na definição de competências na prevenção da segurança. Pontos como a situação da Escola Secundária de Telheiras em matéria de assaltos e roubos, o número de guardas e continuos são também contemplados no requerimento. Anacoreta Correia pergunta também se o Ministério da Educação desenvolveu alguma acção para familiarizar os alunos das escolas do País com a problemática do trânsito, e quais os planos de trabalho do Ministério com a Prevenção Rodoviária Portuguesa.

Concelho de Braga está sem carne de vaca

O concelho de Braga está sem carne de vaca, desde o último sábado, devido à posição dos agricultores da região que se recusaram a fornecer gado bovino para abate no matadouro municipal. O boicote não atinge o gado suíno.

Os agricultores, que se concentraram frente ao matadouro, no sábado de manhã, referiram que a sua decisão foi motivada pela dificuldade que têm sentido em preencher os papéis indispensáveis à obtenção das guias que acompanham o gado, na altura em que as mesmas são necessárias.

Essa dificuldade, segundo afirmou o seu porta-voz, Manuel Ferreira Martins, resulta do facto de os veterinários demorarem a ir vacinar o gado, quando para tal são solicitados. A mesma fonte contestou ainda o «baixo preço» porque são pagos os animais.

Fraudes na Segurança Social chegaram à Madeira

A fiscalização na área da Segurança Social detectou, em Dezembro de 1984, irregularidades no recebimento de abonos de família na Madeira soube a NP junto da Direcção Regional do sector.

As infracções entretanto corrigidas com o reembolso de quantias indevidamente recebidas, foram descobertas no decurso das 394 acções de fiscalização junto de beneficiários e contribuintes.

Foram, também, detectadas situações de recebimento indevido de pensões sociais, tendo sido feito acordo com os interessados no sentido de reposição das verbas na totalidade.

O serviço de fiscalização da Direcção Regional de Segurança Social dependente da Secretaria dos Assuntos Sociais, averiguou, naquele período, situações de baixa por doença a pedido de entidades patronais que suspeitavam de fuga indevida ao trabalho.

As acções de fiscalização que permitiram a detecção em 1984 de 242 contribuintes que não pagavam à Segurança Social, 106 dos quais já saldaram na totalidade a dívida e os restantes estão em vias de o fazer, serão intensificadas em 1985.

Além da anulação de todo o tipo de taxas

Minhotos e galegos defendem fronteiras efectivamente livres

A imediata criação de cadeiras de galego-português nas Universidades espanholas é uma das principais conclusões do Encontro de Escritores Luso-Galaicos que durante três dias decorreu em Melgaço e Monção onde teve a sua sessão de encerramento.

Das outras conclusões aprovadas neste encontro de escritores portugueses e galegos são o incremento das comunicações entre o Norte de Portugal e a Galiza, com a eliminação total e automática dos trâmites burocráticos na passagem das fronteiras e o desaparecimento de todo o tipo de taxas com vista a fomentar o desenvolvimento da cultura ibérica.

Os escritores presentes neste encontro aprovaram ainda uma proposta verbal de recomenda-

ção para que sejam anulados os diplomas do Governo galego que «atentam muito gravemente contra a unidade estrutural profunda da língua galego-português, tanto na sua dimensão diacrónica como sincrónica».

Os cerca de cem participantes portugueses e espanhóis exprimiram ainda a intenção de dar continuidade a iniciativas que permitam o intercâmbio cultural e científico e o conhecimento das diferentes realidades luso-galaicas.

O ministro da Educação (José Augusto Seabra) usou da palavra na sessão de encerramento propondo a realização de experiências de ensino conjunto da língua galega e portuguesa, exaltando a fraternidade luso-galaica e declarando-se pronto a apoiar a institu-

cionalização das relações luso-galaicas através de encontros semelhantes ao que no último fim-de-semana decorreu em terras do Noroeste Peninsular, promovido pelas Câmaras Municipais de Melgaço e Monção.

Depois de apelar ao renascimento da fraternidade e da immandade, José Augusto Seabra afirmou que «no momento em que Portugal e Espanha estão em fase de pré-adesão, esta seria a altura ideal para os galegos e minhotos iniciarem essa onda de fraternidade e de immandade».

O ministro da Educação anunciou ainda que está em fase de ultimização um projecto de intercâmbio universitário entre a Universidade de Andaluzia e de Lisboa,

Sete das vítimas estão gravemente queimadas

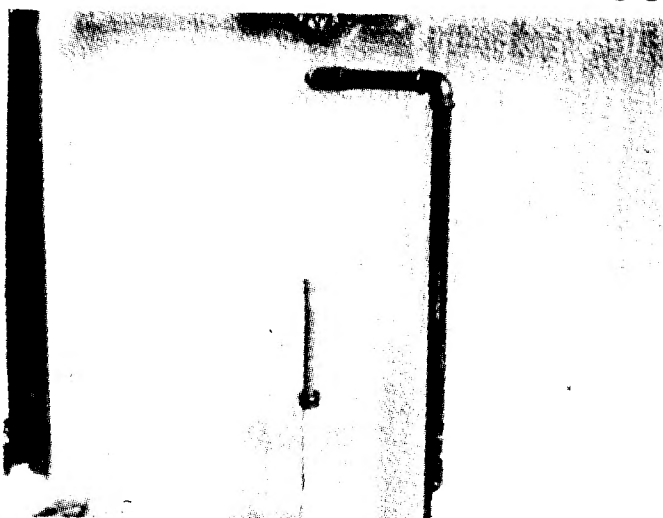
Aluna da Escola do Cartaxo mantém-se em estado crítico

A jovem Carla Araújo Branco continua «em estado crítico», enquanto outras sete vítimas da explosão de gás ocorrida na passada sexta-feira na Escola Secundária do Cartaxo estão gravemente queimadas e aos cuidados da equipa da Unidade de Urgência Cirúrgica do Hospital de São José. No Serviço de Queimados do mesmo hospital encontram-se ainda mais dez alunos, cujo estado de saúde, não tendo a gravidade dos anteriores, é também motivo de constante acompanhamento e preocupação.

Carla Araújo Branco sofreu queimaduras em 90 por cento do corpo e praticamente todas as suas funções estão artificialmente mantidas, sendo escassas as suas hipóteses de sobrevivência. A maioria das células foram destruídas e, por isso, a par das dificuldades respiratórias, problemas circulatórios estão a afectá-la.

Por seu lado, a professora Dália Belchior, submetida a meio da manhã de sábado a uma traqueotomia, reagiu bem ao tratamento, mantendo-se no entanto sob vigilância da Unidade de Urgência Cirúrgica.

Por fim, fora de perigo estão, em princípio, 11 dos estudantes.



O local do acidente

embora a evolução dos casos possa vir a conhecer complicações, como sucedeu a alguns deles, posteriormente transferidos da Unidades de Queimados para a Urgência.

Escola encerrada à espera de segurança

Entretanto, por decisão do ministro José Augusto Seabra, a Escola Secundária do Cartaxo

tem as aulas suspensas, até que sejam garantidas as condições de segurança. A meio desta manhã ainda eram esperados os técnicos da Petrogal e da Direcção-Geral do Equipamento Escolar que deverão proceder a uma peritagem sobre o estado em que se encontra a instalação de gás.

Neste aspecto, é referido que as torneiras podem ser retiradas com facilidade e, no sábado, o

próprio ministro da Saúde, que acompanhou o titular da pasta da Educação numa visita à escola, ficou com uma das torneiras na mão quando procedia a uma simples verificação.

João Mendonça, membro do Conselho Directivo da Escola, esclareceu esta manhã para o «DL» que, «na quinta-feira admitia-se que houvesse fuga de gás na sala; uma professora queixou-se à empregada, mas as torneiras de segurança estavam fechadas». No entanto, a mesma fonte precisou que na escola «não temos um sistema de segurança rigoroso». Neste aspecto, para um esclarecimento global da situação, convirá apurar o que se passou com os meios primários de combate a incêndio instalados na escola.

Segundo afirmou esta manhã ao nosso jornal Joaquim Mâncio, membro da Associação de Estudantes, e a primeira pessoa a prestar socorro aos feridos, «puxámos pelas mangueiras e elas não funcionaram». Caberá, agora, determinar, se foi por precipitação natural dos alunos, ou por deficiência estrutural, que o sistema, cuja utilidade no caso não seria decisiva, funcionava ou não.

Também não deixa de ser pre-

ocupante que, quatro anos após a sua construção, os laboratórios — últimas dependências a serem edificadas — não tenham sido inspecionados pela Direcção do Equipamento Escolar. Em declarações prestadas ao «DN» o presidente do Conselho Directivo referiu que também já há algum tempo não eram feitas visitas.

Durante a visita que fez ao Cartaxo, José Augusto Seabra deu, no entanto, um mau passo. Numa visita que seria naturalmente de informação, o ministro não quis ouvir os protestos de Paulo Rodrigues, dirigente do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, alegando que hoje receberá uma delegação da Federação Nacional dos Professores...

Esta tarde, nas instalações da escola, decorre uma reunião geral de professores onde serão prestadas informações sobre o desenvolvimento do caso. Todos os que directamente se encontram envolvidos no drama do Cartaxo, pretendem, como sublinhou ao «DL» Joaquim Mâncio, um apuramento total das responsabilidades.

«Há que atribuir responsabilidades a alguém», sublinhou aquele aluno.

Joaquim Mâncio salvou-a

“Ela estava de braços estendidos e queimados à espera de ajuda”

«Estava na Associação de Estudantes, que é numa sala ao lado de onde se deu a explosão; a porta foi pelos ares», o fogo entrou e os alunos gritavam a pedir ajuda». Palavras de Joaquim Mâncio, aluno do 12.º ano da Escola Secundária do Cartaxo, relatando os momentos dramáticos vividos naquele estabelecimento de ensino na passada sexta-feira, pouco depois da explosão de gás.

Joaquim Mâncio, mais de 48 horas depois do sucedido, fala

compassadamente de tudo o que viu. «Havia muito pânico... era uma tremenda confusão... queriam saltar pela janela».

No meio das línguas de fogo, Joaquim Mâncio e Guedes entraram na sala. Não consegue precisar quantos colegas tirou do braseiro. Entre dez a vinte... tirámos os que pudemos, os que tinham poucas queimaduras; só depois fomos lá dentro tirar os que estavam em estado mais grave... mas houve muitos que, coitadinhos, fugiram pelo seu pé». Os poucos instantes passa-

dos na sala em fogo causaram-lhe queimaduras nos dedos e no cabelo. «O Guedes também se cortou nos braços nos estilhaços de vidro». Mas, independentemente das consequências para si, Joaquim Mâncio relembra o filme: «a gente puxava por eles e, como não tinham roupa, era difícil». «Depois saltámos por uma janela do primeiro andar e voltámos a entrar em pânico quando pensámos que aquilo podia explodir, porque a canalização percorre toda a escola».

Enquanto os socorros se or-

ganizavam, no pátio alunos tentavam apagar as chamas rolando nas poças de água. Desta espera, que o dramatismo e a gravidade da situação fizeram longa, Joaquim Mâncio guarda uma recordação terrível, que nunca irá esquecer: «foi ver uma amiga minha, sentada junto à parede, à espera que a viessem buscar, os braços estendidos, todos queimados, a pedir ajuda...»



Joaquim Mâncio: «há que atribuir responsabilidades a alguém...»

Câmara de Coruche faz balanço provisório

Ascendem a mais de 60 mil contos os prejuízos das cheias do Sorraia

Ascendem a mais de 60 mil contos os prejuízos causados pelas inundações de Coruche, segundo divulgou a Câmara Municipal daquela vila. Em telex endereçado ao Primeiro-Ministro, o presidente da edilidade faz o balanço dos estragos. Deste modo, e apenas contabilizando os prejuízos sofridos pelo património municipal, o valor global dos mesmos atinge 65 mil e 35 contos, assim repartidos: pontões-630 contos; casetas de furos-450; estradas e caminhos-13.475; limpeza de arruamentos-6.000; desabamento de muros e taludes-6.500; destruição de calçadas, passeios e outros pavimentos-4050; estragos jardim municipal e parte baixa da vila (incluindo mão-de obra e bombagem de água)-900; apoio às populações na distribuição de materiais de limpeza-2500.

Entretanto, uma resolução aprovada em reunião, no passado sábado, da Assembleia Municipal, são apontadas algu-

mas das soluções que poderão pôr cobro à trágica situação de cheia no Inverno/seca no Verão que afflige aquela área. No primeiro ponto, a AM refere que a solução dos problemas é possível, se for levada em conta a proposta feita em 1977 pela Câmara Municipal de Coruche, nomeadamente a regularização de todo o Vale do Sorraia, pela definição das margens e desassoreamento do Rio Sorraia, Ribeiras da Erra do Divo, e construção de barragens e açudes em todo o vale. Essas obras seriam integradas no âmbito de uma política de gestão de recursos hídricos que ponha cobro às calamidades cíclicas que se abatem sobre aquela zona.

No comunicado, a Assembleia Municipal de Coruche, destaca o comportamento diligente da Rodoviária Nacional, Guarda Nacional Republicana, CTT, trabalhadores municipais, bombeiros, Serviço de Protecção Civil de Santarém e Associação de Regantes. No entanto, a AM subli-

nha que, até à data (passado sábado), outras entidades altamente responsáveis na matéria, como a Direcção Regional de Aproveitamentos e Hidráulicos - Direcção da Hidráulica do Tejo, ainda não apareceram. Por fim, o comunicado refere, ainda outros organismos, cuja colaboração foi pouco explícita, como o Serviço de Segurança Social e a Junta Autónoma das Estradas.

Alcácer do Sal: falta de informação

Também a Câmara Municipal de Alcácer do Sal, em comunicado divulgado na passada semana, lamenta que, mais uma vez, a edilidade, os bombeiros e as entidades policiais não tenham tido qualquer informação por parte da Associação de Regantes e a Câmara, sempre que se façam descargas nas barragens que possam pôr em perigo os haveres das populações de outras zonas. A Assembleia

órgão Conselho da Protecção Civil, tendo-se chegado à conclusão que é imperioso tomar algumas medidas para o estabelecimento de canais de informação entre a Associação de Regantes e a Câmara, sempre que se façam descargas nas barragens que possam pôr em perigo os haveres das populações de outras zonas. A Assembleia

Municipal exigiu também que sejam tornados públicos os critérios utilizados na gestão das barragens, bem como sejam implementados os estudos já exigidos junto do Poder Central com vista à realização de obras complementares das barragens, que permitam um melhor aproveitamento das águas e evitem situações de cheia.

Previsão do INMG

Chuva só voltará depois de quarta-feira

O estado do tempo nos próximos três dias reúne condições favoráveis à ocorrência de chuva nas regiões do interior Norte e Centro, prevê o Instituto de Meteorologia.

De uma maneira geral o céu apresenta-se pouco nublado, mas hoje surgiu, por vezes, muito nublado durante a madrugada e princípio da manhã, nas regiões do Norte.

Em contrapartida na quarta-feira poderá voltar a apresentar-se limpo. O boletim do tempo não faz alusão à ocorrência de chuvas até à próxima quarta-feira.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM



1

— Os Estados Unidos anunciam para o corrente ano o seu maior orçamento militar de todos os tempos. Este orçamento supera o anterior em qualquer coisa como vários biliões de dólares os quais serão utilizados, em grande parte, no domínio dos raios Laser, um domínio praticamente ainda por explorar e que abre infinitas possibilidades. O governo americano considera, no entanto, que este facto não alterará as negociações de desarmamento com a União Soviética.

2 — «Uma futura guerra poderá não assentar unicamente na bomba nuclear» — afirmou o secretário de Estado da Defesa estado-unidense, numa recente conferência da NATO — «A arma química tem ainda uma palavra a dizer e o governo do meu país abriu créditos praticamente ilimitados para a exploração desta arma». Tal facto, porém, e segundo observadores do Pentágono, não é susceptível de comprometer as negociações para o desarmamento que se reiniciam a 12 de Março.

3 — O porta-voz do presidente Reagan afirmou ontem que vai recomendar e vai mesmo intensificar-se a instalação de «Pershing-2» ao longo da fronteira com a União Soviética. Estima-se que, com a nova rede daqueles mísseis, os principais alvos militares da URSS, ficarão à mercê de um ataque devastador.

Na sua declaração, o porta-voz acrescentou que esse facto não porá de maneira nenhuma em risco as negociações para o desarmamento.

4 — Notícias oficiais divulgadas em Washington dão a perceber que se encontra em adiantado estado de concretização aquilo que já é conhecido como «a guerra das estrelas», algo que tem a ver com os cenários dos filmes de antecipaço científica. Os Estados Unidos controlarão todo o Espaço, a partir de satélites artificiais que poderão atingir qualquer ponto da União Soviética.

O governo americano sublinha, todavia, que tal facto não prejudica as próximas negociações com a URSS.

5 — A missão do «Space-Shuttle» terá finalidade puramente militar. Consistirá ela, numa primeira fase, em colocar um satélite-espião sobre o território da União Soviética. Aparahagem sofisticada permitirá captar todas as comunicações que se fizerem naquele país, incluindo as comunicações telefónicas. O governo americano teve, porém, o cuidado de declarar que este facto em nada vai alterar o seu desejo de se sentar à mesa das negociações para a paz com a União Soviética e que tudo fará para que elas sejam coroadas de êxito.

Concluída a missão secreta do Discovery

O vaivém espacial «Discovery» aterrou ontem, às 21h23 tmG na pista do Centro Kennedy, Florida, depois de concluir «satisfatoriamente» uma missão militar secreta — disseram fontes da NASA.

Porta-vozes da Agência Norte-Americana de Aeronáutica e do Espaço, presentes à chegada do «Discovery», negaram-se a dar pormenores sobre a missão limitando-se a confirmar a colocação em órbita de um satélite-espião.

Segundo um porta-voz da torre de controlo do Centro Kennedy, «a aterragem efectuou-se sem problemas, e os astronautas limitaram-se a receber as boas-vindas no regresso a casa».

O «Discovery» descreveu 48 voltas em torno da Terra e lançou no Espaço, sexta-feira passada, um «satélite-espião», o que constitui um acto sem precedentes nos programas espaciais norte-americanos.

O lançamento do satélite, cuja finalidade é captar sinais de comunicação e experiências com mísseis efectuadas pela União Soviética, foi revelado pelo «The Washington Post», na edição de quinta-feira.

Contrariamente às outras missões espaciais norte-americanas, a operação revestiu-se do mais absoluto segredo, que fontes do Pentágono justificaram alegando que não «pretendiam que a URSS conhecesse pormenores da missão».

O satélite lançado no Espaço pela tripulação do «Discovery» dispõe de um sofisticado mecanismo electrónico que permite captar sinais na Ásia, África e Europa.

As condições atmosféricas e as previsões meteorológicas previstas para hoje, data inicialmente anunciada para a aterragem da nave, motivaram a antecipação do regresso do «Discovery».

A nave entrou em território norte-americano pelo golfo do México, atravessando o Sul de Nova Orleans entrou no espaço aéreo da Florida e aterrou no Centro Kennedy, perante uma multidão de curiosos, que as forças de segurança mantinham afastados.

Sobreviventes voltaram a Auschwitz

Dezenas de sobreviventes do campo de extermínio nazi de Auschwitz refizeram ontem a «marcha da morte» da estação à porta do campo, para comemorar o quadragésimo aniversário da sua libertação pelas tropas soviéticas.

Os sobreviventes envergavam o fato as ricas com a estrela de David de cor amarela e desfilaram pelas ruas da pequena localidade, empunhando velas acesas numa manifestação silenciosa para exigir a extradição e o julgamento do médico do campo, Josef Mengele, supostamente refugiado no Paraguai.

Alguns dos sobreviventes que estiveram ontem em Auschwitz são irmãos gêmeos que resistiram às experiências que Mengele realizou com 1500 pares de gêmeos judeus.

A «marcha da morte», que lembrou a evacuação dos internados no campo de Birkenau para o campo principal de Auschwitz, durante a qual foram massacradas milhares de pessoas, encerrou os dois dias de comemorações da libertação do campo de Auschwitz, organizadas pelas autoridades polacas.

Bronfman vai a Moscovo

O presidente do Congresso Mundial Judaico, Edgar Bronfman, declarou ontem que visitará, proximamente, a União Soviética, a convite de dirigentes do Kremlin e pela primeira vez na História.

Em declarações à Imprensa, Bronfman acrescentou que a visita, prevista para meados de Março, terá por objectivo analisar questões relativas às restri-

ções que Moscovo coloca a emigração judia e à prisão de dissidentes judaicos.

Bronfman declarou que entregará às autoridades soviéticas uma mensagem do primeiro-ministro israelita, Shimon Peres, apelando para que a URSS tome parte nas negociações de paz para o Médio Oriente.

Desculpas

O chanceler austriaco Fred Sinowatz apresentou hoje desculpas ao Congresso Mundial Judeu pela recepção proporcionada pelo seu ministro da Defesa ao recém-libertado criminoso de guerra nazi Waler Reder, na passada quinta-feira.

Sinowatz não indicou se tencionava demitir o ministro da Defesa, Friedrich Frischenschlager, que recebeu o major Walter Reder no Aeroporto de Graz.

O Papa condenou o aborto na missa campal celebrada

Teologia da Libertação fica para círculos restritos

O Papa visitou ontem o centro petrolífero venezuelano de Maracaibo, depois de ter celebrado missa em Caracas, perante a assistência de mais de um milhão de pessoas, segundo cálculos das agências noticiosas.

Prossegue assim a 25.ª viagem, e 6.ª à América Latina, de João Paulo II.

Na celebração litúrgica de Maracaibo, o Papa saudou, de forma muito especial, os arcebispos de El Salvador e Nicaragua.

O Papa aludiu «as dificuldades» que atravessam os fiéis daqueles países, expressando uma «saudação especial» para os máximos chefes da Igreja salvadorenha e nicaraguana.

Junto do Papa encontravam-se o arcebispo de Managua, Miguel Obando Bravo e o de San Salvador, Arturo Rivera y Damas.

Na homilia pronunciada em Caracas, o Papa reiterou a oposição da Igreja ao divórcio, ao aborto e a eutanásia.

A Venezuela legalizou o divórcio no século passado e membros da hierarquia da Igreja mostram-se preocupados com as actuais tentativas para a legalização do

aborto em casos de incesto ou violação.

«Lutai contra a praga do divórcio que arruína famílias e tão negativamente afecta a educação das crianças», disse o Papa.

«Lembra-vos que em circunstância alguma é justo destruir uma vida humana, com o aborto ou a eutanásia».

Durante as cerimónias religiosas de Caracas, que duraram duas horas, centenas de pessoas desmaiaram devido ao intenso calor e tiveram de ser assistidas por elementos da Cruz Vermelha que circulavam entre a multidão.

Teologia da libertação

O Papa lançou entretanto um apelo à hierarquia da Igreja Católica venezuelana para que rectifique os erros de modo a impedir «a instrumentalização ideológica dos Evangelhos».

O discurso, pronunciado por João Paulo II na presença de 48 membros da Conferência Episcopal venezuelana, constitui a primeira intervenção crítica em relação à Teologia da Libertação.

O chefe da Igreja Católica foi

igualmente crítico em relação aos sectores tradicionalistas, que acusou de serem responsáveis pelo surgimento da «Teologia da Libertação», por falta de comunicação com as massas populares e complicitade com os poderes político e económico.

As intervenções públicas de João Paulo II durante a viagem iniciada sábado à América Latina são estudadas com especial atenção pelos especialistas em temas teológicos, depois do anúncio, da convocatória de um sínodo mundial dos bispos para 25 de Novembro do ano corrente.

Para a maioria dos observadores, o sínodo tem como objectivo a revisão das teses doutrinais do Concílio Vaticano II, que esteve na origem dos movimentos renovadores dentro da Igreja Católica, os quais assumiram especial importância na América Latina.

E atribuída a João Paulo II a intenção de dar uma «resposta pessoal e conservadora» ao desafio colocado ao Vaticano pela «Igreja dos Pobres», transformando o próximo sínodo numa espécie de Concílio Vaticano III.

Entretanto, segundo a Impre-

Política monetária

Continuação da pag 2

ciada à política monetária, reduz a eficácia. Os seus objectivos exigem outros instrumentos. O relatório Rueff-Armand dizia quando da sua publicação: a mescla dos assuntos em matéria económica é um erro no plano dos princípios e falseia tudo ao nível da aplicação — a não ser que se altere completamente o sistema económico o que não me parece desejável.

A política monetária deve merecer crédito para ter impacto. E para o ser deve ser não apenas tecnicamente eficaz mas é necessário que cada um tenha consciência do que está em jogo. Tornar uma política monetária digna de crédito é pois também um problema de pedagogia e de comunicação. É necessário fazer um grande esforço nesse

sentido, no qual todos devem participar.

3) Por fim, é indispensável não perder de vista a dimensão internacional do problema. A França está estreitamente ligada ao seu contexto e muito especialmente ao contexto europeu. Trata-se de uma realidade que se impõe mas é também um bem já que nada é mais estimulante para uma economia do que a sua abertura para um mercado amplo.

Há mais do que isso: será essa vontade de fazer da zona europeia um espaço monetário poderoso e estável, capaz de proteger os países membros da Comunidade da desordem aleatória, que prevalece a nível mundial. A este respeito, o SME desempenha já um papel positivo; a ECU impõe-se e poderá constituir

também um dos pontos fortes do sistema.

Para garantir a coerência e a solidez do conjunto, é necessário ir mais longe e tomar outras iniciativas, em especial procurando harmonizar os objectivos e os métodos da política económica e monetária no seio da Comunidade. Todas as formas de cooperação económica e financeira entre os países da Europa são úteis e podem ser um facto importante de equilíbrio, por exemplo a que pode desenvolver-se a propósito da dívida do Terceiro Mundo.

Uma grande reforma está ainda por fazer: criar, em bases económicas necessárias e com a vontade de todos, a política monetária dos anos 90, que deve ser uma das forças do nosso país no seio de uma Europa monetária poderosa e independente.



MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 7/85

Viaturas abandonadas

Faz-se saber que os veículos abaixo indicados e que se encontram depositados nos depósitos da 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, na Av. 24 de Julho, 171, serão vendidos em hasta pública, conforme o preceituado no Edital n.º 24/82, Decretos-Leis n.ºs 57/76 e 131/82, se os seus proprietários os não levantarem no prazo de noventa dias, a contar da data do presente Edital.

Os interessados ficarão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos.

Nomes dos proprietários	Locais donde foram retirados os veículos	Matrículas
Filipe João Pereira	Rua Filipe Duarte	TO-62-26
Herd. de Fernando Ferrão Pereira	Av. Padre Manuel da Nóbrega	EC-89-64
Antonio Jorge Figueiredo	Parque da PSP do Aeroporto	GD-57-85
Luis Manuel da Silva Cascalho	Rua S. Sebastião da Pedreira	CI-66-52
Francisco José Gonçalves Duarte	Estrada de Benfica	RR-25-95
João Augusto de Carvalho Trindade	Rua D. Estefânia	GD-68-58
Fernando Peres dos Santos	Av. Barbosa do Bocage	LC-28-54
Duarte & Ponte, Lda	Av. Grao Vasco	ER-22-31
Antonio Sergio Parente da Cruz	R. Particular a R. Arco Carvalhao	BI-24-74
Herd. de Guilherme Rodrigues Costa	Rua 2, no Bairro de Caselas	EI-31-66
Antonio Gentil Soares Branco	Av. S. João de Deus	AI-66-38
Herd. de João Ribeiro	Av. Conselheiro Barjona de Freitas	DI-44-18
Jorge dos Santos Pessoa	Bairro das Galinheiras	HH-43-00
Fagundes Vieira	Vila Gouveia, as Galinheiras	EC-36-72
Ignorado	Rua Gualdim Pais	Ignorada
Ignorado	Largo Hintze Ribeiro	Ignorada
Ignorado	R. Meia Mourinha de Albuquerque	Ignorada
Ignorado	Rua dos Industriais	Ignorada
Ignorado	Bairro do Relógio	Ignorada
Ignorado	Trav. do Moimho de Vento	Ignorada
Ignorado	R. 1.ª Sarg. José Paulo dos Santos	Ignorada
Ignorado	Alameda da Encarnação	Ignorada
Ignorado	Alameda da Encarnação	Ignorada
Ignorado	Alameda da Encarnação	Ignorada
Ignorado	Rua D. Trás, da R. Pardal Monteiro	Ignorada
Ignorado	R. Conselheiro Mariano Carvalho	Ignorada
Ignorado	Quinta do Nargão	Ignorada
Ignorado	Palma de Baixo, pt. ao Campo Palmense	Ignorada
Ignorado	Cais da Matilha	Ignorada
Ignorado	Alameda da Encarnação	Ignorada
Ignorado	R. Coronel Ferreira Amaral	Ignorada

Paços do Concelho de Lisboa, 16 de Janeiro de 1985

O Presidente da Câmara Municipal
Nuno Kris, Abcavis

PAGUE EM 12 M

E AINDA UMA VARIADA GAMA DE ELECTRODOMESTICOS

M.L. FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A - 1000

o e o divórcio a em Caracas

nsa italiana, na digressão sábado iniciada, o Papa pouco falará da Teologia da Libertação, pois, segundo o próprio, o assunto não pode explicar-se à «gente simples».

João Paulo II disse a um grupo de jornalistas, que seguiam no seu avião, rumo a Caracas, que aquele assunto só interessa a grupos restritos.

João Paulo II disse ainda que «não está previsto» qualquer encontro entre ele e Gustavo Gutierrez, o pároco de Lima que escreveu, em 1971, o primeiro livro intitulado «Teologia da Libertação».

Bombas em Ayacucho

Seis bombas explodiram hoje de madrugada na cidade peruana de Ayacucho, cortando a eletricidade, uma semana antes da planejada visita do Papa João Paulo II, revelaram as autoridades.

As explosões destruíram parte de uma central elétrica e danificaram o maior hotel da cidade. Notícias ainda não confirmadas indicam que um polícia e um transeunte ficaram feridos num tiroteio que se seguiu aos atentados.

Ayacucho, situada nos Andes peruanos, 400 quilômetros a Sul de Lima, tem 80 000 habitantes e tem sido palco de ações violentas por parte dos guerrilheiros maoístas do «Sendero Luminoso».

Quito: garantir um ambiente adequado

Os homossexuais e as prostitutas de Quito não poderão deambular por algumas avenidas da cidade, quando, amanhã, o Papa João Paulo II chegar ao Equador, sob pena de serem detidos.

As autoridades equatorianas ordenaram também o encerramento dos locais de diversão noturna durante a estadia do Papa.

O chefe da polícia do distrito, Patricio Nevarez, disse que, até à partida de João Paulo II, estarão encerradas discotecas, bares, salas de espetáculos e «casas de tolerância».

Com estas medidas, segundo Nevarez, as autoridades de Quito pretendem garantir um «ambiente adequado» à visita de João Paulo II e velar pela segurança da multidão que pretende ver de perto o Papa.

Cimeira dos Seis: apelo ao desarmamento nuclear

Dirigentes de seis nações reuniram-se hoje em Nova Dehli para elaborar um apelo a favor do desarmamento nuclear no Mundo.

O primeiro-ministro indiano, Rajiv Gandhi, preside à reunião, na qual participam também o chefe de governo da Grécia, Andreas Papandreu, o primeiro-ministro sueco, Olof Palme, o presidente Miguel de La Madrid, do México, o presidente Raul Alfonsín da Argentina, e o presidente Julius Nyerere, da Tanzânia.

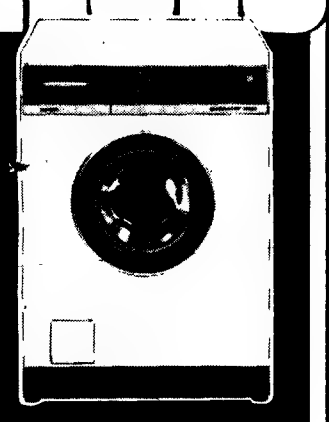
Prevê-se que os seis emitam um apelo conjunto às superpotências e a todas as outras nações equipadas com armas nucleares para um congelamento imediato da produção, desenvolvimento e ensaios dessas armas.

A reunião de hoje é a sequência de um apelo conjunto emitido no ano passado pelos mesmos seis dirigentes, o qual recebeu escassa atenção das potências nucleares.

A ameaça de militarização do Espaço, popularmente conhecida como a «guerra das estrelas», será também um dos principais pontos da agenda, segundo fontes próximas da reunião.

A reunião decorre sob rigorosas medidas de segurança, depois de a imprensa indiana ter publicado notícias sobre um possível atentado contra Gandhi e contra o presidente indiano, Zail Singh, por extremistas «sikhs».

WES



DOMÉSTICOS

DO LISBOA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OBRAS

ANÚNCIO

PROC.º n.º 77/82

1.ª Secção

3.º Juízo

Faz-se saber que correm editos de 20 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do Executado MANUEL HENRIQUES SOUSA PEREIRA, com domicílio na Estrada Nacional 6/5, Torre Sol, r/c, Nova Oeiras para, no prazo de dez dias, posterior ao dos editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na Execução Ordinária que lhe instaurou Portugal Previdente, Companhia de Seguros, S.ªr.ª, Oeiras, 10 de Janeiro de 1985.

O JUIZ DE DIREITO (Luís Flores Ribeiro)
O ESCRIVÃO DE DIREITO (Antonio Lopes Henriques)

DL 28/1/85 - 1.ª Pub.

Taba é um dos pomos de discórdia Retomadas as conversações entre Egipto e Israel

Representantes dos governos israelita e egípcio retomaram hoje, na localidade de Bersheva, no deserto do Negueve, as negociações interrompidas há 33 meses sobre a posse do enclave de Taba.

A reunião deve prolongar-se pelo dia de hoje e destina-se à possibilidade de colocar tropas da Força Internacional de Paz para o Sinai na localidade de Taba, sob administração israelita, cuja posse é reivindicada pelo governo do Cairo.

Taba, território de 2500 metros quadrados na margem do mar Vermelho é um dos 15 pontos fronteiriços em litígio entre Israel e o Egipto, desde a assinatura, em 1979, em Washington, do tratado de paz israelo-egípcio conhecido como Acordo de Camp David.

As conversações bilaterais foram interrompidas em Abril de 1982, como forma de protesto do governo do Cairo contra a intervenção militar israelita no Líbano.

A rádio israelita disse ontem que os dirigentes egípcios pretendem dar às negociações de Bersheva um sentido político, mas que Israel não aceitará discutir a soberania sobre Taba.

O primeiro-ministro israelita, Shimon Peres, disse à mesma emissora que Israel estaria disposto a submeter o diferendo à arbitragem internacional em troca de uma normalização completa das relações israelo-egípcias.

Este ponto de vista não é partilhado pelo dirigente da coligação conservadora «Likud» que ocupa o Ministério dos Negócios Estrangeiros, no gabinete presidido por Peres.

Yitzhak Shamir reafirmou ontem que as negociações de Bersheva são exclusivamente «técnicas».

«Com boa vontade de ambas as partes, espero que seja possível resolver todos os problemas», disse o chefe da delegação egípcia, à chegada ontem a Telavive.

A imprensa israelita segue com muita atenção a reabertura das negociações que poderiam constituir um primeiro passo para o descongelamento das relações entre os governos de Israel e do Egipto.

Rádio Israel comentou que o Egipto quer «submeter Peres a uma prova» enquanto Shamir exige o regresso a Jerusalém do embaixador egípcio que abandonou a capital israelita depois da invasão do Líbano por Israel.

Espanha Democratas-cristãos propõem coligação centro-direita

O segundo congresso do Partido Democrata Popular (democratas-cristãos) terminou ontem com a reeleição de Oscar Alzaga como presidente.

A característica mais importante do Congresso deste partido, fundado há três anos a partir do sector democrata-cristão da extinta União do Centro Democrático, foi a proposta de formação de uma «grande coligação de centro-direita» que seja alternativa eleitoral e de poder aos socialistas.

Oscar Alzaga fez esse apelo nos discursos de inauguração e de encerramento. «Sem uma coligação é impossível uma alternativa», afirmou.

A «grande coligação» proposta pelos democratas-cristãos deve ter o seu pólo de atracção no espaço político do centro, incluindo os conservadores da Aliança Popular, partido liderado por Fraga Iribarne, os democratas-cristãos e os reformistas integrados no Partido Reformista Democrático, criado em Novembro do ano passado.

A necessidade de aglutinar as forças políticas não socialistas dominou o ambiente do Congresso, que decorreu sem qualquer tipo de tensões ou divisões internas.

O Partido Democrata Popular integra actualmente a coligação popular, de que também faz parte o partido conservador Aliança Popular e a União Liberal. Conta com 27 000 militantes.

Seus dirigentes, a maior parte deles procedentes da extinta União do Centro Democrático tem procurado distanciar-se das posições conservadoras da Aliança Popular e propiciar o diálogo com os reformistas, de modo a chegar a uma reestruturação das forças de centro e direita.

Na sessão de encerramento do Congresso intervieram diversos dirigentes políticos da democracia-cristã europeia.

O deputado Abel Gomes de Almeida, do Centro Democrático e Social, dirigiu uma mensagem de saudação dos centristas portugueses aos participantes no Congresso do PDP. Estava prevista a presença do presidente do CDS, Francisco Lucas Pires, que não veio por causa de um acidente de trânsito que provocou ferimentos ligeiros na esposa, segundo disse Gomes de Almeida, para explicar a ausência do dirigente centrista português.

Abel Gomes de Almeida afirmou que «as relações entre o PDP e o CDS são óbvias e evidentes» pois «ambos lutamos contra os mitos da governação socialista» e «estamos certos de que o futuro nos pertence».

Namíbia Bispos criticam Pretória

A África do Sul é responsável pela devastação da Namíbia, em consequência de uma «guerra interminável» — afirmaram os bispos católicos da África do Sul, em relatório divulgado sábado em Pretória.

Os bispos formularam as acusações contra o governo de Pretória depois de, em Outubro passado, a comissão ecuménica, constituída por membros da Igreja Católica, Anglicana e Luterana, ter visitado a Namíbia.

«Um país desmoralizado por uma guerra sem fim, por uma economia caótica e com os sectores da saúde e educação absolutamente deteriorados» é o retrato da Namíbia feito pelos bispos sul-africanos.

Segundo o documento, o povo da Namíbia está desiludido com os contactos mantidos com representantes de governos ocidentais, afirmando que «os interesses que defendem parecem coincidir com os da África do Sul».

ALTERAÇÃO DE TERMINAIS EM LISBOA

A Rodoviária Nacional, E.P. informa o publico que a partir do proximo dia

2 DE FEVEREIRO

e em consequência das novas medidas de transito que tem estado a ser implementadas em Lisboa pela Câmara Municipal, ira alterar os terminais das carreiras **Ericeira/Lisboa (via Mafra)** e **Ericeira/Lisboa (via Algueirão)**, as quais passarão a ter o seu início / terminus na Estação sita na

AV. SANTOS DUMOND N.º 57-A (à Praça de Espanha)

- Ericeira / Lisboa (via Mafra)**
 - Não servirá as paragens situadas na Av. Casal Ribeiro (junto ao Saldanha) e na Av. da República proximo do Campo Pequeno
 - Mantém os horarios de passagem a partir de Entre Campos
- Ericeira / Lisboa (via Algueirão)**
 - Mantém os horarios de passagem a partir da paragem situada no início da Av. Columbano Bordalo Pinheiro (junto a Praça de Espanha)

A expedição de despachos de mercadorias para estas carreiras podera ser realizada na Av. 5 de Outubro n.º 75-C e o levantamento na Av. 5 de Outubro, n.º 54-C.

Para quaisquer esclarecimentos contacte os nossos servicos de informacao ao publico, através dos telefonos:

725807 / 725832 / 725854
(dias uteis, das 8H00 às 20H00)

RN

RODOVIARIA NACIONAL

UMA GRANDE EMPRESA DE SERVIÇOS

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA FIGUEIRA DA FOZ

ANÚNCIO

FAÇA SABER que no dia 27 do proximo mês de FEVEREIRO pelas 14 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, em face do ordenado nos autos de carta precatoria vindos do 5.º Juizo Civil da Comarca de Lisboa — 3.ª Secção, extraiada dos autos de execução de sentença n.º 2494 em que é exequente Banco Pinto & Sotto Mayor, S.ª R. L. e executado CIPRIANO GIL LOUREIRO, casado, residente na Rua dos Bombeiros Voluntários, nesta cidade de Figueira da Foz, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor abaixo indicado e seguinte imóvel: — 3/4 de uma casa de habitação e logradouros, sita no lugar de Murtinheira, freguesia de Quilalos, concelho de Figueira da Foz, descrita na respectiva conservatória do Registo Predial sob o n.º 39 496 a folhas 108 do Livro B-102, que confronta do norte com Luis Cardoso Neto, do sul com Benedita Gomes Luiza, do nascente com Manuel Cardoso Neto e do poente com arreias do mar, pelo valor minimo de 200 000\$00.

Do referido imóvel é depositário Judicial o Sr. Henrique Baidão, casado, solicitador nesta cidade de Figueira da Foz.

Figueira da Foz, 15 de Janeiro de 1985

O Juiz de Direito, Ass. Ferreira da Cunha

A Escrivã adjunta, Ass. Ana Barbara

«DL» 28/1/85 — 1.ª pub.



Adesão à CEE novamente debatida em Bruxelas

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos «dez» reúnem-se, a partir de hoje, em Bruxelas, para um novo debate sobre a adesão de Portugal e Espanha à Comunidade Europeia.

Encontram-se também previstas reuniões simultâneas com as delegações portuguesa e espanhola, chefiadas respectivamente pelo ministro das Finanças e do Plano português, Ernâni Lopes, e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Fernando Moran.

Na ordem de trabalhos da primeira reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros, desde que a Itália assumiu a Presidência do Conselho, incluem-se, para além do alargamento, as questões orçamental e dos programas integrados mediterrânicos.

Em virtude da rejeição, pelo Parlamento Europeu, do Orçamento que lhe foi proposto pelo Conselho de Ministros, a Comunidade Europeia encontra-se actualmente a viver em regime de «duodécimos».

Este regime não permite afectar verbas no quadro dos programas integrados mediterrânicos, cuja aplicação é considerada pela Grécia uma condição prévia à concretização do alargamento.

A resolução de todos estes

problemas passa, segundo a presidência pela Grécia uma condição prévia à concretização do alargamento.

A resolução de todos estes problemas passa, segundo a presidência italiana, por uma antecipação de alguns meses do aumento dos recursos próprios previsto para entrar em vigor em 1 de Janeiro de 1986.

Essa antecipação, na medida em que tornaria disponíveis novos meios financeiros, poderia permitir uma aprovação do Orçamento no Parlamento e a satisfação das reivindicações gregas.

A República Federal da Alemanha, no entanto, mantém firme a sua tese segundo a qual só aceitará o novo aumento dos recursos próprios em simultâneo com a concretização do alargamento.

Meios ligados à presidência consideram que a posição alemã poderia eventualmente ser flexibilizada em função de um progresso rápido das negociações de adesão.

Negociações não devem progredir

A rápida conclusão das negociações e o início do processo de ratificação do tratado de adesão pelos parlamentos nacionais

tornar-se-ia, nestas condições, a «chave» da ultrapassagem do actual impasse.

Esta ideia contrasta, no entanto, com as expectativas criadas em relação às reuniões de negociação previstas para segunda e terça-feira.

Meios ligados às negociações não consideram, com efeito, que progressos significativos possam ser efectuados, apontando para as reuniões previstas durante o mês de Fevereiro como as significativas.

No sector da pesca, a delegação portuguesa continua a rejeitar a imposição de que, como condição prévia à conclusão das negociações naquele domínio, Portugal se tenha que entender com a Espanha sobre a questão dos eventuais direitos históricos.

No sector da agricultura, por outro lado, as propostas da comunidade em matéria de acesso aos mercados comunitários de produtos competitivos portugueses continuam distantes das posições do Governo de Lisboa.

No domínio dos Assuntos Sociais, por último, o Luxemburgo parece manter a sua posição, contestada pela delegação portuguesa, no sentido de que a livre circulação de trabalhadores só se torne efectiva, no seu caso, no termo de um período transitório de dez anos, mais três do que se aplicaria para os restantes Estados membros.

Portugal é o país que come menos carne na Europa

Portugal é o país da Europa que apresenta os mais baixos níveis de consumo de carne e de produtos de origem animal, indica a Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais (IACA).

Um documento da IACA sobre a evolução recente e situação da indústria de alimentos para animais revela que comparativamente aos países da CEE e a Espanha, Portugal apresenta um baixo nível de consumo de produtos animais.

Assim, e segundo estatísticas da CEE, cada português comeu em 1981, em média, 54 quilos de carnes e miudezas, enquanto a média nos países da Comunidade Europeia foi de 88 quilos e em Espanha de 75 quilos.

No consumo de leite e laticínios frescos, cada português

consumiu em 1981 cerca de 70 quilos, contra 109 quilos de um espanhol, 85 de um alemão-federal, 91 de um francês, 84 de um italiano e 64 de um grego (único que consumiu menos que o português).

No mesmo ano, um português consumiu em média 5 quilos de ovos e um quilo de manteiga, enquanto a média europeia se cifrou em 14 e 5 quilos, respectivamente.

O documento da IACA contém ainda um exame da estrutura da produção de alimentos para animais, aferida pelas principais espécies, (aves, bovinos, suínos e outros), o qual fornece um indicador da orientação produtiva da pecuária e do sentido do consumo humano de produtos animais.

A IACA conclui que nos últi-

mos 14 anos (1970/84), a produção pecuária e o consumo dos portugueses «privilegiou as proteínas mais baratas e de superior eficiência produtiva».

Assim, entre 1970 e 1980, diminuiu o peso dos alimentos para aves e alimentos para suínos.

Entre 1980 e 1982, os alimentos para aves mantiveram a sua importância relativa e verificou-se um ligeiro aumento do peso dos alimentos para bovinos, compensado pela diminuição dos alimentos para suínos.

Em 1983 e 1984, é notória a quebra da importância relativa dos alimentos para bovinos, enquanto os alimentos para aves quase recuperaram o peso que detinham em 1970 e os alimentos para suínos retomam a importância que apresentavam em 1980.

RFA elogia cooperação com Cabo Verde

Os projectos de cooperação RFA-Cabo Verde foram ontem apontados pela Sociedade Alemã-Federal para a Cooperação Técnica (GTZ) como um exemplo para os países africanos afectados pela seca.

A sociedade, numa nota distribuída à imprensa em Eschborn, Frankfurt, afirma que «em lugar de os alimentos terem sido distribuídos às populações caboverdianas afectadas pela fome eles foram utilizados como salário para pagar a quem trabalhava».

Daquela forma, sublinha a GTZ, nos últimos anos, foram seguidas pequenas plantações, zonas irrigadas e unidades de combate à seca nas ilhas do arquipélago.

A GTZ precisa, que aquele programa, a longo prazo, tem o objectivo de fazer coincidir a

agricultura com a actual situação ecológica dominante nas ilhas do arquipélago.

A cooperação germano-caboverdiana, iniciada em 1979, emprega, actualmente, nos projectos de desenvolvimento agrícola, cerca de 40 mil pessoas.

O exemplo da cooperação RFA-Cabo Verde foi apontado no âmbito dos actuais esforços do Governo alemão federal para reforçar o apoio alimentar aos Estados africanos mais ameaçados pela fome.

A Sociedade Alemã Federal para a Cooperação Técnica, encarregada de gerir a simples distribuição de géneros alimentícios às populações atingidas, isoladamente da participação dos camponeses em programas concretos de desenvolvimento agrícola.

Grupo Espírito Santo vende banco no Brasil

O Banco Comercial Inter-Atlântico, fundado há cerca de dez anos no Brasil pelos banqueiros portugueses Espírito Santo, foi vendido ao Banco Brasileiro de Descontos, anunciou no sábado a imprensa brasileira.

Segundo o jornal «O Globo», que se publica no Rio de Janeiro, a venda teria sido feita por 45 mil milhões de cruzeiros (um milhão e 250 mil contos).

Segundo o matutino carioca, o Banco Comercial era mantido em partes iguais pelo grupo brasileiro Monteiro Aranha, presidido por Olavo Monteiro de Carvalho, e pelo grupo luso-brasileiro Espírito Santo.

«O Globo» acrescenta que o grupo Monteiro Aranha vai continuar a operar na área financeira, através do Banco Inter-Americano de Investimento, que tem uma participação de 49 por cento do Morgan Guaranty Trust, de Nova Iorque.

trabalho

CTM e CNN

PR recebe esta tarde dirigentes sindicais

A Federação dos Sindicatos do Mar é recebida às 17 horas de hoje pelo Presidente da República para debater a situação existente na CTM e na CNN — foi ontem anunciado.

Sendo a organização sindical que representa maior número de trabalhadores da Companhia de Transportes Marítimos e da Companhia Nacional de Navegação, aquela federação pretende expor ao Presidente da República as razões pelas quais, em seu entender, a extinção daquelas duas empresas, decidida pelo Governo, não se deve concretizar.

Os trabalhadores da CNN e da CTM solicitaram já ao Presidente da República que se recuse a

promulgar o anunciado decreto-lei de extinção daquelas empresas públicas e que promova a declaração de inconstitucionalidade do decreto-lei que criou a Portline e a Transinsular.

Greve por tempo indeterminado

Entretanto a Frende de Sindicatos da Marinha Mercante entrega hoje um pré-aviso de greve por tempo indeterminado, a iniciar no princípio de Fevereiro — segundo um dirigente sindical.

A frente, que engloba duas federações (entre as quais a dos

portuários), quatro sindicatos de mar, a comissão de trabalhadores da CNN e uma comissão de reformados, considera que as conversações com o Governo chegaram ao fim, por ter sido violado o princípio de que o decreto só seria enviado quando estivesse esgotada a negociação — acrescentou um porta-voz.

O dirigente sindical afirmou que está prevista que a greve numa primeira fase seja apenas na CTM e CNN, podendo ao fim de duas semanas começar a ser alargada a outras empresas da Marinha Mercante e sector portuário.

A seguir, a luta contará com apoio internacional — acrescentou.

Portucel:

paralisação

de três dias

em Setúbal

Na sequência das paralisações em cadeia que têm decorrido nos vários locais de trabalho da Portucel, os cerca de 1100 trabalhadores do centro fabril de Setúbal desta empresa iniciaram ontem uma greve de 64 horas.

Os trabalhadores da Portucel lutam contra a falta de cumprimentos do acordo de empresa, nomeadamente no que se refere ao trabalho em dias feriados, que está a ser pago a 100 por cento (metade do estabelecido contratualmente).

Salário mínimo

e poder

de compra

A CGTP afirmou que, nos dois últimos anos, o salário mínimo nacional para a indústria, comércio e serviços teve uma quebra real de nove por cento.

Em comunicado, a central sindical salienta que, no mesmo período, o poder de compra desceu quatro por cento para o serviço doméstico, e 6,8 por cento para a agricultura.

A CGTP refere ter tido em conta as estatísticas do INE — Instituto Nacional de Estatística, que apontam para a inflação de 29,3 por cento em 1984.

Sindicalistas Ibéricos

e a problemática da CEE

A necessidade de uma mais completa informação das condições de integração de Portugal e Espanha na CEE, foi uma das conclusões do encontro de sindicalistas ibéricos, que ontem terminou em Portalegre.

Os sindicalistas pretendem obter esta informação junto de ambos os Governos, da UGT portuguesa e espanhola e da Federação Internacional dos Empregados e Técnicos.

No encontro, que decorreu durante três dias na delegação do SITESE em Portalegre, participaram 25 sindicalistas da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores de Escritórios e Serviços de Lisboa (Fetese) e da Federação de Trabajadores del Comercio de Espanha.

Estes sindicatos consideram-se inseridos no chamado

«sindicalismo democrático».

Segundo o comunicado final do encontro, foram ainda discutidos os aspectos políticos e económico-sociais da integração dos países ibéricos na CEE «no pressuposto da manutenção da via democrática em Portugal e Espanha».

No aspecto da problemática da legislação laboral, aquelas federações entendem que «a legislação aplicada na CEE é considerada como condição mínima enquanto que a existente em Portugal e Espanha, mais favorável aos trabalhadores, deve ser mantida e defendida».

Os sindicalistas concluíram que «se deve admitir a nova tecnologia como complemento do esforço humano, mas em caso algum como substituto do mesmo».

Trabalhadores da CP

poderão parar amanhã

Os trabalhadores da CP filiados nos sindicatos afectos à Federação dos Ferroviários poderão paralisar das zero às 12 horas de amanhã, se da reunião marcada para esta tarde com o conselho de gerência (CG) não resultar qualquer acordo.

Um porta-voz sindical disse ao «DL» que esta forma de luta, a concretizar-se, fica a dever-se inteiramente às posições «de irreducibilidade absoluta» do CG face às reivindicações dos trabalhadores.

Pretendem os ferroviários a negociação duma tabela salarial e outras cláusulas de expressão pecuniária que reponham minimamente o seu poder de

compra «levado pela inflação».

De referir que os sindicatos da CP afectos à UGT celebraram na sexta-feira um acordo com a gerência da empresa, que prevê um aumento da tabela de 22,4 por cento para os próximos 12 meses. Inclui ainda o aumento das diuturnidades, que passam de 1200 para 1470 escudos, do subsídio de refeição de 190 para 230 escudos, e do de deslocação de 200 para 240 e as ajudas de custo de 270 para 330 escudos.

Os sindicatos abrangidos por este acordo são os dos maquinistas, estação, trens e revisão, administração e serviços e motoristas de via fluvial.

Governo e interessados

analisam situação da MDF

Membros do Governo, autarcas de Constância, Abrantes e Trás-os-Montes, e representantes da administração e dos trabalhadores da Metalurgia Ferreira analisaram a situação da empresa com vista à sua viabilização.

O encontro, que decorreu na residência oficial do Primeiro-Ministro, «foi um esforço conjunto de todas as partes interessadas na procura de uma solução que viabilize a empresa» — disse, no final da reunião, o deputado Jorge Lacão, eleito pelo distrito de San-

tarem. Aquele deputado salientou a importância socio-económica da empresa na região, salientando ser necessário «evitar que sejam pedidos mais sacrifícios à população do Trasmagal».

Acrescentou que as negociações estão a decorrer, sendo necessário «existir solidariedade recíproca» para que seja possível a viabilização da empresa.

Por seu turno, Duarte Ferreira, presidente do conselho de admi-

nistração, manifestou-se «satisfeito com esta reunião», pois a mesma constituiu «uma manifestação inequívoca da vontade política do Governo para resolução» desta caso.

Duarte Ferreira desmentiu terem existido despedimentos na empresa, afirmando que a administração emitira uma ordem de serviço, na qual determinou a existência de 490 trabalhadores excedentários, que actualmente recebem 50 por cento dos salários.

DESPORTO

Nacional de futebol

Porto revela: já não moram papões na Luz

O FC Porto confirmou na Luz perante cerca de 80 mil pessoas, a sua candidatura para a conquista do título de campeão nacional de futebol, aumentando para quatro pontos a diferença para o 2.º classificado, o Sporting. A turma portista, que na semana passada já tinha «ganho» em dois campos (o Sporting empatou em Alvalade com a Académica e o Benfica no Primeiro de Maio, em Braga) voltou agora a ganhar, na Luz, perante o Benfica (0-1) e em Faro, com o empate do Sporting (1-1).

O Portimonense reforçou o seu lugar para competição europeia, empatando a um golo na Póvoa de Varzim (1-1) e beneficiou (sábado) da derrota em casa do Boavista frente ao Rio Ave (2-3), uma das surpresas da jornada. Também insólita foi a derrota do Setúbal (no Bonfim) frente ao Braga (0-2), relegando a equipa sadina para a 9.ª posição. O Belenenses conquistou um ponto frente a uma renovada Académica, em Coimbra (0-0) e o Salgueiros deixou de ser «lanterna vermelha» ao ganhar ao Penafiel (2-1) deixando agora esta equipa isolada no último posto.

No embate minhoto, o Guimarães derrotou o Vizela (3-0).

Desfechos

Números e nomes: Benfica - FC Porto, 0-1; Sp. Farense - Sporting, 1-1; Vit. Setúbal - Sp. Braga, 0-2; Salgueiros - Penafiel, 2-1; Vit. Guimarães - Vizela, 3-0; Varzim - Portimonense, 1-1; Académica - Belenenses, 0-0 e Boavista - Rio Ave, 2-3.

O Benfica tinha as últimas esperanças de poder aspirar à renovação do título caso vencesse o F. C. Porto (na Luz) mas com a derrota no seu campo, o Benfica cavou a própria sepultura, tanto mais que o F. C. Porto foi superior em todos os aspectos. O F. C. Porto foi a primeira equipa a quebrar a invencibilidade do Benfica no seu estádio esta época e Fernando Gomes (o «Bota de Ouro», de 1983) voltou a marcar, confirmando ser o

principal candidato, de novo, ao título de melhor marcador na Europa.

A superioridade do F. C. Porto, foi mais manifesta no 2.º tempo quando o Benfica se teve de render à evidência dos factos: o meio-campo encarnado «quebrou» e o golo de Gomes (de cabeça, aos 71 minutos) a dar a melhor sequência a um cruzamento de Jaime Magalhães foi o prémio para toda a manobra colectiva da equipa portista.

O Sporting, que esperava pelo encontro de Alvalade face ao F. C. Porto para ter ainda uma palavra a dizer com respeito ao título, não foi além de um empate (o 2.º consecutivo) em Faro no duelo com o Sporting Farense. O argentino Saucedo marcou cedo o golo do Sporting (aos sete minutos) mas a defesa algarvia susteve o ímpeto atacante dos «leões», que nos últimos minutos foram forçados a defender-se culminando este período de assédio do Farense com o golo da igualdade por Carraça, a quatro minutos do fim.

O Rio Ave surpreendeu (sábado) o Boavista, no Bessa, quebrando a invencibilidade dos «xadrezados» no seu campo numa partida em que o avançado Pires esteve em tarde inspirada com três golos (8, 30 e 76). O Boavista não conseguiu contrariar o esquema de contra-ataque da equipa visitante e o jugoslavo Filipovic reduziu (aos 42 e 59).

O Vitória de Setúbal continua a marcar passo e o seu técnico Manuel de Oliveira não conhece o sabor de um êxito desde a 11.ª jornada. Foi a 3.ª derrota nos últimos quatro jogos para o Setúbal, com a agravante de ser em casa, face ao Braga. José Abrantes (35) e Quim Alberto (80) foram os carrascos dos sadinos.

O Portimonense fez mais uma deslocação ao estádio do Varzim e manteve-se na corrida para um lugar europeu, empatando com a turma da casa a um golo, depois de estar em posição de vencedor (77 minutos). O defesa Simões marcou (aos 10) e o angolano Vata (a três minutos do fim) repôs a igualdade para o Varzim que teve o 6.º empate consecutivo.

O Belenenses, regressado



Os senhores do campeonato. Em cima: Eurico, Lima Pereira, Inácio, Jaime Magalhães, João Pinto e Zé Beto. Aposados: Frasco, André, Gomes, Fúte e Quim. A quase selecção nacional, porque apenas o castigo uefiro imposto a Zé Beto impediu que estes onze homens estejam reunidos no mais alto voo das quinas

este ano à 1.ª divisão, conquistou um ponto em Coimbra, frente a uma renovada Académica com um empate sem golos. OS «estudantes» não perdem desde a 12.ª ronda e estão em 11.º lugar (com 15 pontos, os mesmos que o Setúbal, 9.º classificado).

O Penafiel afundou-se com a derrota no Estádio do Mar frente ao Salgueiros (2-1) sendo agora último na tabela, com 10 pontos. O Salgueiros, em contrapartida, ascendeu ao 13.º posto e deu um passo importante para a manutenção no escalão maior: Joy (37) e Penteado (51) marcaram pelo Salgueiros e, a sete minutos do fim, o brasileiro Jason reduziu para o Penafiel, de grande penalidade.

O Vizela ainda não conseguiu distanciar-se nos últimos lugares (apesar dos sete pontos nos últimos sete jogos) e a derrota no «Municipal» de Guimarães ante a equipa rival fez com que se distanciasse do grupo mais dianteiro. Roldão (52), César (64) e Tininho (80) marcaram os golos do Guimarães.

Marcadores

Fernando Gomes fez o seu 24.º golo no campeonato, o que

deu os dois pontos ao F. C. Porto na Luz, e ficou simplesmente com o dobro dos tentos marcados pelos seus mais directos perseguidores na lista de marcadores. Manniche (do Benfica) que vai ser operado e continua sem jogar, e Manuel Fernandes, que ficou em branco em Faro, têm 12 golos.

A ronda registou o pobre total de 18 golos marcados e o «herói», em termos de número de golos apontados, foi o vilão-condense Pires, autor dos três tentos do Rio Ave, no Bessa. O jugoslavo Filipovic foi o único outro jogador a bisar, fazendo os dois golos do derrotado Boavista. Exceptuando Gomes, de entre os primeiros ninguém marcou, estando a lista assim ordenada: 1.º, Gomes (F. C. Porto), 24 golos; 2.º, Manniche (Benfica) e Manuel Fernandes (Sporting), 12; 4.º, Dião (Belenenses) e Cadourin (Portimonense), 11; 6.º, Eldon (Sporting), Jaime Magalhães (F. C. Porto), Toninha (Slagweiros) e Zinho (Braga), 8; 10.º Jorge Silva (Benfica), 7.

Disciplina

Skoda (do Portimonense) viu o único cartão vermelho mostrado na 18.ª jornada do campeonato. Vítor Correia (juiz de Lisboa) expulsou o jogador da equipa de Portimão aos 75 minutos do jogo na Póvoa de Varzim, depois de Skoda ter pontapeado a bola sem bota. A infracção era merecedora de cartão amarelo, mas Skoda já o tinha visto aos 55 minutos, por entrada rápida sobre um adversário: e o árbitro mostrou-lhe o vermelho.

A ronda teve um total de 17 amarelos, e as únicas equipas em branco foram os dois Vitórias: de Setúbal e Guimarães. Benfica, Braga e Portimonense foram (em contrapartida) os mais mal comportados, com dois amarelos cada.

Agora: Portugal-Roménia

Dia 30 (4.ª-feira) em Setúbal, num jogo particular, Portugal confronta-se com a Roménia, em jogo particular de treino para o embate oficial com Malta (em La Valetta). José Torres mantém a lista inicial de convocações: 10 jogadores do Porto (João Pinto, Lima Pereira, Eurico, Inácio, Frasco, Quim, André, Jaime Magalhães, Fúte e Gomes), três do Benfica (Carlos Manuel, Diamantino e Bento) e quatro do Sporting (Damas, Oceano, Jordão e Virgílio).

Taça à porta

O campeonato apenas recomeça a 16 de Fevereiro. Entretanto, vem aí nova jornada da Taça de Portugal, com o jogo

mais importante marcado para as Antas: Porto-Portimonense.

Divisão 2

A 16.ª ronda do campeonato nacional da 2.ª divisão proporcionou os seguintes desfechos, na Zona Norte: Aves - Leixões, 2-2; P. Ferreira - Felgueiras, 2-2; Sanjoanense - Gil Vicente, 1-0; Lourosa - Tirsense, 3-1; Famalicão - Feirense, 2-1; Lixa - Chaves, 2-0; Fafe - Espinho, 1-1 e Valonguense - Marco, 1-1. Classificação: 1.º Aves, 24; 2.º Chaves, Leixões e Famalicão, 20; 5.º Espinho, 18; 6.º P. Ferreira, 17; 7.º Tirsense, Fafe, Felgueiras e Lixa, 16; 11.º Lourosa, 15; 12.º Gil Vicente, 14; 13.º Sanjoanense, 12; 14.º Valonguense e Marco, 11 e 16.º Feirense, 10 pontos.

Zona Centro: U. Leiria - Caldas, 2-1; Guarda - Beira-Mar, 2-2; Covilhã - Mangualde, 2-1; Elvas - E. Portalegre, 2-1; Torriense - B.C. Branco, 4-0; Estarreja - Alcobaca, 0-0; Águeda - Marinhense, 2-0 e Peniche - U. Coimbra, 1-1. Classificação: 1.º Covilhã, 25 pontos; 2.º Elvas, 22; 3.º U. Coimbra e U. Leiria, 21; 5.º Torriense, 18; 6.º E. Portalegre, Beira-Mar e Alcobaca, 16; 9.º Caldas, 15; 10.º Águeda, 14; 11.º Mangualde, Peniche e Estarreja, 13; 14.º Guarda, 12; 15.º Marinhense, 11 e 16.º B.C. Branco, 10 pontos.

Zona Sul: Odivelas - Nacional, 1-1; Lusitano - Olhanense, 1-2; Barreirense - Amora, 2-0; Atlético - Montijo, 0-0; U. Madeira - Marítimo, 0-1; C. Piedade - E. Amadora, 2-3; Torralta - Estoril, 3-0 e Sesimbra - Campinense, 1-0. Classificação: 1.º Marítimo, 28 pontos; 2.º U. Madeira, 20; 3.º Estoril, Olhanense e E. Amadora, 19; 6.º C. Piedade, 18; 7.º Atlético, Montijo e Torralta, 16; 10.º Lusitano e Nacional, 15; 12.º Odivelas e Barreirense, 14; 14.º Amora, 12; 15.º Sesimbra, 10; 16.º Campinense, 5 pontos.

3.ª Divisão

A jornada 16 do torneio da 3.ª divisão fica assim para a história, no tocante à Série A: Neves - Valverde, 2-2; Montalegre - Mirandela, 1-0; Eposende - Taipas, 1-0; Moirense - Valenciano, 2-0; Merelinense - Macedo de Cavaleiros, 2-0; Vieira - Vianense, 2-2; e Ponte da Barca - Bragança, 2-0. Líder: Vianense e Moirense, 22 pontos. Série B: Esmoriz - Amarante, 2-2; Freamunde - Ovarense, 1-1; Oliveirense - Paredes, 2-0; Infesta - Ermesinde, 4-0; e Vilanovense - Trofense, 2-1. Líderes: Ovarense e Freamunde, 23 pontos.

Série C: Tondela - Gouveia, 3-1; Naval Lusitano, 2-2; Poiares - Marialvas, 2-1; Ac. Viseu - Viseu e Benfica, 0-0; Penalva Castelo - Lusitano Vilemoinhos, 1-0; Mealhada - Belmonte, 2-1; Anadia - Santacombadense, 0-0; e Seia - Ol. Bairro, 0-2. Líder: Ac. Viseu, 26 pontos. Série D: Marinha - Bombarralense, 0-3; Nazarenos - U. Santarém, 2-1; Alcains - U. Tomar, 4-0; Portalegrense - Mirense, 1-1; Fátima - Niza, 7-0; Rio Maior - Lousanense, 0-1; Almeirim - Guinense, 8-0; e Alferrarede - Elétrico, 1-1. Líder: U. Santarém, 25 pontos.

Série E: Oriental - Vilafrancesense, 3-0; Ol. Moscardide - Almada, 4-2; Tires - Santa Clara, 0-0; Chameca - Campomaiorense, 0-1; Águia - Sacavense, 1-2; Vialonga - Olivais, 0-0; Lusitânia - Cacém, 2-0; e Samora - Marinhense, 1-1. Líderes: Sacavense e Lusitânia, 24 pontos. Série F: Moitense - Beja, 3-1; Montemor - Lusitano V. Real, 3-0; Esp. Lagos - Vasco Gama, 4-0; Silves - Comércio e Indústria, 1-0; Santiago do

Cacém - Quimigal, 1-0; Alvarense - Juventude, 0-0; Louletano-Estrela V. Novas, 2-2 e Aljustrelense - Quarteirense, 4-1. Líderes: Juventude e Santiago do Cacém, 22 pontos.

Juniões

Resultados da 14.ª jornada do Campeonato Nacional de Juniores na Série A: Limianos - Merelinense, 2-6; Gil Vicente - Bragança, 2-0; Braga - Bragança, 2-0; Braga - V. Guimarães, 2-1; Famalicão - Ponte da Barca, 4-2 e Rio Ave - Varzim, 1-2. Líderes: Braga e Varzim, 22 pontos. Série B: Régua - Avintes, 0-1; FC Porto - Vila Real, 5-1; Boavista - Tirsense, 2-0; Leixões - Lourosa, 3-1 e Sanjoanense - Salgueiros, 2-4. Líder: FC Porto, 26. Série C: Repeseses - Mortágua, 6-2; Anadia - Águeda, 1-2; Guarda - Ol. Hospital, 1-1; Tondela - U. Coimbra, 1-1 e Estação - Covilhã, 2-3. Líder: U. Coimbra, 26. Série D: U. Leiria - Alcobaca, 5-1; Académica - E. Portalegre, 7-0; Marinhense - Caldas, 1-0; Benfica C. Branco - Naval, 1-1 e Nazarenos - Alferrarede, 1-0. Líder: Alcobaca, 20 pontos. Série E: Oriental - Belenenses, 1-1; Sporting - Trafaria (adiado); Campomaiorense - E. Amadora, 1-4; C. Pedade - Ol. Moscardide, 1-1 e Almeirim - Benfica, 0-6. Líder: Benfica, 26 pontos. Série F: Amora - Farense, 0-1; Barreirense - Lusitano, 4-1; V. Setúbal - Torralta, 6-2; Olhanense - Beja, 1-2 e Portimonense - Quimigal (adiado). Líder: Barreirense, 25 pontos.

Torneio Eusébio

O «Torneio Eusébio» (futebol de salão) prosseguiu com os jogos referentes à 14.ª jornada, tendo-se registado os seguintes resultados:

Pavilhão de Campo de Ourique: Boite Queen's, 6 - Jornal «Record», 0; Deltas 1 - GD Lancias 5; Renault Odivelas 2 - Rest. Monte Claros 5; GD Aga-Khan 1 - Whisky «Brutús», 1; Boite Kocknot 1 - Ag. Viagens Europeia 2; Ferrari Franco-Portuguesa 1 - Refrinstar 2; Real Clube Dragões 7 - Portucel 1; Mocar 1 - Jornal «Éxito», 6.

Pavilhão do Restelo: Juv. Vermelha (Auto Rep. 3 B.º) 4 - Ténis Team 0; Rodoviária Nacional 1 - Xurupita 1; SL Águia 0 - Icesa 0; Boite Acapulco 4 - Águas do Vimeiro 2; Terminal do Rossio 1 - Malas Princess 0; Rest. Santiago 27 - Transportes Fernandes 0; SGS Portugal 10 - Rest. Aldeão 1.

Pavilhão da Amadora: Mini Anjos/Toldos Mar e Sol 0 - Rangel 3; Curtumes Bela Vista 0 - Rest. O Casarão 1; Big T Os Amigos 4 - Brinquedos Bambi 0; Tecnolimpé 1 - Bepaliz 7; SC Amadorense/Ov. Venova 0 - Snack-bar O Cortiço 0; Zappa 0 - Anónimos 0; Distr. Jardim 0 - Orq. C. Da Amadora/Cons. Líder 2.

Pavilhão da Parede: MV D Caxias 1 - Entreposto de Cascais 1; FC Parede 0 - Rest. Belomar 5; Aluminios Alumar/Q. Xexé 5 - Luddance 0; Sofico 1 - Pesquisa Químicos 1.

Pavilhão da Piedade: Boite Strobe 0 - Rest. Flor da Mata 2; GD 1.º Maio/Tutti Sport 4 - Asas d'Ouro 2; Petroquímica de Sines 4 - Dicomca A Cubata 7.

Pavilhão da Tapadinha: Ag. Viagens Catur 2 - Gambro 0; Boutique Smoking 0 - Iapo Nuclema 0; C. Com. Fontainhas 1 - Pátio Alfacinha 3; Humberto Alfacinha 4 - Ol. G. Fardamento/Coelima 0; Teixeira Duarte 0 - Hotel Sheraton 13; EPAC 2 - Triquímica 13; Alif Cash Carry 2 - CF Os Zelés 0; «Correio da Manhã» - CAS Presuntos Lobatos 2; CF Os Zelés 2 - «C. Manhã» 1.

METALO RÁPIDA

SERRALHEIRO DE ODIVELAS

FECHE A SUA MARQUISE OU VARANDA COM FACILIDADE DE PAGAMENTO

Classificação

	J	V	E	D	B	P
1.º FC Porto	18	16	1	1	49-7	33
2.º Sporting	18	12	5	1	46-18	29
3.º Benfica	18	12	2	4	39-18	26
4.º Portimonense	18	10	3	5	35-25	23
5.º Boavista	18	7	8	3	25-18	22
6.º Sp. Farense	18	5	7	6	12-23	17
7.º Belenenses	18	6	5	7	26-28	17
8.º Sp. Braga	18	6	4	8	27-28	16
9.º Vit. Stúbal	18	4	7	7	19-27	15
10.º Vit. Guimarães	18	6	3	9	21-27	15
11.º Académica	18	5	5	8	24-26	15
12.º Varzim	18	2	10	6	13-22	14
13.º Salgueiros	8	4	4	10	25-38	12
14.º Vizela	18	4	4	10	20-45	12
15.º Rio Ave	18	4	4	10	16-30	12
16.º Penafiel	18	2	6	10	13-32	10

Próxima jornada: Portimonense - Boavista (1-2); Rio Ave - Benfica (0-2); FC Porto - Vit. Setúbal (3-0); Sp. Braga - Vit. Guimarães (1-0); Vizela - Académica (3-1); Belenenses - Sp. Farense (0-1); Sporting - Salgueiros (6-2) e Penafiel - Varzim (0-4).

LARGO DA REPUBLICA — POMBAIS — ODIVELAS
TEL. 982 60 68

TOTO BOLA

a chave

Benfica-Porto	2
Farense-Sporting	X
Boavista-Rio Ave	2
Setúbal-Braga	2
Guimarães-Vizela	1
Académica-Belenenses	X
Salgueiros-Penafiel	1
Varzim-Portimonense	X
Fafe-Espinho	X
Lixa-Chaves	1
Peniche-U. Coimbra	X
U. Madeira-Marítimo	2
Torralta-Estoril	1

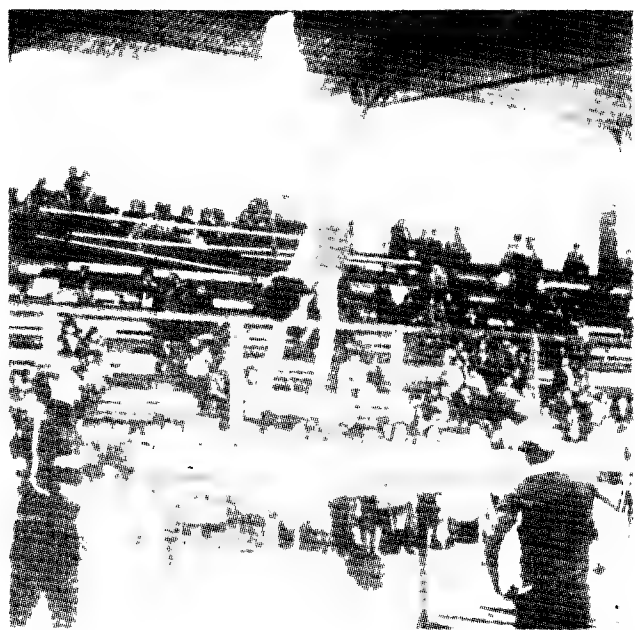
TOTO BOLA

jogue conosco

Porto-Portimonense	1
Rio Ave-Boavista	1
Oriental-Estoril	2
Sacavenense-Académica	2
Covilhã-Penafiel	1
C. Piedade-Alcobaca	1
Marinhense-Lixa	1
Amora-Gil Vicente	X
Almada-Paredes	1
Leicester-Chelsea	1
Luton-Tottenham	2
Norwich-Nottingham	X
Queen's P. - Southampton	1

DESPORTO

ponta esquerda



GINASTICA foi motivo para reunião de muitos atletas e imenso público no pavilhão do Estádio de Alvalade

Silva Resende não crê em "guerrilhas"

O presidente da Federação Portuguesa de Futebol refutou a ideia de uma eventual "guerra Norte-Sul", instigada por dirigentes do futebol português.

Silva Resende, que assistiu ao jogo Farense - Sporting, disse a ANOP que considera "infantil" que dirigentes ou quem quer que seja acreditem num conflito generalizado no futebol, entre o Norte e o Sul.

O presidente da FPF, admitiu que o que existe, sim, são zonas de influência poderosas que incluem uma maior concentração de associados onde pontificam são Lisboa e Porto. «Isso não significa que haja uma guerra Norte-Sul, num País tão pequeno e de uma unidade total, onde não existem dialectos e a raça, embora mesclada, é a mesma», sublinhou Silva Resende.

O presidente da FPF não deixou de admitir a existência de outras razões que possam estar ligadas a essa ideia de "guerra Norte-Sul". «Isso é apenas um fantasma que tem sido utilizado para fins eleitorais e para desviar as atenções dos verdadeiros problemas», sublinhou Silva Resende.

Águeda e Anadia: relações cortadas

O Recreio de Águeda cortou relações com o Anadia, informou um dirigente do primeiro daqueles clubes de futebol. Os incidentes que originaram a decisão do clube de Águeda ocorreram no termo do encontro realizado na Anadia, para a 14.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol Júnior, e que o clube visitante ganhou por 2-1.

No termo da partida, o treinador do Águeda, jogadores e mesmo familiares destes foram agredidos, disse o dirigente do clube da Bairrada.

Televisão "vetada" por adeptos do V. Guimarães

A equipa da Radiotelevisão Portuguesa destacada para a cobertura do jogo de futebol entre o Guimarães e o Vizela foi impedida de trabalhar no Estádio Municipal de Guimarães.

Os sócios do Vitória, que assistiam ao encontro da 18.ª jornada entre a sua equipa e o vizinho Vizela, não permitiram que a equipa de reportagem da Televisão fizesse a filmagem do jogo. Os dirigentes da equipa vimeirense, alertados para a situação, afirmaram garantir as condições de trabalho aos jornalistas da televisão, mas estes, temendo pela segurança do material, não arriscaram.

No final do jogo, o director das relações públicas do Guimarães, António Mendes, disse que a direcção do clube é alheia ao incidente, referindo que os jornalistas foram acompanhados ao camarote de imprensa por elementos da direcção. O dirigente vimeirense, dizendo lamentar o incidente, disse ter acompanhado os enviados da Televisão até ao exterior do estádio, após a sua recusa em filmar o encontro.

"Keeper" do Vasco da Gama (Sines) vítima de traumatismo

Daniel, guarda-redes do Vasco da Gama de Sines, foi hospitalizado com traumatismo craneano sofrido no jogo com o Esperança de Lagos.

O acidente ocorreu aos 79 minutos de jogo, na altura do quarto gol do Esperança de Lagos. Daniel, ao fazer-se à bola, bateu com a cabeça num poste da baliza sendo conduzido ao hospital sem sentidos. O jogador ficou internado para observação durante 24 horas, embora não tenha sofrido fractura de crânio.

Carteiristas sem vergonha

No melhor pano cai a gralha. Num texto que incluímos nas nossas edições do passado sábado, sob título em epigrafe (pág. 17) uma troca de palavras alterou profundamente o sentido da notícia, tornando-a inexplicável mesmo para o mais perspicaz dos leitores. Pois aqui, a repetição: onde estava futebol de Pedroto deveria (obviamente) ter morado funeral de Pedroto. Aqui vai. Triste rescaldo do «funeral de Pedroto» carteiristas rapinaram um isqueiro de ouro a António Garrido e 30 contos da carteira do prof. João Mota.

Farense coloca nove questões aos dirigentes do futebol

Pela direcção do Farense, o seu presidente Fernando Barata remeteu a direcção da Federação Portuguesa de Futebol e aos seus conselhos de Disciplina e de Arbitragem (com cópia para o secretário de Estado e o director-geral dos Desportos e para a Associação de Futebol de Faro) a carta seguinte:

1.ª — Na sequência do jogo realizado em Faro em 6 do corrente contra o FC Porto, o Sporting Clube Farense foi castigado com um jogo de interdição do Estádio de S. Luís (que cumpriu) e viu um seu vice-presidente ser suspenso por dois anos por «incitamento a indisciplina».

A sua direcção só deseja agora, a boa paz e com o devido respeito, colocar a V. Ex.ª algumas questões e dúvidas que legitimamente se lhe levantam.

2.ª — No Farense-Porto, não houve nenhum incidente dentro do campo e, fora dele, os directores do nosso clube empenharam-se, pessoalmente, na protecção do árbitro e colegas, como os dirigentes do FC Porto podem testemunhar. O Farense e o seu vice-presidente foram, não obstante, dura e rapidamente punidos. Mas nem sempre isso sucede. Como escreveu Fernando Correia na «Gazeta dos Desportos» (16/1) no Varzim-Benfica, «um espectador manda com uma garrafa para o campo e acerta num elemento do jogo». O que acontece? «Que se saiba, nada. O encontro é repetido no dia que der jeito ao clube mais forte...». Um jogo (o Porto-Portimonense) «não se realiza porque se venderam bilhetes a mais e pronto, fica assim mesmo».

Joga-se quando for caso disso...

Como é? Uns são filhos e outros enteados?

3.ª — Leia-se de novo Fernando Correia: «Um árbitro invalida um gol ou fecha os olhos a uma grande penalidade. Esta tudo bem, desde que o beneficiado seja o clube mais importante».

Foi exactamente o que aconteceu no Farense-Porto. Mas o filho do dono, viajando com o pai, envervou jubilosamente, durante o jogo, uma camisola da «claque» juvenil do FC Porto.

Estará também tudo bem?

4.ª — O sr. Alder Dante, da Associação de Árbitros de Santarém, arbitrou (mal e prejudicando-nos, disse-o toda a crítica) o Farense-Porto. Oito dias depois é nomeado para o Farense-Varzim outro árbitro de Santarém. «Procedimento no mínimo estranho» (João Cartaxana, «Record» 15/1) — ou continua tudo bem?

Alder Dante foi nomeado ainda há dias para apitar mais um jogo do FC Porto. «Simplesmente... dantesco», «arrojo e incoerência sem limites», «mais achas para a fogueira» (Eduardo de Castro, «Record», 20/1) — ou, tranquilamente, ainda e sempre tudo bem?

5.ª — «Vou ter a mão pesada», ameaçou no final do jogo o sr. Alder Dante, enquanto o secretário permanente do Farense, para evitar-lhe os efeitos da onda de revolta que gerou, o conduzia entre os bastidores a abrigo seguro.

O sr. Alder Dante teve, de facto, a mão pesada. Mas a ele — ninguém lhe vai à mão?

6.ª — O árbitro do (2-0) Varzim-Benfica distribuiu diversos cartões amarelos, sobretudo a atletas do Varzim. Pareceu a um

jornalista que determinado jogador do Benfica também largamente os merecera. Não senhor, respondeu o árbitro (citamos de cor): «É preciso conhecer a maneira de ser dos jogadores e a maneira de ser desse jogador leva-o a gesticular de forma abundante e habitual para com os árbitros, mas sem qualquer intenção maldosa».

Entende-se perfeitamente, não é verdade?

7.ª — Como é que, depois destas e doutras, querem os Exmos. Srs. dirigentes do futebol que os dirigentes dos clubes consigam «travar» as suas massas associativas?

8.ª — Perante isto que se passa, o coro de ausações a alguns árbitros constituiu apenas — como pretende o Exmo. presidente do Conselho de Arbitragem sr. Pinto de Sousa («A Bola», 17/1) — sistemática «contestação» e «hostilidade», por parte de dirigentes «menos escrupulosos» a «tudo o que e autoridade» ou mera «fabrificação» de bombásticos «homens dos mass media»?

Não haverá já fumo a mais para que possa continuar a dizer-se que não há mesmo fogo?

9.ª — Radica-se nos meios desportivos a impressão de que, neste Portugal democrático, a FPF e os seus órgãos punem pelo que se diz, punem pelo que se faz e só lhes falta punir pelo que se pensa.

E a solução óptima para o futuro, segundo o Exmo. Sr. Pinto de Sousa preconiza («A Bola», 17/1), e ainda «um regulamento disciplinar mais apertado e mais punitivo».

Mas será?

Ficamos na expectativa da autorizada resposta de V. Exas., a quem, entretanto, apresentamos os nossos melhores cumprimentos.

Hieronymus perdido

para o futebol

O futebolista «internacional» alemão federal Holder Hieronymus (de 25 anos) pediu o abandono da modalidade por invalidez permanente. O jogador do Hamburgo fez o pedido com base na grave lesão que sofreu em 31 de Março do ano passado, em jogo do campeonato com o Waldhof Mannheim. Hieronymus, três vezes «internacional», sofreu ruptura de menisco interior e exterior, ligamentos e cartilagens do joelho esquerdo, o que o impediu de jogar desde então, mau grado as suas tentativas de voltar aos campos. Em caso de invalidez permanente, o jogador receberá um seguro desportivo de cem mil marcos (cerca de cinco mil contos), outros 300 000 (cerca de 16 mil contos) de um seguro privado e o Hamburgo pagar-lhe-á 700 000 marcos (cerca de 38 000 contos) quando os médicos atestarem a sua incapacidade profissional. Hieronymus foi transferido em 1979 do FC St. Pauli, da 2.ª divisão, para o Hamburgo, clube onde fez 121 jogos.

Rallye Sopete/Póvoa de Varzim

Vitória para Joaquim Moutinho na primeira prova do nacional

A dupla Joaquim Moutinho-Edgar Fortes, em Renault 5 Turbo, foi a vencedora do Rali Sopete-Póvoa de Varzim, que abriu a temporada do Campeonato Nacional de Ralis, numa organização do Targa Clube.

O rali inaugural contou à partida com 36 equipas, das 38 inicialmente inscritas, vindo a terminar a prova apenas 22.

António Coutinho em Toyota Corolla de 16 válvulas e Alcides Petiz em Golf GTI, foram os vencedores dos agrupamentos A e N, respectivamente.

Depois de ter sido anunciado pelas equipas da Renault Portuguesa e Diabolique que só participariam em ralis que lhes apetece, devido à polémica que se travou motivada pela sabotagem do carro de Joaquim Moutinho no Rali do Algarve, aguardava-se com grande expectativa o comportamento de ambos nesta prova.

No entanto, mais uma vez o Rali da Póvoa de Varzim não permitiu que Joaquim Santos/Miguel de Oliveira constassem na lista dos vencedores. Os dois favoritos, partiram da Póvoa de Varzim com alguns problemas de motor, chegando, no entanto, a alternar o comando nas provas de classificação durante a primeira secção do rali. Joaquim Santos seria obrigado a desistir na ligação da 6.ª para a 7.ª prova de classificação,

ao verificar que se tinha furado uma camisa de um cilindro do seu Escort RS, sendo impossível a sua assistência remediar o problema no local.

Joaquim Moutinho, que se vinha queixando de problemas na caixa de velocidades, aproveitou a ligação para a segunda passagem pelo troço de Ponte de Lima para mudar a caixa, o que a sua assistência conseguiu num extraordinário tempo de 22 minutos, semelhante ao da assistência de fábrica.

Depois do abandono de Joaquim Santos, José Miguel e Carlos Bica ambos a tripularem um Escort RS 1800, começaram a «bater-se» pelo segundo lugar.

José Miguel, esteve quase a conseguí-lo, mas Carlos Bica, nas duas últimas provas de classificação, deu tudo por tudo, conseguindo obter o melhor tempo nas mesmas, e ultrapassar assim o seu opositor directo que chegaria à Póvoa de Varzim na terceira posição da geral.

É de salientar o comportamento de Pedro Leite Faria, campeão nacional de iniciados desta modalidade no ano passado, que demonstrou na primeira jornada do «Nacional» de Ralis, que não foi por acaso que conquistou o título em 84, terminando o rali numa brilhante quarta posição.

Quanto ao Agrupamento A partiram para esta prova com favoritos o Fiat Ritmo 130 TC de

Ramiro Fernandes, e os Toyota Corolla de Jorge Ortigão e António Coutinho.

No entanto, na quarta prova de classificação, Jorge Ortigão desistiu em virtude de se ter partido o motor do seu carro e na classificativa seguinte era a vez de Ramiro Fernandes, já que o rotor de distribuição do seu Fiat se partira, impedindo-o de continuar.

A partir dessa altura, o caminho ficou aberto para António Coutinho que se limitou a controlar o andamento dos pilotos que o seguiam e abrandou um pouco a fim de chegar à Póvoa de Varzim em primeiro lugar do Grupo A, o que viria a conseguir.

Alcides Petiz venceu sem qualquer dificuldade o Agrupamento N, enquanto o segundo lugar, foi discutido metro a metro por José Passos em Renault 11 Turbo e António Borges, em Renault Alpine.

Na penúltima prova de classificação, denominada Vilar de Mouros, António Borges, que ocupava a segunda posição do «N» furou, sendo ultrapassado por José Passos, que viria a manter essa posição até ao final da prova.

interromper a prova cerca de 30 minutos a fim de permitir a entrada da ambulância no troço cronometrado para assistir ao sinistrado. O jovem espectador foi levado, de imediato, para o Hospital de Viana do Castelo e depois seguiu para o Hospital de S. João, na cidade do Porto, uma vez que no primeiro foi diagnosticado traumatismo craniano.

Tiago Alexandre

Classificação final:

1.º, Joaquim Moutinho (Renault 5 Turbo) com o tempo de 1 hora, 42 minutos e 30 segundos; 2.º, Carlos Bica (Ford Escort RS), a 1 minuto e 2 segundos; 3.º, José Miguel (Escort RS), a 1m. e 6s.; 4.º, Pedro Leite Faria (Escort RS), a 7m. e 6s.; 5.º, José Rodrigues (Escort RS), a 9m. e 15s.; 6.º, António Coutinho (Toyota Corolla), a 9. e 22s.; 7.º, Pedro Sena (Escort RS), a 11m. e 41s.; 8.º, Frederico Ferreira (Opel Ascona), a 14m. e 27s.; 9.º, Alcides Petiz (Golf GTI), a 15m. e 34s.; 10.º, Eduardo Correia (Fiesta 1.6), a 15m. e 45s.; 11.º, José Passos (Renault 11 Turbo), a 15m. e 47s.; 12.º, António Borges (Renault Alpine), a 16m. e 00s.; 13.º, Paulo de Oliveira (Opel Manta 2000), a 16m. e 11s.; 14.º, Pedro Cabral (Capri 3.0), a 18 e 07s.; 15.º, Rio Lages (Citroën Visa Chrono), a 18m. e 34s.

DESPORTO



Gomes: um grande «capitão». Tanto à defesa como ao ataque, soberbo exemplo de profissionalismo e dignidade



Quim vai ser mais rápido que Oliveira e Pietra

Benfica, 0-Porto, 1

Csernai: requiem por um mito

Ora aí está: sem apelo nem agravo, afastada para muitas milhas a mais pequena centelha de reticência, o Futebol Clube do Porto veio à Luz abater a águia e provar, a gregos e troianos, que dispõe não apenas do melhor conjunto de futebol português em actividade como respira, por todos os poros, saúde física e moral, mostrando cada um dos seus elementos um sentido de conjunto e um espírito de interligação verdadeiramente notáveis. Desde o presidente Jorge Nuno Pinto da Costa a qualquer dos massagistas, de Teles Roxo, Luís César e Álvaro Braga à lourinha dos telefones, de Octávio ao professor João Mota, muito especialmente graças a um técnico português que não necessita de intérprete para dar os seus conselhos ou transmitir as ideias é todo um vertical monumento, uma pirâmide bem fixa ao solo que busca lá alto o beijo no Sol.

Ontem, naquele exército que Artur Jorge comanda com a sapiência herdada de mestre Pedroto, a entreaída e a divisão de esforços nos jogadores azuis-brancos foi de tal ordem impressionante que até Fernando Gomes (atirador sem par neste reino) esteve longo tempo remetido à condição de centro-campista, em tarefa de desgaste de qualquer hipótese de progressão benfiquista, sabendo que bastaria o tempo correr para ter enjoo de desferir o seu trivial golpe mortal. Especialmente porque, à sua frente, morava a mais desordenada, confusa e hererogénea molhada de jogadores que alguma vez foi colocada como embaixada do Benfica, ainda campeão nacional e legítimo orgulho de um «Terceiro Anel» a quem, certamente, asomaram algumas lágrimas ao rosto, quando o sensacional árbitro argário Francisco Silva adeu por terminado o sofrimento rubro, clarificado impotência perante um super; Porto que galgava terreno como lebre apenas tendo de se preocupar com Carlos Manuel e Bastos Lopes, Pietra e Samuel. No resto, para além do sempre considerável respeito que devemos à sagacidade de Nenê e à classe de Bento, andava tudo à deriva.



O melhor chutador da Europa a semear o pânico (mais uma vez) perante os confundidos alunos do mau professor Csernai

E, porquê? Será chover no molhado repisar o que já saiu escrito ou falado em milhares de horas: simplesmente porque a bizantinice, a casmurrice, a decrepitude fanática de Csernai nem uma só vez dá o braço a torcer e, do alto de umas tamanquinhas de cartão, vaidoso e prepotente, desdenha de apresentar o melhor bloco ao dispor da entidade patronal apenas porque se tornou de birra com jogadores da categoria de Shéu, Nivaldo e Álvaro, para além de, a outros, lhes tocar insólitas posições no terreno, obrigando-os a fazerem a triste figura de andarem baralhados sem saber que rumo dar à vida, quando poderiam ser pedras altamente influentes nos lugares que sabem desempenhar com arte e talento: falamos de Nunes, Veloso e Oliveira a quem, se continuam a permitir que Csernai faça a escalação dos atletas, ainda acaba por ser destinada a frente de ataque ao golo ou, pior ainda, a rendição de Bento, Delgado e Silvino, mesmo que nunca tenham feito um só treino como guarda-redes. É que, amigos, torna-se inacreditável e incapaz de qualquer justificação aquele encarte de ases e bisco-

que Csernai transforma no mais inofensivo amontoado de duques e ternos, esmagados por declarações idiotas e derrotistas, calcados na personalidade por decisões chicoteantes e infelizes, mesclados (todos) de um sentido de íntima raiva contra o péssimo diplomata que emigrou de Munique, bem chutado a pontapé no ponto de apoio das costas.

Enquanto Artur Jorge manteve sempre a mesma equipa, apenas lhe tocando quando foi absolutamente necessário inocular sangue novo e aventureiro, ou sado e sonhador, ao mesmo tempo que Toshack vai (no Sporting) tentando tudo por tudo para revelar valores enquanto espera que Oliveira e Jaime Pacheco, Romeu e Lito estejam aptos para o serviço e Jordão recupere uma lasquinha da sua forma habitual, parece quase verdade que Csernai está no Benfica caprichando em entregar os pontos ao adversário, pois só assim se entende o ostracismo a que votou durante larga fatia do campeonato o seu me-

lhor goleador (Nenê) e, sucessivamente, como vai colocando na prateleira as mais válidas unidades do seu (cada vez mais) desbaratado, desmobilizado e descrente exército. Acção mais perniciososa é completamente impossível de ser rubricada por um autêntico entendido em futebol: e não será agora, neste país já emergido da escravidão e da palmatoadas, que teremos algum pejo em citar Csernai como o quase único culpado do tremendo descalabro que pode arrastar para um fosso de muitos graus aquela bela equipa que poderia ser deleite de Fernando Martins e Júlio Borges, de Toni e Eusébio, de todos quantos (não mercenários) ainda têm no peito a chama do amor pelo seu símbolo clubista. Será tempo, portanto, para a direcção do Benfica, que em temporadas não menos recuadas deu outro passo em frente admitindo a contratação de jogadores estrangeiros, atirar para as malvas mais um velho e rebo conceito, esse de não se despedir a meio de uma época qualquer treinador de futebol. Mas, que diabo, tudo tem um limite: e, a menos que a gerência de Fernando Martins

tenha estudado para masoquista, só resta entregar o bilhete de avião ao húngaro e recambiá-lo para o pátrio lar, se é que por lá ainda conseguirá asilo político.

Os «Peles Vermelhas», o «Exército Rubro», a moçada dos «Diabos Vermelhos» bem se esforçou por tentar inocular nos jogadores que moram na menina dos seus olhos a força que Csernai lhes rouba com o olhar gelido, a personalidade talhada a canivete, o tom esfíngico com que se remete ao silêncio que é recordação de povo vergado pelas tiranias de um qualquer Hitler. Em contrapartida, a «Maré Azul» tomava de assalto, alegre e feliz, o sorumbático parque da Luz, tapete num brinquinho (parabéns, Domingos Claudino) mas, lá para o interior, nas cabanas dos seus jogadores, um monumento a desmoronar-se com sofreguidão e aspereza.

O Benfica é, esta temporada em tom acelerado, uma equipa a perder ordenamento, a submeter-se rapidamente a qualquer comando adverso, como se fosse já fatal que não encontrasse dentro do seu castelo capacidade anímica para, impulsionado por mola mesmo vinda da lateral, corrigir uma falha ou rapidamente emendar um lapso. Nada disso: o Benfica é um aglomerado de magníficos jogadores que se arrastam em campo porque perderam toda e qualquer confiança no seu chefe directo. E isso, ontem, foi sabiamente aproveitado por Artur Jorge que, sabiamente dispendo

no tabuleiro as suas pedras, deu (em noventa por cento do espectáculo) a ideia, a qualquer súbito visitante da Luz, de que trocara o caminho e estava nas Antas, vendo os «Dragões» ingerirem um petisco bem temperado à hora que liga almoço e chá das cinco.

Restará acrescentar como foram fabulosas as actuações de Futre e Frasco, Inácio e Gomes, João Pinto e Quim, Eurico e André, Lima Pereira, Jaime Magalhães e Zé Beto, todos sem o mais pequeno tremelique, como se estivessem treinando perante passarinhos, a não se ressentirem um único minuto de trocarem espadas com um Benfica onde Carlos Manuel e Bastos Lopes mereceram vinte valores. Pietra Samuel estiveram quase ao mesmo nível, Nenê tudo tentou para um volta-face, Bento ainda evitou tiroteio pior. Apenas estava escrito no vento o inevitável: à falência total das congeminações de Csernai pode responder-se com um mínimo de habilidade e de miolos, coisa que não mora (nem sequer deslizou) no dicionário, parco de adjetivos e nulo de encómios, que anda por detrás daquele acobreado rosto que parece ter hipnotizado ou siderado toda uma direcção que, a menos que queira ser arrastada na queda abismal, só tem um caminho a tomar. Já e em força. Ao menos para salvaguarda do futebol português, que tanto deve a um Benfica que era respeitado até nos antipodas.

Neves de Sousa

Com primorosa arbitragem, das melhores que marcaram as últimas épocas do futebol nacional, rubricada por Francisco Silva (o juiz argário que esteve brilhantemente acompanhado pelos fiscais Martins Gravanita e Alexandre Afonso), alinharam:

Benfica: Bento; Pietra, Bastos Lopes, Samuel e Oliveira; Nunes (Vando na 2.ª parte); Carlos Manuel, José Luís e Veloso; Nenê e Jorge Silva. Suplentes não utilizados: Delgado, Carlos Pereira, Tozé e Padinha. Cartão amarelo para Nunes, José Luís e Pietra.

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Jaime Magalhães, Frasco, Quim e André; Gomes (Quinto, 86) e Futre (Vermelhinho, 77). Reforços no banco: Barradas, Eduardo Luís e Walsh. Cartão amarelo para Frasco e Gomes. Teto de Gomes, aos 26 minutos.



DESPORTO

Basquetebol: Benfica isolado

O Benfica, ao superar sem dificuldades na Luz o Illiabum por 68-59, mantece o comando do Campeonato Nacional de Basquetebol da Primeira Divisão, com um total de 35 pontos.

Os encarnados, que haviam ultrapassado a barreira dos cem pontos na véspera frente ao Olivais (102-97), tem como rival mais próximo o FC Porto (34 pontos), que ganhou ao Ginásio por 85-74, depois de sábado ter infligido uma derrota (97-79) ao Conimbricense.

O Queluz sai derrotado na sua deslocação ao pavilhão do Sangalhos por 89-74, estando agora,

com aquela equipa e com o Barreirense, na terceira posição, todos com 31 pontos.

O Barreirense, que no sábado perdeu (99-72) diante do Sangalhos, redimiu-se do desaire, ao triunfar frente à Ovarense por 75-61.

O Belenenses foi a única equipa a passar a casa dos cem pontos, ao vencer no Restelo o Olivais por 101-86, estando no penúltimo lugar, com 23 pontos.

A conimbricense, que averbou duas derrotas neste fim de semana, está no último lugar, com 21

RESULTADOS (18.ª Jornada): Ovarense-Queluz, 79-71; Benfi-

ca-Olivais, 102-97; Belenenses-Illiabum, 79-85; Ginásio Figueirense-Sanjoanense, 85-63; Conimbricense-FC Porto, 79-97; Sangalhos-Barreirense, 99-72.

19.ª Jornada: Ovarense-Barreirense, 61-75; Sangalhos-Queluz, 89-74; Benfica-Illiabum, 68-59; Belenenses-Olivais, 101-86; Conimbricense-Sanjoanense, 59-64; Ginásio-FC Porto, 74-85.

CLASSIFICAÇÃO: 1.º Benfica, 35 pontos; 2.º FC Porto, 34; 3.º Queluz, Barreirense e Sangalhos, 31; 6.º Olivais, Ginásio e Illiabum, 28; 9.º Ovarense e Sanjoanense, 26; 11.º Belenenses, 23; 12.º Conimbricense, 21.

Hóquei em patins: Sanjoanense no comando



Fase do encontro Sporting-Académica Amadora em que os «leões» triunfaram (dificilmente) por 4-3

A Sanjoanense e o Sporting ao vencerem sábado os jogos em que estiveram envolvidos na 10.ª jornada do Campeonato Nacional mantiveram-se firmes no comando, com 27 pontos. A Sanjoanense impôs-se fora ao Valongo por 5-2, enquanto o Sporting venceu (em casa) a Académica da Amadora, por 4-3

Oliveirense, tendo ganho por 4-2.

O Cascais continua na 3.ª posição, com 25 pontos, após ter derrotado o Paço de Arcos por 5-3, o mesmo acontecendo com o Sesimbra (4) que ganhou ao Belenenses por expressivo 10-5. A vitória do Benfica frente ao Oeiras por 14-5, atirou a equipa da Luz para a sexta posição e o F.C. Porto, ao vencer o Sporting de Tomar por 9-3, enquanto o Turquel obtinha uma vitória inesperada frente à equipa do Juventude de Viana por 7-4, enquanto o Famalicense recebeu o

Andebol: Sporting "descola"

O Benfica ganhou nas Antas ao F.C. Porto por 25-23, no encontro mais importante da 5.ª jornada da segunda fase do Campeonato Nacional de Andebol da Divisão de Honra. A turma encarnada, que na véspera ganhara ao Académico de Braga por 28-22, ocupa a par do Belenenses o lugar de honra da classificação geral, ambos com 15 pontos.

O Belenenses teve uma jornada dupla muito tranquila, tendo recebido no seu pavilhão o Desportivo de Portugal e a Sanjoanense, triunfando por 28-25 e 29-19, respectivamente.

O Sporting, ressentindo-se da

ausência de Pires e Miranda, empatou (20-20) frente ao F.C. Porto nas Antas (sábado), tendo triunfado ontem frente ao Académico de Braga por 26-22, numa partida em que sentiu algumas dificuldades. A turma leonina é terceira classificada, com 11 pontos, enquanto o F.C. Porto e o Vitória de Setúbal partilham o quarto posto, com 10 pontos. O conjunto sadino cilindrou sábado a Sanjoanense por 40-25 e superou o Desportivo de Portugal por 30-21, somando seis pontos nos dois jogos deste fim-de-semana.

A Sanjoanense continua no último lugar, com cinco pontos,



Ontem, no Estádio da Luz, oitenta mil pessoas tributaram vibrantes e calorosos aplausos a João Campos e António Leitão pelo brilhante comportamento de ambos tido recentemente nos «mundiais» de pista coberta nos quais o primeiro averbou o título mundial na prova dos 3000 metros



Virginia Gomes: o bonito sorriso duma excelente atleta

Atletismo: Crosse de San Sebastian

Entorse 'trava' Aurora Cunha

O Crosse Internacional de San Sebastian, que reuniu 1340 atletas em cinco corridas, disputou-se com o piso em bom estado e sol mas com algum frio. As chuvadas que caíram sábado não prejudicaram muito os terrenos do Hipódromo de Lasarte-Subele. A passagem dos atletas pelas zonas pesadas e escorregadias.

A prova sénior, a mais importante do programa, teve um percurso de dez quilómetros e a participação de 500 atletas do Quênia, Etiópia, Marrocos, Argélia,

República Federal da Alemanha, Escócia, Inglaterra e Espanha. Os atletas africanos e o escocês Nat Muir, já vencedor em Lasarte em 1980, assumiram o comando da corrida logo de início, tendo sido o queniano James Kipgetich, militar de carreira, de 25 anos, o grande animador da prova até aos seis quilómetros. Formou-se um grupo na frente, envolvendo sete atletas, entre os quais o espanhol Esparraco, o argelino Bounour, campeão mundial militar de crosse, o etíope Kedir, campeão mundial em 1982.

O público aplaudiu de pé a chegada de Bulti à meta, depois do despique cerrado com o seu compatriota e o espanhol.

Na prova feminina a portuguesa Aurora Cunha, campeã mundial dos 10 km de estrada, terminou na quarta posição, mas cortou a meta lesionada. A vitória pertenceu a Asuncion Sinovas, do Clube Sam-Cantabria, que venceu a prova pela segunda vez.

Aurora Cunha passou em primeiro lugar nos primeiro e segundo quilómetros, respectivamente com 3,24 e 6,52 minutos. Suportando constantes ataques de Asuncion Sinovas e Ana Isabel Alonso, a atleta portuguesa defendeu-se sem problemas até ao terceiro quilómetro, altura em que cedeu devido a lesão no tornozelo esquerdo, que necessita de cuidados médicos e possivelmente duas semanas de repouso. Denotando algum esforço, Aurora Cunha prosseguiu em prova e concluiu na quarta posição.

Classificação das cinco primeiras: 1.ª Asuncion Sinovas, Espanha, 12,36; 2.ª Ana Isabel Alonso, Espanha, 12,40; 3.ª Montse Abello, Espanha, 12,47; 4.ª Aurora Cunha, Portugal, 12,53; 5.ª Hassanaria Darami, Marrocos, 13,00.

«Dois Palácios» Estafeta para o Benfica

O Benfica ganhou a primeira estafeta dos «Dois Palácios», com 24,1 quilómetros, que ligou Queluz a Sintra.

Luís Almeida, Fernando Carvalho, José Abreu, Fernando Miguel e José Pedras cobriram a distância entre os palácios em uma hora 09,41 segundos. O 2.º lugar foi para o Corpo de Intervenção da PSP, com 1,11,0 e o terceiro para a Almada, com 1,14,45.

A melhor equipa feminina foi a do Andorinha, constituída por Elizabeth Fernandes, Graça Carvalho, Sandra Silva, Maria Leonilde e Lídia Caetano, com 1,33,56.

«Phillipe Martin» Triunfo de capitão e Rosa Mota

Carlos Capitulo e Rosa Mota foram os vencedores da prova

«10 milhas Philippe Martin», disputada ontem em Lisboa.

A prova, com cerca de nove quilómetros, teve início em Alges e terminou na Rua Garrett. Mais de 1500 atletas estavam inscritos e Capitulo e Rosa Mota, como vencedores, arrecadaram 25 mil escudos cada.

Classificação: 1.º Carlos Capitulo, Popular; 2.º Carlos Monteiro, ICA; 3.º Carlos Matias, Belenenses; 4.º Oscar Santos, Académica da Régua; 5.º Julio Gomez, Argentina.

Rosa Mota ganhou a prova feminina classificando-se em 65.º lugar na geral, entre cerca de 1500 atletas.

Torneio Regional de Lisboa

O sportinguista Paulo Santos lançou o dardo a 72,60 metros no torneio regional de pista promovido pela Associação de Atletismo de Lisboa, no Estádio de Alvalade, conseguindo a segunda melhor marca nacional da especialidade. O recordista nacional, Carlos Cunha (Sporting) foi segundo com 71,86 metros. De assinalar os 15,24 metros do benfiquista José Leitão no triplo-salto, os 5,97 metros de Ana Oliveira (Benfica) no comprimento e os 21,7 segundos de Luis Cunha nos 200 metros.

Nos 60 metros triunfou Pedro Agostinho (Sporting) com 6,8 segundos e Luis Cunha (Benfica) com 6,9 segundos.

Carlos Jesus (Sporting) ganhou os 1000 metros em 2,30 minutos e João Lima (Sporting) venceu os 60 metros barreiras em 80 segundos.

Na prova feminina salientam-se os triunfos das benfiquistas Virginia Gomes (7,5 nos 60 metros) e Graziela Guerreiro (24,8 nos 200 metros).

Gualdino Viegas é campeão do Algarve

Gualdino Viegas, do Imortal de Albufeira, sagrou-se campeão do Algarve de corta-mato, ao vencer a prova regional da Associação de Atletismo de Faro, disputada na pista da Aldeia das Açoteias.

O atleta vencedor percorreu os 10 000 metros da prova em 33,10 minutos, seguido de António Costa, também do Imortal, que gastou mais 43 segundos.

Por equipas, a vitória pertenceu ao Imortal de Albufeira, que somou 24 pontos.

Na categoria de juniores masculinos, a prova de 6000 metros teve como vencedor Luis Sequeira, do Algez e Benfica, com 24,28 minutos e em juvenis (masculinos) o triunfo pertenceu a Paulo Martins do Desportivo da Penha, que percorreu os 4000 metros em 13,34 minutos.

CRUZEIRO IBIZA • PALMA

De 14 a 21 Fev.

Sol do Mediterrâneo

ANDORRA - MADRID

CARNAVAL

BAILES - CEIAS

ALMOÇOS - VISITAS

30 VIAGENS

NOVAS - DIFERENTES

CONSULTE O N.º CATALOGO

O SEU FILHO É N.º CONVIDADO

LUSANOVA - TOURS

GROSSISTA N.º 43543

RESERVAS NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMAÇÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se publico que pelo 1.º Juízo do Tribunal de Primeira Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 5 de Fevereiro de 1985, pelas 15 horas, neste Tribunal Rua Braamcamp n.º 54 Lisboa, vão a praça os moveis abaixo descritos penhorados a Sociedade Montagens e Estudos Técnicos, Lda, com sede na Rua da Moeda n.º 11 - 1.º D.º, sala 3 Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 349/77, instaurado por divida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba única: O direito ao arrendamento e trespasse do 1.º andar do edifício, sala 3 do prédio sito na Rua da Moeda n.º 11 e o respectivo recheio tudo no valor de 1 003 000\$000.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1985

O Juiz de Direito

(Manuel Luis Macarista Malheiros)

O 1.º Juiz Tributário

(Luís Antonio Pinto Barros)

DL 28/1/85 - 2.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se publico que pelo 1.º Juízo do Tribunal de Primeira Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 5 de Fevereiro de 1985, pelas 16 horas, neste Tribunal Rua Braamcamp n.º 54 Lisboa, vão a praça os moveis abaixo descritos penhorados a Lecaetano Pre-Fabricados, C/Argila Expandida SARL, com sede na Rua Castilho n.º 39 B, Esq. Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 97/84, instaurado por divida da Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 - 9 secretarias metálicas para escritório, com tampo em formica, 13 cadeiras de escritório forradas a napa preta, 2 maquinas electricas de escrever marca SGE ET 31 n.º 120509 e Olympia tipo SGE-35-F-51 n.º 26-209102, 9 estantes metálicas com 4 divisórias cada da Cortal, 2 maquinas de calcular marca Monroe 320 serie MO 37719 e D-240960 3 ares condicionados de marca Winner 2 e outro de marca Daikin, 1 cofre monobloco, cor verde, de Eduardo Franco, tudo no valor de 300 000\$000.

Verba n.º 2 - Uma maquina de escrever IBM electrica no valor presumivel de 30 000\$000.

Verba n.º 2 - Uma maquina de calculadora electrica Olivetti Logos 43-PD, n.º 6419452 no valor presumivel de 7500\$000.

Verba n.º 3 - Uma maquina de calculadora electrica Olivetti Logos 49, n.º 218901, no valor de 5000\$000.

Verba n.º 4 - Duas mesas de dactilografia, com tampo em formica, no valor de 2000\$000.

Verba n.º 5 - Um armario metálico com porta dupla, de cor cinzenta, no valor de 5000\$000.

Verba n.º 7 - Dois carrinhos ficheiros, da Quinaco, no valor de 4000\$000.

Verba n.º 8 - Um carrinho metálico ficheiro com 2 gavetas no valor de 2000\$000.

Verba n.º 9 - Um frigorifico de bar, marca Bosch no valor de 4000\$000.

Verba n.º 10 - Dois ventiladores, um da marca Taurus e outra Vent Aix, no valor de 2000\$000.

Verba n.º 11 - Duas divisórias amoveis metálicas com vidro e madeira no valor de 15 000\$000.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1985

O JUÍZ DE DIREITO

(Manuel Luis Macarista Malheiros)

O 1.º JUIZ TRIBUTÁRIO

(Luís Antonio Pinto Barros)

DL 28/1/85 - 2.ª Pub.

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

“Metropolis” de Fritz Lang/Giorgio Moroder

Fabricante de sons e enquanto tal que Giorgio Moroder se aproxima de **Metropolis**. A ideia base é a de compor uma banda musical em 1984 que recicle as imagens de 1926 para o presente. Depois, diante do filme de Lang, Moroder deve ter sentido que essa reciclagem, o acto de pôr de novo **Metropolis** a circular no imaginário das gerações, precisava de algo mais.

De certo modo, as cópias existentes da obra de Fritz Lang tinham todas as características de uma ruína: sabe-se como a versão original foi mutilada por remontagens várias, não restando, como dizia Langlois, senão uma pálida ideia do que fora. Daí que Moroder se sentisse eticamente autorizado a intervir activamente no seu corpo: como todo o restaurador que se preza devolve-lhe alguns componentes de que havia sido amputado (a cena do estádio, a entrada de Brigitte Helm no Yoshiwara, entre outros) e adopta a atitude do adaptador (novos tempos, novas leituras...). Desaparecem os diálogos nos intertítulos, a acção percebe-se pelas imagens e comenta-se na letra das canções, surgem as tintagens e os breves efeitos especiais. Entendendo a ruína como **fantasma** do passado, Moroder não quer, de nenhum modo, reconstruí-la tal como era (o que, suponho, deve ser impossível e, se o não for, é com certeza tarefa para mãos mais históricas e menos personalizadas); Moroder acentua essa característica de **fantasma**, não pede às imagens que vivam mas que parem, não quer uma ressurreição antes pratica a arte da invocação dos espíritos.

O resultado não há dúvida que impressiona. A dimensão luminosa das imagens regressa com uma carga de fascínio incontornável (toda a sequência da dança de Brigitte Helm no **night club** é catapulta para delírios orgásticos) e seria importante avaliar como reagem gerações que estão a receber as visões de Lang pela primeira vez, envoltas embora no ininterrupto fluxo musical de Moroder.

Para mim, porém, que olho as artes como estremecimento no presente mas testemunho do passado (não me é indiferente — muito pelo contrário — saber qual a situação alemã de 1926 para



Imagens de Lang, música de Moroder: o restauro não vale a ruína

perceber as coordenadas ideológicas do filme de Lang), esta adaptação de Moroder surge-me como uma operação de resultados mais que duvidosos. A sonoridade e o tempo do rock (entendida essa palavra quer enquanto dado rítmico quer cronológico) colam mal aos espaços visuais de Lang, ao seu cinema (daí a necessidade de uma remontagem que alterasse o tempo filmico enquanto ritmo, daí as tintagens e os efeitos especiais que adaptassem essa visão a uma contemporaneidade fantasmática). Moroder não cedeu ao projecto de Lang, utilizou-o para o seu próprio projecto.

Independentemente de medirmos a estatura comparativa das duas personalidades em abstracto, creio que o projecto Moroder é incomensuravelmente menos forte que o de Lang. Esta versão de **Metropolis** reduz assim o campo de perplexidade que havia, fecha-se num território mesquinho e de gosto duvidoso.

Digamos que pôr uns bigodes na Gioconda e repintar o fundo em paisagens opocalípticas não têm, em si, nada de mal. Pode é

nada acrescentar ao que havia e diminuir a força do original. Este **Metropolis** de Moroder é, mal comparado, uma coisa desse tipo.

FICHA:
Título original: Metropolis (1926/1984).

Realização: Fritz Lang/Argumento: Thea von Harbou e Fritz Lang / **Fotografia:** Karl Freund e Günther Rittau / **Direcção Artística:** Otto Hunte, Erich Kettelhut e Carl Volbrecht / **Efeitos especiais:** Eugene Shuftan / **Escultura do «robot»:** Walter Schulze-Mittendorf / **Efeitos especiais ópticos da nova versão:** Jeff Matakovich e Ray Mercer / **Cor (nova versão):** Jeff Matakovich e Ray Mercer / **Música (nova versão):** Giorgio Moroder, executada por Arthur Barrow, Keith Forsey, Sylvester Levay, Loverboy, Giorgio Moroder, Orquestra de Câmara de Munique, Kristian Schultze, Lee Sklar, Billy Squier e Richie Zito / **Arranjos musicais (nova versão):** Arthur Barrow, Keith Forsey, Sylvester Levay, Loverboy, Giorgio Moroder, Billy Squier e Richie Zito / **Canções (nova versão):** «Blood from a Stone», de Giorgio Moroder e Pete Bellotte, cantada pelo Cycle V; «He-

re's My Heart» de Giorgio Moroder e Pete Bellotte, cantada por Pat Benatar; «Cage of Freedom» de Giorgio Moroder e Billy Squier, cantada por Jon Anderson; «On Your Own», de Giorgio Moroder e Billy Squier, cantada por Billy Squier; «Wat's Going On», de Giorgio Moroder e Pete Bellotte, cantada por Adam Ant; «Here She Comes» de Giorgio Moroder e Pete Bellotte, cantada por Bonnie Tyler; «Love Kills», de e por Fred Mercury; «Destruction», de Giorgio Moroder e Pete Bellotte, cantada por Loverboy/Guarda-Roupa: Aenne Wilkan / **Consultor Histórico:** Enno Patalas / **Interpretação:** Brigitte Helm (Maria/Robot), Gustav Fröhlich (Freder Frederesen), Rudolph Klein-Rogge (Rothwang), Alfred Abel (John Frederesen), Theodor Loos (Joseph), Heinrich Georg (capataz), Fritz Rasp (Slim), Erwin Biswanger (Georgy), Olaf Strom (Jan), etc.

Produção (original): Erich Pommer para a UFA / **Produção (nova versão):** Giorgio Moroder / **Distribuição em Portugal (nova versão):** DOPERFILME Cinema: Estúdio 444. **Classificação:** Para maiores de 12 anos. **Duração:** 83 minutos.

Frankie Goes To Hollywood

Bem vindos ao prazer

«Welcome to the Pleasure Dome» é o álbum estreia dos Frankie Goes to Hollywood. Um trabalho que reúne toda a sua obra e inclui ainda alguns clássicos da música pop.

Os Frankie nasceram há dois anos. O seu criador é William Johnson, geralmente conhecido por Holly, que aos 15 anos dançava ao som de Lou Reed, nas ruas de Liverpool, com um grupo de amigos. Com eles planeava as roupas, os penteados e falavam sobre o seu ídolo, David Bowie.

Nos finais dos anos 70 Holly e os amigos frequentavam os bares mais avançados, onde se podia ouvir a ainda marginal música de Bowie, Patti Smith, Roxy Music ou Velvet Underground. Nessa altura abriu um clube, o Eric's onde se passava tudo o que fosse de mais moderno.

Começou por integrar os «Big In Japan» de que fazia parte também Jayne Casey, na voz, Budgie, na bateria e Bill Drummond na guitarra. Depressa Holly se cansou deste grupo e optou por «The Sausages from Mars», assim como Jayne.

Holly já fazendo novas tentativas e uma delas foi o «single»

«Yankes Rose», que não obteve o mínimo sucesso o que o levou a pensar que seria o fim da sua carreira artística. Durante um ano apenas frequentou a comunidade «gay», num mero prazer do sexo.

Retomando a autoconfiança, encontrou num bar de Liverpool três jovens trabalhadores que tinham a ambição de formar uma banda. Formaram eles que, em 1982, constituíram os Frankie Goes to Hollywood.

No seu primeiro concerto o grupo executou três novas composições, «Relax», «Two Tribes» e «Love's Got a Gun». Desde aí se sentiu que o seu visual provocatório e a emocionalidade do som ia «dar que falar e escrever».

Foi nesse mesmo espectáculo que um amigo de Holly, Paul Rutherford saltou para o palco, começando a fazer parte da banda. Com ele mudou tudo. Aluno de uma escola de arte trouxe ao grupo uma nova dimensão estética.

Enquanto Holly escrevia as letras, ele era o responsável pelo visual. Os restantes elementos são Peter Gill, Mark e Ged O'Toole. A sua segunda actualização tinha já um estilo teatral.

Havia duas vocalistas amarradas a postes no fundo do palco e Holly e Paul cantavam «Relax» de tronco nu e chicotes na mão a representarem um «show» sadomasoquista.

«O sexo e o horror são os novos deuses» diziam os Frankie, em 1982. No seio do grupo criou-se a divisão: Paul e Holly eram declaradamente homossexuais e tinham cursos e os outros três «putos» eram heterossexuais e tinham pouca formação escolar.

Os dois semigrupos criticavam-se e opunham-se, mas acabavam por se dar bem. O empresário Bob Johnson interessou-se por eles e breve gravaram «Relax», «Two Tribes»

e um vídeo. A editora não gostou. «Love Got a Gun» e «Get Out of my Way Arsehole» foram gravados para outra etiqueta, mas todos os seus trabalhos seriam rejeitados, pela sua imagem.

O interesse pela banda aumentou quando um programa de televisão gravou o vídeo «Relax». Na rádio, John Peel pediu à banda vários registos como «Welcome to the Pleasure Dome», «The Only Star in Heaven» ou «Relax 2». Mudado o visual, foram contratados por uma editora e gravaram os

temas hoje conhecidos e integrados no álbum «Welcome to the Pleasure Dome».

CREUSA REIS DIOGO

Missa e Agradecimento

Sua família participa que amanhã dia 29 pelas 19 horas será celebrada missa pelo seu eterno descanso na Igreja de Sereluz, agradecendo desde já todos quantos por qualquer meio lhe têm manifestado o seu pesar, neste seu doloroso transe.

A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B • B. de Macau, 8-1. LISBOA

Hoje



Exibe-se na RTP-1 o filme «Duas Irmãs», do qual vimos uma cena

- 18.17 Notícias
- 18.20 Tempo dos Mais Novos
- 19.00 Teleregiões
- 19.25 Computadores
- 20.00 Telejornal
- 20.27 Boletim Meteorológico
- 20.35 «Chuva na Areia» — 16.º episódio.
- 21.10 Castelo Mágico — num ambiente de mistério e magia.
- 22.10 «Duas Irmãs» — intérpretes: Ted Wass, Phoebe Cates, Pamela Belwood e Efrem Zimbalist Jr., entre outros. Realização: Steven Hillard Stern.
- 23.45 Último Jornal



A RTP-2 apresenta esta noite o 4.º episódio da série «Guilherme de Orange»



- 20.02 Desenhos Animados
- 20.35 RTP-Madeira — «Coleções da Madeira».
- 21.00 «Guilherme de Orange»
- 22.00 Jornal da Noite
- 22.25 «A Sucessora» — 16.º episódio.

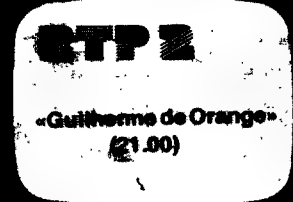
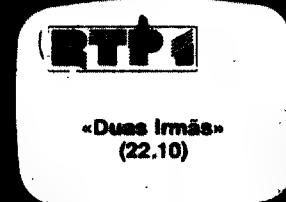
Amanhã



13.35: Ciclo Preparatório TV; 18.17: Notícias; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 18.55: «Yakari»; 19.00: Teleregiões; 19.20: Música da América; 20.00: Telejornal; 20.27: Boletim Meteorológico; 20.30: Comunicação do Ministro da Justiça; 20.35: Direto de Antena — CDS; 20.40: «Chuva na Areia»; 21.15: Actual; 22.10: «Cagney e Lacey»; 23.00: Último Jornal.

20.00: Desenhos Animados; 20.30: Conheça Melhor; 21.00: Musical Educativo; 22.00: Jornal da Noite; 22.30: «A Sucessora».

GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



CHUVA NA AREIA

Nunes, tristíssimo, não amôgo. Os outros procuram consolo-lo.
Neuber, Schmidt e Vilela atacam, entretanto, no café conversando sobre a venda dos terrenos da fábrica velha.
Os Brandões passeiam ao longo da esplanada, comentando a inauguração do hotel.
A avó Malagães tenta convencer Ana a casar. O avô não concorda.
Na Pensão Ancora prossegue o almoço. Guida chega com alguns amigos. Nunes esculpe o pão todos à vontade e manda servir mais lagosta.
Na esplanada Odete lê uma revista enquanto aguarda a chegada de Vilela.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

Informação Ecológica

Aumenta número de morsas no Pacífico

Uma expedição soviética à península da Kamtchatka verificou que o número de morsas aumentou, alcançando presentemente mais de 6 mil.

As primeiras morsas, preciosos animais marinhos, apareceram no Norte da península há alguns anos. Em 1983 pela primeira vez no século XX, os animais voltaram para a ilha de Karaguinski, onde se encontravam outrora as suas grandes colónias.

Depois da chegada a esta região, no século passado, de barcos de caçadores, que exterminavam 1500 animais por cada viagem, as morsas desapareceram. Apenas as memórias dos primeiros viajantes e os nomes geográficos antigos — ilha das Morsas, Baía das Morsas, Rochedo das Morsas — recordam que estes animais viviam outrora tão perto da parte Sul do litoral da península.

Actualmente, o capital de morsas do Pacífico nos mares da Sibéria oriental, da Tchoukotka e de Bering é de cerca de 150 mil cabeças. Para satisfazer as necessidades da população autóctone da Tchoukotka, são mortas anualmente cerca de 4 mil, mas o seu número cresce continuamente. Segundo os especialistas, espera-se que as morsas continuem a propagar-se.

Dispositivo antipoeira

Um novo dispositivo concebido por cientistas ucranianos melhora em 50-70 por cento o efeito da neutralização das poeiras nas minas. Na zona onde trabalham as máquinas de extracção da hulha, é pulverizada



Colónia de morsas na península de Kamtchatka

água, à qual é conferida carga negativa por meio de um electrizador. As gotas de água envolvem as partículas de hulha carregadas positivamente, desembaraçando-as do ar. O novo aparelho já começou a ser fabricado em série.

«Corredor» para pássaros migratórios

Um «corredor» de vários quilómetros está reservado para as aves de arribação no coração de um novo bairro de Leninegrado, em vias de construção na costa Norte do golfo da Finlândia (mar Báltico).

O projecto do novo bairro,

destinado a 800 mil habitantes, mantém intactos os espaços verdes, lagos e pântanos onde, todos os anos, centenas de milhares de pássaros fazem escala. Serão reservas rodeadas de zonas de repouso-lampião para os cidadãos. Os bairros residenciais erguer-se-ão em volta.

As medidas de protecção da natureza são pelo laboratório ecológico urbanístico de Leninegrado. Os seus especialistas estabelecem previsões ecológicas e, se necessário, impõem a construção restrições determinadas tendo em vista evitar as consequências nefastas para o meio-ambiente.

Assim, de acordo com as suas recomendações, foram conser-

vados os terrenos pantanosos, porque eles participam na formação de célebres águas minerais de Polioustrovo. Quando se fez a terraplanagem dos territórios costeiros e o aprofundamento simultâneo das vias navegáveis do golfo da Finlândia, foram proibidos os trabalhos no grande banco de areia de Krestovskaya. Na sequência de investigações feitas, verificou-se que, aí, o gelo derrete muito mais cedo que nos outros sítios e que, no início da Primavera, os pássaros vão habitar para lá e os peixes desovar.

Colecção de 190 mil aves

O Instituto de Zoologia da Academia de Ciências da URSS

possui uma das mais ricas colecções de pássaros do mundo, provenientes de todos os cantos do nosso planeta. Os fundos do museu possuem cerca de 190 mil exemplares de pássaros.

Efeitos do tabaco no meio ambiente

O fumo produzido por todos os cigarros no mundo (produzem-se cerca de 5,7 milhões de toneladas por ano) difunde anualmente na atmosfera do nosso planeta uma média de 10,5 toneladas de cádmio, 14,8 toneladas de chumbo, 48,4 toneladas de cobre e uma grande quantidade

de outros metais, segundo um estudo efectuado por especialistas soviéticos.

Esta poluição pode ser comparada às matérias expelidas por um ou dois vulcões em erupção, de força média (um vulcão expelle para a atmosfera 5 a 8 toneladas de cádmio, em média).

Segundo os cientistas, são sobretudo os compostos de metais pesados contidos no fumo dos cigarros, que têm efeitos negativos no organismo humano. Assim, o excedente de cádmio no organismo eleva a tensão arterial e provoca insuficiência renal. Atribuem-se-lhe igualmente propriedades cancerígenas.

Este micro-elemento introduzido no organismo através do aparelho gastro-intestinal, deforma os ossos e torna-os frágeis. Os outros metais presentes no fumo dos cigarros não são tão perigosos.

Janelas contra o ruído

Investigadores de Moscovo sugeriram uma versão original da protecção contra o ruído da rua: um caixilho de janela que tem acoplado uma espécie de câmara-amortecedora de ruído.

Esta câmara assemelha-se a uma caixa estreita e longa e substitui-se ao postigo. A construção encerra uma série de membranas que amortecem as ondas acústicas. Mantendo-se impermeável ao ruído, a câmara de isolamento acústico deixa todavia passar o ar sem dificuldade.

A eficácia do dispositivo já foi testada na prática, tendo os locatários dos apartamentos confirmado os seus resultados. Este ano ainda, será iniciada a produção em série dos novos caixilhos.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

SEGUNDO JUÍZO

ANÚNCIO

Pela 2.ª secção do 2.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, correm editos de 30 dias contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os executados abaixo indicados para, no prazo de cinco dias posterior ao dos editos, pagar a exequente a quantia de Esc. 269 099\$80, proveniente de dívida, deduzir oposição ou nomear bens à penhora suficientes para esse pagamento sob pena de se considerar devolvido a exequente o direito de tal nomeação.

PROC. 4820 — EXECUÇÃO SUMÁRIA — 2.ª secção, em que são:

EXEQUENTE — Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P.

EXECUTADOS — VIFRIO — Produtos Alimentares Congelados, Ld., com última sede conhecida na Rua do Alvide n.º 342, Fontainhas-Casais e JOSE VITORINO DE JESUS MARQUES, com último domicílio conhecido na morada acima indicada.

Lisboa, 23 de Janeiro de 1985

O Juiz de Direito

(Ilegível)

O Escrivão adjunto

(Ilegível)

«DL» 28/1/85 — 1.ª Pub.

rádio

Antena Um

16.00 Musicomania, 18.00: A gaita dos sete foles, 19.00 Informação e música, 20.00 Musical, 20.20 No estúdio e no estúdio, 20.35 Música portuguesa, 21.00 Cozinha económica, 21.30 Notícias de luar, Noticiários a todas as horas.

Programa 2

15.00 Ciclo João Sebastião Bach, 15.30 Música de piano da era romântica, 15.55 Hoje ainda pode ouvir, 16.00 Música do século XX, 16.30 Solos instrumentais, 16.45 Trechos de óperas, 17.00 Ciclo Beethoven, 17.30 Música medieval, 17.55 Esta noite no Programa 2, 18.00 Um poema lido por, 18.05 Música vocal, 18.30 Informação cultural, 18.40 Música de telenovela, 18.55 Incidentes, 19.00 Música de Johannes Brahms, 19.30 Terra viva, planeta azul, 20.00 Música de câmara, 20.30 Informação cultural, 20.40 Música orquestral, 20.55 Antologia dos músicos portugueses, 21.30 Os anos 80, 22.00 O canto e os seus intérpretes, 23.00 Intercâmbio musical, 00.20 Árias de óperas, 00.50 Pode ouvir no Programa 2, Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00 Matinee, 17.00 Rápido das cinco, 19.00 Cabo da Boa Esperança, 20.00 Conta corrente, 21.00 Quando o telefone toca, 22.00 Portugal e a CEE, 22.15 Programas religiosos, 22.30 Tempo de desporto, 23.00 24 h hora, 01.00 O passageiro da noite, 02.00 No calor da noite, Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00 O vapor, 16.00 O som da gente, 17.00 Ondas lusitanas, 18.00 Círculo em FM, 19.00 Em órbita, 20.00 Nova geração, 21.00 Jazzofone, 22.00 Café concerto, 24.00 Pá de vento, 02.00 No calor da noite, Noticiários de hora a hora.

RADIO RENASCENÇA

Onda Média

16.00 Rua Capelo, 18.00 Jornal das regiões, 18.30 Transmissão do terço, 19.30 Memorando, 20.00 Programada LAR, 20.30 Universidade na Rádio, 21.00 Horizonte, 22.00 Quando o telefone toca, 22.30 Diário do desporto, 23.00 Clube dos coleccionadores, 24.00 Sessão da meia-noite, 02.00 Estação de serviço.

FM-Estéreo

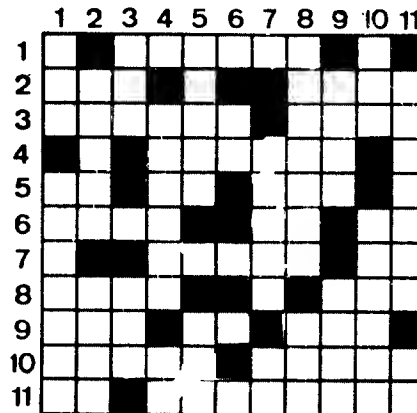
16.00 A cor do som, 18.00 Entre-Campos, 19.30 Transmissão do terço, 20.00 Serra de estrelas, 21.00 Porto belo, 22.00 Oceano Pacífico, 24.00 Último metro, 02.00 Estação de serviço, Noticiários a todas as horas.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14341

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Espécie de jogo popular.
- Czar da Rússia cognominado O Terrível. Cause amargura.
- Carimbada. Em mais alto grau.
- Imaginer (fig).
- Duzentos em romano. Abreviatura de Santíssimo. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
- Cantor entre os Gregos. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Crómio (s q).
- Camponesa. Átomo.
- Fazer doação de Anel.
- Passar Mulo. Mulher chorrada da classe baixa.
- Grande bebedor (pop). Espiga.
- Clima. Veneraram.



VERTICAIS:

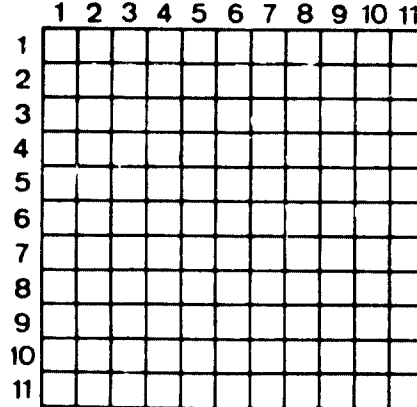
- Suspiros. Nome de mulher.
- Triunfa de Perfume.
- Desgraça. Prefixo que designa terra.
- Esmoncai. Em a.
- Ilhargas. Madeira.
- Prefixo de privação. Artigo definido.
- Varão. Grego (abrev).
- Meretriz. Arara.
- Em mais alto grau. Gaulês um dos melhores oradores latinos do século I.
- Cidade de Espanha. Padre.
- Asluto. Antes do meio-dia.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14091

HORIZONTAIS:

- Freguesia do concelho da Guarda.
- Cidade do estado do Para. Um dos pontos cardeais.
- Compaixão. Agitado.
- Cidade do Chile. Cinquenta e um em romano. Em o (inv).
- Zoólogo francês autor de numerosos trabalhos sobre os insetos e especialmente sobre os parasitas da agricultura.
- Gênero de insectos coleópteros. Lugar de contenda.
- Laço. Quendas.
- Bnsa. Percebe. Agarre.
- Concede. Instrumento de entalhador ou marceneiro para flurar as asperezas da madeira que se entalha.
- Cidade do estado de Pernambuco. Arsénio (s q).
- Rata. Conjunção. Césio (s q).



VERTICAIS:

- Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia. Prasiódimo (s q).
- Serra de Portugal. Fio de ouro de trazer ao pescoço.
- Em a. Magnete natural. Naquela lugar.
- Mulheres do povo novas, em Coimbra.
- Dois voagis desiguais. Aromatizaram.
- Iguana feita com massa de feijão, especiarias e azeite de palma.
- Freguesia do concelho de Arcos de Valdevez.
- Remora para trás. Osmio (s q).
- Sua Senhora. Molestia.
- Grado. Senhoras.
- Estendemas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14340

HORIZONTAIS:

- Pregoeiro. O.
- Riso. Me. Di.
- Empais. Por.
- Gao. Mestica.
- Urso. Mu. Las.
- Atapeta.
- Casa. Empa.
- Os. Raera. Or.
- Salir. Arabe.
- Orão. Abeira.
- Assinasses.

VERTICAIS:

- PREGUIÇOSO.
- Rimar. Asara.
- Esposas. Las.
- Goa. Otários.
- Im. AR.
- E. SEMPRE. An.
- Im. Sue. Raba.
- Re. Teares.
- Pilam. AS.
- Doca. POBRE.
- Oiras. Areas.

Provérbio: O PREGUIÇOSO E SEMPRE POBRE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14090

HORIZONTAIS:

- Tabuadelo.
- Eva. Noras.
- Risada. SSS.
- Rascas. Cais.
- Maure.
- Gui. Unira.
- Nozes. Sr.
- Ma. Piscaria.
- TI. Atacado.
- Aran. Ore.
- Ua. Arrombar.

VERTICAIS:

- Terrugem. Au.
- Avia. Atra.
- Bassein. La.
- Ac. Op. Na.
- Andaluzia.
- Doas. Nestor.
- Er. M'scaro.
- Lascar. Acém.
- Ossada. Ra.
- Sr. Sidra.
- Pa. Serrão.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	60\$30	66\$30
ALEMANHA FED (marcp)	53\$95	55\$05
AUSTRIA (xelim)	7\$55	7\$75
BÉLGICA (franco)	2\$535	2\$735
BRASIL (cruzeiro)	\$034	\$064
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	128\$95	130\$95
(notas de 5 a 1000)	129\$45	131\$45
DINAMARCA (coroa)	15\$10	15\$50
ESPAÑA (peseta)	\$924	\$044
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	170\$90	172\$90
(notas de 5 a 1000)	171\$40	173\$40
FINLÂNDIA (marka)	25\$70	26\$30
FRANÇA (franco)	17\$65	18\$35
HOLANDA (florim)	47\$70	48\$70
IRLÂNDIA (libra)	168\$60	172\$60
ITALIA (lira)	\$080	\$090
JAPÃO (lene)	\$646	\$681
NORUEGA (coroa)	18\$65	19\$15
REINO UNIDO (libra)	191\$45	195\$45
SUECIA (coroa)	18\$85	19\$45
SUIÇA (franco)	64\$20	65\$30
VENEZUELA (bolivar)	11\$40	12\$40

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a
O DESTINO BATE À PORTA

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- N. ac. men. 18 a
NOITES ESCALDANTES
Preços sociais 2.ªs-feiras 125\$00

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
JOGOS ERÓTICOS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
ROBIN DOS BOSQUES

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 18 a.
NOITES DE NEW YORK

CINE BLOCO 55682

R. Pinheiro Chagas 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
CONAN, O DESTRUIDOR
Às 24 - N. ac. men. 18 a
CAES DE GUERRA

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS PIRATAS DAS ILHAS SELVAGENS

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
MEUS PROBLEMAS COM AS MULHERES

CINESTÚDIO LIDO 937593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a
A BALADA DE NARAYAMA

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 6 a
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO

CONDES 322523

Av. da Liberdade 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS TARADOS DO RIO LOUCO

2000 2100055

Av. B. Voluntários Its 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 13 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

EDEN 320768

P. Restauradores 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

ESTUDIO 555134

Al. Afonso Henriques 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
METROPOLIS

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a
A MULHER DE VERMELHO

SALA 2

Às 15, 18, 21 e 23.45
- M. 12 a
PARIS TEXAS

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 16 a
O MARGINAL

LIDO 937593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - N. ac. men. 18 a
A BALADA DE NARAYAMA

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
EMANUELLE
Preço único 150\$00

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OS COMPADRES

ODEON 326283

R. dos Condes 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.
ROLF, O MERCENÁRIO

PATHE 821933

R. Francisco Sanches 122

Às 14, 17.30 e 21.30
- M. 6 a.
MÚSICA NO CORAÇÃO



"METROPOLIS"

Nova versão colorida e musical do filme de
FRITZ LANG por **GIORGIO MORODER**.
Em exibição no **ESTÚDIO 444**.

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a
OS SALTEADORES DE ATLANTIS

QUÁRTETO 771378

R. Flores de Lima 16

SALA 1
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
ADS NOSSOS AMORES
Em complemento
JUNQUEIRA
Às 23.45 - M. 13 a.
A DVA E OS GANGSTERS

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a
A JANELA INDISCRETA
Às 23.30 - M. 18 a.
O GRANDE GOLPE

SALA 3
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DIAS DE CÁRCERE
Às 23.45 - M. 18 a.
OUTONO ESCALDANTE

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 16 a
A ÚLTIMA CEIA
Às 23.30 - M. 18 a.
VIOLENCIA E PAIXÃO

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 16 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO
Às 24 - Int. men. 13 a.
A FÓRMULA

ROMA TEL 727778

Av. de Roma 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
JOÃO BRONCAS AVANÇADO
FURA-REDES

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade 175

SALA 1
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
O MARGINAL

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
- M. 12 a
VIDAS EM JOGO
31.ª Semana

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45
- M. 6 a
OS CAÇA-FANTASMAS

7.ª ARTE 730715

Av. República a E. Entre Campos junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 6 a
OS CAÇA-FANTASMAS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro 14-C

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a
GENTE GIRA

TURIM 706666

E. de Benfca 723-A

Às 15, 17.30 e 21.45
- M. 12 a
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, lote 8-9

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a
O LUGAR DO MORTO
26.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a
PRISIONEIRO DO UNIVERSO
/ PERDIDO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - "Estrada de Fogo", às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 - "Ao Serviço de Sua Majestade", às 21.30 (12 anos)
ALFA-3 - "A Corrida Mais Louca do Mundo", às 21.45 (6 anos)
ALFA-CLUBE - "Frances", às 21.15 (12 anos)
TERMINAL - "Gremlins", às 21.30 (12 anos)
CAPITÓLIO - "A Balada da Casa das Gatas", às 21.00 e 23.00 (18 anos)
ZODIACO - "Balbúrdia no Oeste", às 21.30 (13 anos)
LONDRES - "Broadway Danny Rose", às 21.30 (12 anos)
CITY-CINE - "Os Amigos de Alex", às 21.30 (16 anos)
TIVOLI - "Estrada de Fogo", às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL - "Estrada de Fogo", às 21.30 (12 anos)
ESTUDIO ACS - "Os Ricos e os Pobres", às 21.30 (12 anos)
APOLLO 70 - "A Janela Indiscreta", às 21.30 (12 anos)
RESTELO - "Os Salteadores do Templo Sagrado", às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA - "Sexo no Relvado", sessões permanentes (18 anos)
PROMOTORA - "Os Invencíveis no Oriente", às 21.30 (13 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - "Amo-te, Amo-te", às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - "Casino", às 21.15 (6 anos)
CASCAIS - "Império", às 21.15 (12 anos)
CASCAIS - "Oxford", às 21.30 (12 anos)
CASCAIS - "Oxford", às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA - "Incrível", às 21.15 (13 anos)
ALMADA - "Cine-Estúdio", às 21.30 (12 anos)
ALMADA - "Cine-Estúdio", às 21.30 (12 anos)

ALMADA - "Academia", às 21.15 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA - "Oceano", às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA - "Oceano", às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA - "Oceano", às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA - "Oceano", às 21.30 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - "Cine-Estúdio Flores", às 21.30 (12 anos)
CACÉM - "Cine-Estúdio Flores", às 21.30 (12 anos)

Porto

JÚLIO DINIS - "Segredos Proibidos", às 21.30 (18 anos)
RIVOLI - "O Soldado", às 21.30 (18 anos)
COLISEU - "Nunca Mais Digas NUNCA", às 21.30 (12 anos)
TRINDADE - "Os Amigos de Alex", às 21.45 (16 anos)
PASSOS MANUEL - "A Estrada de Fogo", às 21.45 (12 anos)
CHAPLIN - "O Tornado", às 21.30 (16 anos)
TERÇO - "As Belas São Assassinas", às 21.30 (16 anos)
BATALHA - "Quatro Punhos Contra Rio", às 21.45 (18 anos)
BEBE - "O Elevador", às 21.45 (16 anos)
SÃO JOÃO - "A Mulher de Vermelho", às 21.30 (12 anos)
CHARLOT - "A Mulher de Vermelho", às 21.30 (12 anos)
AGUIA - "Indiana Jones e o Templo Perdido", às 21.45 (12 anos)
OLIMPIA - "O Rei do Karate", às 21.30 (12 anos)
NUNO ALVARES - "Nunca Mais Digas NUNCA", às 21.30 (12 anos)
FOCO - "A Estrada de Fogo", às 21.30 (12 anos)
VALE FORMOSO - "O Grande Mestre do Kung Fu", às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM - "Gente Gira", às 21.30 (12 anos)
LUMIERE - "Sala A", às 21.30 (13 anos)
LUMIERE - "Sala L", às 21.45 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: **Maribel**, A. de Roma, 131-A (T. 776235); **ANJOS** - CHILE: **Castro**, Av. Almirante Reis, 76-A (T. 821973); **BENFICA** - BARRO DAS PEDRALVAS: **Gouveia**, R. Augusto Costa (Costinha), lote 4, loja, Dia (T. 707500); **CAMINHOS DE FERRO**: **Vilalobos Santos**, R. Cruz de Santa Apolónia, 90-92 (T. 847019); **CASTELO**: **Bastos Andrade**, C. de Santo André, 107 (T. 860450); **CONDE BARÃO**: **Açoriana**, L. do Conde Barão, 2 (T. 661330); **LAPA**: **Neves**, R. da Bela Vista à Lapa, 37 (T. 661251); **REGO**: **G. Silva**, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO**: **Biotifar**, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); **ROMA** - Teatro Maria Matos: **São João de Deus**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SALDANHA**: **Cardelira**, Av. Duque d'Ávila, 32-C (T. 543495); **TELEGRAS** - QUINTA DE SÃO VICENTE: **Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21, COLINA DO SOL - BRANDO - AMADORA: **Vidal Reis**, Urbanização Alfarelos, célula G, lote 35 (T. 9965540); **ODIVELAS**: **Lutão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA**: **Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

teatros

Lisboa

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS - Concerto de Olga Pratz e João Paulo Santos, às 21.30

Porto

ARLOS ALBERTO - "Dulcinea, a Última Aventura de D. Quixote", às 21.30 (13 anos)
CAMPO ALEGRE - "Uma família do Porto", às 21.45 (13 anos)

REFORÇO

ALCANTARA: **Nogueira**, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **AVENIDA DA REPÚBLICA** - FRENTE À FEIRA POPULAR: **Alcântara**, Av. da República, 74-A (T. 771379); **BAIRRO ALTO**: **Pinhareira**, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); **CAMPO D'OURIQUE**: **Porto**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 683349); **CHILE**: **Bastos**, R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO**: **Salus**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNACÃO**: **Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **PICHELEIRA**: **Markuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Maria Fernandes, 140-B-C (T. 880703); **PRAÇA DE LONDRES**: **Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 886860); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA**: **Sousa**, E. de Benfca, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO**: **São Sebastião**, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **BURACA** - AMADORA: **Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: **Nova**, R. dos Afores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO**: **Matos**, T. das Póras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA Central, R. de Oliveira, 11-B (T. 2750504) Permanente; **COSTA DE CAPARICA**: **Chal**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas. **SESEMBRA**: **Leão**, Av. da Liberdade 13 (T. 2233471). Até às 19 horas. **LAVRADO**: **J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17 (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO**: **Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA**: **Telheira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS**: **Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA**: **Nova Amoreira**, E. Nacional 10, bloco A, loja A, Paços (T. 2216824). Até às 22 horas; **ARRENTELA**: **Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTUJO**: **Moderna**, R. Bulhão Pato,

60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA**: **Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS**: **Guimarães**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE**: **Gamela**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL**: **Cunha Pinheiro**, E. da Canarilha, 32 (T. 29215). Permanente; **Fuzeta**, Permanente; **Bocaganga**, R. do Romeu (T. 23425). Até às 22 horas

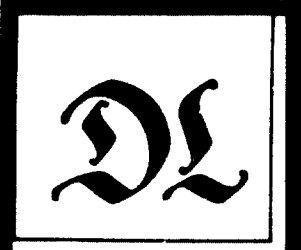
Linha de Cascais

ALGÉS: **Miramar**, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA**: **Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610). Até às 19 horas; **TIGRES**: **Guimarães**, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE**: **Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: **Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: **Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS**: **Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OERAS**: **Oelras**, L. Henrique Paiva Coutinho (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS**: **Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA**: **Godinho da Silveira**, Av. de Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas; **PARADE**: **Alair**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS**: **Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE**: **Imani**; **MA-DORNA**: **Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA**: **Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTES TORIL**: **Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A. 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS**: **Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente

Linha de Sintra

AMADORA: **Camele**, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 933303). Permanente; **Dias**: **Brito**, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 934559). Até às 22 horas; **DAMAIA**: **D. João V**, Av. Guirland Amaral, 2-A (T.

970461). Até às 22 horas; **QUELUZ**: **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE**: **Batalha**, R. Avellino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM**: **Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS**: **Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCES**: **Claro Russo</**



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA

TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154 - Redacção: 320271/2/3

Preço do «DL» na Madeira: 40000

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

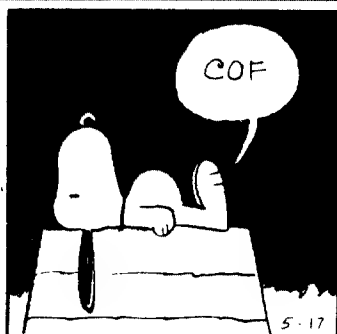
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
7 32 3,5 m 0 50 1,7 m
19 57 3,3 m 13 21 1,8 m
Dia 29
8 22 3,3 m 1 43 1,9 m
20 50 3,2 m 14 18 1,9 m

**TEMPERATURAS DO AR
AS 6 HORAS:**

VIANA DO CASTELO	12°
BRAGANÇA	5°
VILA REAL	9°
PORTO	11°
COIMBRA	9°
CABO CARVOEIRO	13°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	11°
ÉVORA	9°
BEJA	7°
FARO	5°
SAGRES	6°
PONTA DELGADA	16°
FUNCHAL	15°



Mário Soares admite eleições antecipadas

Mário Soares admitiu ontem pela primeira vez a possibilidade de se realizarem eleições antecipadas. Falando num encontro de juristas socialistas, o Primeiro-Ministro afirmou que elas «podem ocorrer sem esperarmos como resultado do funcionamento de competências constitucionais».

Durante a sua intervenção, que encerrou o encontro que decorreu durante o fim-de-semana, Mário Soares assegurou também que «não abandonaremos os princípios que informam a nossa ideologia», numa referência à Constituição. Sublinhou que «não podemos deixar de ver a Constituição com todo o respeito, pois ela é o principal texto com vista à institucionalização da democracia avançada» e «que «a parte económica da Constituição assegura a irreversibilidade das nacionalizações».

Noutro passo da sua intervenção, o chefe do Governo defendeu, no entanto, a liberalização do sistema económico e salientou a necessidade de reduzir o peso do Estado, permitindo a

livre iniciativa e a reconversão de certas indústrias, no sentido de relançar a economia portuguesa e produzir um crescimento económico.

«Vamos desatar alguns nós cegos da economia, que passam pela reestruturação do sector da construção naval, da petroquímica, da marinha mercante, das pescas, da siderurgia e continuaremos a assinar contratos-programa com grandes empresas, como já fizemos com a TAP e com a Rodoviária Nacional».

No princípio do discurso que proferiu, Mário Soares referiu-se às condições em que foi chamado à chefia do Governo em 1976 e 1983, referindo que «fomos penalizados por termos posto o interesse nacional acima do interesse partidário, por queremos transformar a sociedade portuguesa e dar a todos os cidadãos um máximo de igualdade e justiça, viver em democracia e segundo uma lei constitucional».

Segundo o Primeiro-Ministro, se as eleições de 83 se tivessem realizado no final do ano, o PS teria tido a maioria absoluta.

Sousa Tavares diz desconhecer

Nova demissão no Ministério da Qualidade de Vida

O ministro da Qualidade de Vida, Sousa Tavares, desconhece o pedido de demissão do seu secretário de Estado do Ambiente, Oliveira Fernandes. A notícia de que Oliveira Fernandes estaria demissionário foi divulgada ontem pelas agências noticiosas, mas esta manhã, o titular da pasta da Qualidade de Vida dizia que não recebeu qualquer telefonema, carta ou documento em que o seu secretário de Estado pedisse a demissão.

De acordo com as informações divulgadas sobre a demissão de Oliveira Fernandes, esta

teria sido consequência de incompatibilidade com o ministro Sousa Tavares. Este, no entanto, em declarações feitas esta manhã, afirmou desconhecer a existência de qualquer incompatibilidade.

Oliveira Fernandes, de acordo com as notícias divulgadas pelas agências, consideraria a sua demissão «uma decisão irreversível». Sousa Tavares, todavia, acha que se trata de «uma manobra».

«Ainda na sexta-feira recebi ofícios do secretário de Estado

do Ambiente e nada indicava a incompatibilidade», disse Sousa Tavares, afirmando ainda que nos seus contactos com Oliveira Fernandes nunca ficou patente qualquer incompatibilidade.

A concretizar-se a demissão de Oliveira Fernandes será a segunda «baixa» a nível de Secretaria de Estado do Ambiente: o primeiro titular da pasta, Carlos Pimenta, acompanhou António Capucho quando este pediu a demissão de ministro da Qualidade de Vida, na sequência do congresso do PSD de Braga, em Março do ano passado.

Se as coisas não forem como ele quer...

Ministro da Justiça ameaça demitir-se

O ministro da Justiça afirmou, ontem, em entrevista à Rádio Renascença, que se poderá demitir do cargo se não forem cumpridas as medidas aprovadas por ocasião da negociação do acordo PS/PSD.

Segundo Rui Machete, o cumprimento das medidas calendarizadas nesse acordo é indispensável à avaliação da eficácia do Governo. Para si, «ser-se ministro pela simples circunstância de ser ministro, não tem justificação».

Rui Machete, que falava para o programa «Cartas na Mesa»

disse ainda, que em termos de eleições presidenciais — face à aparente inevitabilidade de o PS apresentar Mário Soares como candidato — o PSD deverá ter um candidato civil e do partido. Considerou uma «má solução» o apoio a qualquer candidato apoiado por Ramalho Eanes, e, disse, que no caso de o PSD escolher o seu candidato fora do partido deverá ter o cuidado de não pôr em causa a estabilidade governativa. Classificou no entanto, a coligação de «experimental e temporária».

Em relação à sua permanên-

cia na comissão política do PSD, após o próximo congresso, Rui Machete afirmou que a sua presença nesse órgão só se justifica se ele representar as diferentes sensibilidades do PSD, e se reunir parte muito significativa do partido à sua volta.

No decurso da entrevista o titular da pasta da Justiça abordou questões relacionadas com as «FP-25 de Abril», a situação na Polícia Judiciária, tráfico de droga, o contrabando, situação nos estabelecimentos prisionais, legislação penal e situação dos magistrados.

Brochado Coelho

Eleições distritais no PSD foram impughadas

Uma lista liderada pelo social-democrata Sousa Patrício impugnou as eleições de sábado para os órgãos distritais do Porto do PSD, que deram a vitória a Brochado Coelho. A impugnação surge na sequência de uma votação de 44 elementos dos TSD (trabalhadores sociais-democratas).

Em declarações prestadas à ANOP, Sousa Patrício disse que o pedido de impugnação foi entregue na sexta-feira ao conselho de jurisdição nacional. O processo foi já remetido pela comissão nacional do partido para o conselho jurisdicional. Sousa Patrício afirmou que o problema da impugnação era um dado adquirido e que talvez, na quarta-feira, se realize uma reunião para a análise da situação.

Brochado Coelho fora reeleito, anteontem, com 203 votos para a presidência da comissão política distrital do Porto do PSD. A lista B, afecta a Mota Pinto e liderada pelo actual presidente da comissão política distrital, recebeu para a Mesa 200 votos e para o conselho de jurisdição 198. A outra lista liderada por Sousa Patrício, afecta a Mota Amaral, recebeu para a comissão política 157 votos, para a Mesa 160 e para o conselho de jurisdição 163. Dos 456 inscritos votaram 360 eleitores.

Bem-vindo Tancredo

portuguesa, constituem no Mundo de hoje uma área cultural em expansão que importa converter numa presença política e numa força económica. É este, na sua ambição, um objectivo que está ao nosso alcance se soubermos desburocratizar, libertar de academismos e de retórica, o discurso do encontro e da convivência, a definição realista da cooperação possível.

Desde já se impõe que nos conheçamos melhor, como irmãos que são amigos e não como protagonistas de rivalidades familiares. A herança do passado não pode dividir-nos; a perspectiva do futuro deverá unir-nos. Mas, para isso, é preciso que Portugal seja representado no Brasil por homens de cultura que sejam homens práticos, e que o Brasil não seja representado em Portugal por diplomatas que cultivem ligações com fantasmas. Após o 25 de Abril, os salões da Embaixada do Brasil acolheram algumas máscaras de cera do Estado Novo e múmias da reacção europeia. Tivemos saudades de Álvaro Lins.

A chegada de João Cabral de Melo Neto, nomeado para o Consulado do Brasil no Porto, é razão de regozijo. Todavia, para substituir o embaixador Azeredo da Silveira, fala-se num general.

Que, ao ver-se livre do poder militar, o Brasil decida exportar generais, é o seu direito. Mas, não só a amizade, não só o estreitamento de relações no padrão democrático que se proporciona, como as afinidades culturais, tornariam grato que viesse para Portugal um representante do Brasil democrático que ressurgiu ou um homem de cultura. Surpreende a hipótese de termos entre nós simpático que ele seja, um general sem emprego no Brasil democrático.

Perdoem-nos a irreverente referência a uma questão delicada. Mas, quando nos visita Tancredo Neves, um democrata amigo de Portugal, não será errado, nem impertinente, propor-lhe a franqueza rude como a tônica que deverá caracterizar as relações entre democratas de Portugal e democratas do Brasil.

Ao presidente da República do Brasil estamos gratos por esta visita de amizade. A democracia brasileira desejamos grandes êxitos. Mas, dizemos também: é tempo de reformar as tradições e as praxes, de ultrapassar o convencionalismo, o academismo e a retórica. De nos encontrarmos, e de conversarmos, como membros da mesma família. Em família.

Seja bem-vindo, Tancredo Neves.

«Aprimoramento das relações entre os dois países»

Tancredo Neves chega hoje a Lisboa

O presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, chegou hoje ao princípio da tarde a Lisboa, vindo de Roma. «Um novo passo para o constante aprimoramento das relações» entre os dois países, foi como o futuro chefe do Estado brasileiro qualificou a sua visita, que se prolongará por três dias.

Logo após a chegada, o político avistou-se com o ministro dos Estrangeiros, Jaime Gama, no hotel onde está hospedado, sendo depois homenageado com uma sessão solene na Assembleia da República, facto inédito para um presidente que ainda não entrou oficialmente em funções.

No fim da sessão, o presidente brasileiro desloca-se a residência oficial do Primeiro-Ministro, que a seguir lhe oferece um jantar no Palácio da Vila em Sintra.

Amanhã, e a vez de Mota Pinto se poder avistar com Tancredo, segundo-se-lhe Ramalho Eanes que oferece um almoço privado ao presidente eleito do Brasil, em Belém.

Antes de um jantar na Embaixada do Brasil, Tancredo Neves dará uma conferência de imprensa, acompanhado pelo seu anfitrião, Mário Soares.

Quarta-feira será homenageado na Universidade de Coimbra

que o vai fazer doutor «honoris causa». Quinta-feira de manhã parte para Nova Iorque.

Com Mitterrand

No sábado a tarde, Tancredo Neves regressou a Roma depois de se avistar durante quatro horas com o Presidente da República francesa, François Mitterrand. O presidente eleito do Brasil, deslocou-se de Roma a Biarritz num avião posto à sua disposição pelo seu colega de Paris e teve com Mitterrand um encontro «caloroso, privado e informal» que decorreu num «ambiente familiar».

Em declarações aos jornalistas, o futuro presidente do Brasil afirmou que «sempre encarou com satisfação as acções de Mitterrand a favor dos países em vias de desenvolvimento, particularmente os Estados latino-americanos».

Dai a sua «admiração por Mitterrand», com quem Tancredo, nas curtas horas que esteve em Latche, residência de férias do chefe de Estado francês, discutiu aspectos de política internacional e, principalmente os problemas económicos que afectam o Brasil, e a sua enorme dívida internacional.

ALBERTO PIMENTA



O TEXTO E A VIDA

pág. 6



Destaque:
CARDENAL

pág. 3



JOVENS: DA DESILUSÃO ÀS NOVAS ESPERANÇAS

pág. 2



JOVENS

Da desilusão às novas esperanças

Rui Eduardo Paes

Um entrevistado é geralmente alguém conhecido e ocupando uma posição de relevo. Nesta página irão estar, não obstante, duas pessoas comuns, dois jovens com um percurso de vida e uma consciência em formação que, como muitos por esse país, não são na generalidade tidos em conta, precisamente por não serem representantes de algo, autarcas, políticos, eminências científicas, sindicalistas, intelectuais encartados, criminosos notórios, e o mais dos exemplos que houver. São apenas: Lurdes, de 24 anos, estudante e empregada de balcão e Fernando, com 23 anos de idade, marcêneiro e universitário em Filosofia. Só. E o que nos disseram é deveras significativo pelo que revela do país presente e de uma certa juventude que vai nos vintes e tais. O ponto da situação dez calendários depois da inovação organizada que se agitava pelas ruas, segundo a matriz do Maio de 68. É que, atenção, se o desencanto é grande, não é menos o alívio do retorno à realidade.

Quando os nossos hábitos políticos e as nossas soluções tradicionais nos parecem conduzir a lugares sem futuro, é saudável que nos deixemos contagiar, se necessário mesmo chocar, pela capacidade inovadora da nova geração, que já não é a nossa, mas que vai herdar, para o bem ou para o mal, o país que estamos a fazer. — Ramalho Eanes, na Mensagem de Ano.

Do explodir das coisas à perda do objectivo comum — Têm ambas histórias para contar, de coisas que viveram, fizeram ou que viram. Os caminhos cruzaram-se em dado ponto destas ruas, e hoje estão casados, passado o vigor da contestação, dizem eles que mesmo por conveniência social. Os tempos são outros, e só há que encolher os ombros. Vêem televisão e falam dela sem preconceitos, têm lareira e não desdenham dos «burgueses» confortos. Os velhos mitos definham e há que tomar outra passada, é esta a mensagem que se solta das suas vivências.

Diz a Lurdes: «o 25 de Abril foi um explodir de muitas coisas e aconteceu o despertar para um certo número de problemas de que nos jovens ainda não estávamos cientes. Os partidos políticos foram ao encontro dos jovens e formaram-se organizações de juventude. Foi assim que eu fui para a Juventude Comunista. Quando se deu a Revolução nos estávamos sufocados e o marxismo apareceu como qualquer coisa que podia dar algo de novo. Abriram-se os horizontes, acedei e fui atrás. Depois, foi a desilusão: comecei a tomar consciência de que as coisas não eram tão simples e verdadeiras como eles nos queriam apresentar. Pus um pé atrás: aconteceu um choque entre os jovens e aqueles que organizavam, que não eram jovens e cortavam todos os avanços e novos caminhos que nos encaixávamos. Acabei por sair.»

Junta o Fernando: «encontrei-nos agora num labirinto, ou talvez numa encruzilhada: de certeza que existem muitas saídas, mas quais são elas? Falta hoje um objectivo comum. O marxismo sem dúvida que o foi mas o mundo mudou e ele já decaiu, já não existe. E ilusões continuamos a pensar o contrário. Quando as pessoas tinham fome, viviam mal, o marxismo

dava-lhes a possibilidade de serem felizes e sem dúvida que ele conseguiu muitas transformações: que o capitalismo já não seja tão escravizante e as pessoas possam ter um melhor nível de vida, embora agora se tenha agravado a crise. Com a sociedade de consumo, com o melhor nível de vida, o capitalismo fez com que as pessoas substituíssem os seus sonhos pela satisfação das necessidades e dos desejos mais imediatos.

Volta a Lurdes a tocar o assunto, e é interessante reparar como ela vê as coisas em termos dígitos que mais existenciais, enquanto o companheiro procura dar um contexto às ideias que expressa, encadeia-las em raciocínios explicativos: «A nossa geração está perdida no meio deste mundo. Os jovens já tiveram em determinada altura um sonho conjunto, como a igualdade e o retorno à Natureza, mas hoje isso não acontece, tudo ficou em pedaços, agora vive cada um por si e tenta ser feliz à sua maneira. Guardamos a recordação, pois todo o sonho foi queimado e nós estamos desiludidos. Não conseguimos empregos, não temos casas, não podemos ser independentes. Uma geração só pode mudar a fundo as coisas se for unida e se tiver as mesmas crenças — hoje a juventude está muito multifacetada. As pessoas da minha geração, que como no meu caso foi muito tocada pelas réstias dos anos 60, podiam estar a dar muito, mas qualquer coisa nos veio abafar, já não há força nem vontade, os jovens desiludiram-se, tanto com a política como socialmente. A rejeição deste mundo faz-se agora de maneira diferente: ou se foge para o campo, para a aldeia, em pequenos grupos, ou as pessoas se fecham sobre si próprias, se individualizam. Eu agora vivo mais fechada, tenho um círculo de pessoas com quem me dou mais e na verdade sinto-me mais feliz assim, há uma comunhão e uma partilha maior com essas poucas pessoas do que havia nos meus tempos de militância. Se eu estivesse mais aberta as coisas dispersavam-se e não funcionavam tanto».

Acomodação e inovação — Depois de um gole de poejos (ele é alentejano de raiz) diz o Fernando: «Os jovens não têm base de sustentação para se lançarem: não existem grandes possibilidades. Se os nossos pais conseguiram apanhar um

tempo em que houve um certo crescimento industrial, a nossa geração por sua vez está a sofrer o decréscimo das oportunidades de trabalho. Viveram a fundo o processo iniciado em 74, mas veio a âncora das circunstâncias e a maré vazou».

Acrescenta a Lurdes, trazendo chá de tilia: «Com a desilusão houve um acomodar, e para mais eu preciso de trabalhar para comer. Quando militava vivia em casa dos meus pais e podia contar com eles para tudo. Agora não. A capacidade de inovação de uma pessoa, de um jovem, fica a perder em relação às necessidades de sobrevivência. Acomodamo-nos não porque mudemos de ideias mas porque precisamos de comer. A minha capacidade de inovação sem dúvida que foi quebrada, mas se houvesse mais qualquer coisa que me desse esperança eu poderia voltar a lutar por ela. Enfim, sinto-me frustrada porque trabalhei para alguma coisa que não consegui alcançar». De novo o Fernando, querendo dar um exemplo concreto: «Se com o 25 de Abril se pensou que a abertura da Universidade aos filhos de operários ia trazer a esta, e à sociedade, grandes inovações, isso foi completamente desmentido. Ao entrarem para a Universidade os filhos dos ope-

rários não vão com o objectivo de mudar as coisas, o seu interesse é só a ascensão social. Eles sabem que é nas Faculdades que se preparam os futuros líderes, as elites de um país e acabam por ser como os outros: querem subir na vida por meio de um canudo e cumprir à risca o destino dado pelos pais, à custa de muitos sacrifícios, para que eles 'não sejam miseráveis como nós' e etc. Aquilo a que o marxismo chamava de 'consciência de classe' não existe nestas pessoas».

«Juventude e inovação não são obrigatoriamente conjugáveis, encontram-se mesmo jovens com uma mentalidade retrógrada, regressiva. Os miúdos que têm agora 15 anos são muito mais machistas, preconceituosos e superficiais do que nós éramos quando tínhamos essa idade», adianta a Lurdes e o Fernando dá complemento: «Eles já não viveram o tempo da abertura, seguem os modelos que a sociedade de consumo lhes oferece e, não tendo nada a que se agarrar em termos de projecção, voltam-se para as coisas mais antigas, para os valores que vão partilhar com os pais. O jovem dos 12 aos 18, 20 anos de hoje é criativo mas amorfo, não opera, ainda está a receber. Nós, os que estamos entre os 20

e os 30 anos, é que somos a actual geração operativa, com um potencial inovador, que está a começar a construir, seja nos cargos que agora iniciamos como nas Universidades».

Lurdes: «As perspectivas são más, é muito difícil chegar-se aonde se quer, mas acho que me resta ainda um bocadinho do sonho. Quando se teve um sonho, e mesmo que hajam muitas coisas a impedirem-nos de lá chegar, ele continua a existir. Há sempre um futuro para construir. Mas como, agora que a luta organizada morreu, que a inovação não se faz em bloco? Ela pode existir sempre, sustentam ambos, «nas pequenas coisas, na vivência quotidiana». Ainda a Lurdes: «Nos jovens há um tipo de vivência que vai chocar com o estabelecido. Há pessoas que ficam chocadas quando eu digo que o Fernando também faz o trabalho da casa. Nós não nos comportamos tanto pelas regras, pelos padrões, somos mais livres e abertos. É por isso que se deve deixar de delegar nos outros o nosso próprio destino: «As pessoas devem construir as coisas por elas próprias», diz a Lurdes.

Descentralização das vivências e retorno ao campo — À deriva, sem referências renovadas e outras esperanças, eles não estão. «Até há pouco tempo as pessoas do campo vinham para as cidades, em busca de trabalho e melhores condições de vida, mas agora acontece um movimento inverso: quem está nas cidades procura no campo essas melhores condições. E parece-me que este movimento poderá vir a unir de novo as pessoas num propósito comum. As aldeias voltarem a florescer. Hoje até os que se ocupam nas tecnologias de ponta querem ir trabalhar para o campo. Sim, este é um velho sonho dos anos 60, mas ele apareceu então cedo de mais e quis-se realizado depressa de mais — foi esse o grande erro.

O retorno ao campo está a ser um movimento lento. Viver-se nas cidades é cada

vez mais viver na selva e, se continuarmos como até aqui, as coisas nunca mudarão.

É preciso que as pessoas se organizem em pequenas comunidades, com uma descentralização das vivências, para que seja realmente possível a transformação. «Disse-o o Fernando, menos ferido talvez pelo desencanto».

É ele que continua: «Tanto em capitalismo como em socialismo dizem-nos para não nos preocuparmos que eles fazem tudo. Uns como os outros, por muito diferentes que pareçam, estabeleceram Estados que organizam as pessoas para lhes dar o que precisam. Mas hoje já estão a acontecer rupturas, que são extremamente profundas e não se sabe onde nos irão levar — é altura de as pessoas fazerem elas próprias as coisas. A economia tem de começar a funcionar em termos de pessoas. Eu não acredito nas economias controladas pelo Estado e cada vez menos quanto mais vejo os resultados.»

Prossegue ainda o Fernando, com a Lurdes fazendo apenas pequenos comentários: é evidente que ela não tem a mesma feição sociologista do seu companheiro: «Interessa mais aos governos, como os da Alemanha Federal ou dos Estados Unidos, que existam por exemplo manifestações antinucleares — e o nuclear é bem o grande medo da nossa geração — do que pessoas a organizarem-se numa sociedade autoconstruída. Os políticos, se gostam de ser aplaudidos também gostam de ser contestados. Não se aplaudindo nem se contestando o político, ele entra em esquizofrenia e acaba por morrer. As pessoas têm de abandonar o Estado e viverem vidas paralelas, pelo menos enquanto ele for como neste momento.

Há toda uma noção errada de política, toda uma noção errada de bem-estar: as pessoas terão que dar maior atenção às comunidades onde vivem e substituírem os termos de macrocefalia pelos de microcefalia. E põe um disco a girar: «La Vallée», dos Pink Floyd.



Fernando



Lurdes

H

**Fernando Cardenal
explica porque
desobedeceu à Igreja**

«Nos últimos anos da minha vida (1979-1984), principalmente durante os meses de 1984, um bom número de amigos de diversos países, cristãos e simpatizantes do cristianismo, cardeais, bispos, sacerdotes, irmãos jesuítas, religiosos, religiosas e amigos seculares escreveram-me, interessaram-se por mim.

Não respondi, nos últimos meses, a essas cartas. Aguardei com silêncio agradecido, esperando o momento de poder contar toda a verdade.» Esse momento chegou quando decorria ainda o ano de 1984. Numa «Carta aos Meus Amigos», Fernando Cardenal, ministro da Educação da Nicarágua e sacerdote jesuíta, explica as razões que o impedem de aceitar as pressões das autoridades eclesiásticas. A ele, como aos outros três religiosos que integram o governo nicaraguense, foi-lhe imposta a alternativa: abandonar o cargo ministerial ou ser afastado do sacerdócio. Para Cardenal, expulso, pelas mesmas razões da Ordem dos Jesuítas, em Dezembro do ano passado, a questão era então, como agora, clara: «Considero perante Deus que cometeria pecado grave se abandonasse, nas actuais circunstâncias, a minha opção sacerdotal pelos pobres, actualmente concretizada na Nicarágua pelo meu trabalho na revolução popular sandinista»... Formalmente foi obrigado a optar. Na prática e, conforme afirma, a sua fidelidade à Igreja e a sua dedicação aos pobres não são os «dois grandes amores da sua vida», mas apenas um só. São extractos do seu testemunho que em seguida publicamos.

«Pouco depois do triunfo da revolução sandinista os bispos da Nicarágua começaram a pressionar-nos para que abandonássemos o nosso compromisso com a revolução. Era então o padre Miguel D'Escoto ministro das Relações Exteriores; o meu irmão Ernesto ministro da Cultura; o padre Edgar Parrales ministro do Bem-Estar Social e eu encarregado da Alfabetização. Finalmente, em Junho de 1981, e após longos meses de tensões, a Conferência Episcopal da Nicarágua concedeu-nos, a título de excepção, autorização para continuarmos o nosso trabalho, devido à situação de emergência em que vivia o país: pela nossa parte, decidimos renunciar «voluntariamente» a celebrar qualquer sacramento, em público ou em privado. Desde então não voltaram a conceder-nos uma reunião apesar de a termos solicitado por diversas vezes.

«Não tinha ainda passado um ano sobre este acordo, quando os bispos iniciaram de novo as pressões para que abandonássemos definitivamente os nossos trabalhos na revolução. Estas pressões não se exerciam de um modo pessoal, mas sim e sempre através dos meios de comunicação social. Nestes dois últimos anos também o Vaticano tem participado nestas pressões. (...) Desde que aceitei a nomeação para ministro da Educação estas intensificaram-se a tal ponto que vejo, claramente, que nestas semanas do final de 1984 irá apresentar-

-se-me a alternativa final de abandonar o meu compromisso com a revolução nicaraguense ou ser expulso da Companhia de Jesus. (...)

Objeção de consciência

«Posso, com responsabilidade, afirmar que tenho uma objecção de consciência, honesta, objectiva e séria, para aceitar as pressões das autoridades eclesiásticas. Perante Deus considero, sinceramente, que cometeria um pecado grave se abandonasse nas actuais circunstâncias a minha opção sacerdotal pelos pobres, concretizada actualmente, na Nicarágua, pelo meu trabalho na revolução popular sandinista.

«Como numa intuição global, a minha consciência capta que pertence a Deus o meu compromisso com a causa dos pobres da Nicarágua e que é de Deus o desejo de não abandonar o meu trabalho que, hoje, para mim, ser fiel ao Evangelho e cumprir o plano que Deus estabeleceu para a minha vida significa continuar com as minhas responsabilidades actuais. Não consigo conceber um Deus que me peça o abandono do meu compromisso com o povo. (...)

«O processo revolucionário da Nicarágua, apesar dos erros inerentes a toda a obra humana, (...) é um processo que acima de tudo coloca os interesses dos pobres (...) Comprovo que

este processo, e de novo apesar dos seus erros, tenta criar um modelo original de revolução, do qual um dos traços mais característicos é o respeito à religião cristã da maioria dos nicaraguenses (...)

«Desde o fim da Terceira Provação, em 1970, prometi viver o meu sacerdócio ao serviço dos pobres (...) Sempre em contacto com a minha comunidade religiosa e com os meus superiores da Companhia de Jesus, creio ter cumprido, desde então, com a graça de Deus, esta promessa. Promessa que hoje se cumpre na Nicarágua trabalhando radicalmente no interior da revolução (...)

Vaticano e Reagan

«Deixar neste momento a revolução seria encarado como uma deserção do compromisso com os pobres e dificilmente eu me poderia convencer que não só a minha retirada seria agora uma traição à causa dos pobres, como representaria uma traição à Pátria (...) Não posso abandonar o meu povo. Nunca o abandonarei. Amo mais esta causa que a minha própria vida e pedem-me que a abandone quando o povo se encontra em perigo, caluniado e açoitado pelo país mais poderoso da Terra.

«A ordem que me foi dada obriga-me a tomar decisões de consciência. Mas creio que as pressões que a provocaram não nasceram de uma reflexão teológica, nem de uma inspiração evangélica ou de necessidades pastorais. Em comunhão com a Igreja, sinto-me no direito de dizer que alguns bispos da Nicarágua têm, ontem como hoje, um projecto político que se encontra em aberta contradição com os interesses das maiorias pobres da Nicarágua (...) Entendemos que a política do Vaticano face à Nicarágua coincide com a do presidente Reagan. Pretende-se deslegitimar o processo revolucionário com a nossa retirada. Não há razão para existir, na Nicarágua, qualquer problema religioso fundamental entre a Igreja e a revolução (...)

«Sinto profundamente o chamado de Deus. Nunca na minha vida fiz sacrifícios maiores pela obediência a Deus do que na revolução. E nunca, nos meus trinta anos de vida religiosa, compreendi tão profundamente a importância da obediência à fé que é a obediência à vontade de Deus. Mas essa obediência a Deus passa por ouvir as vozes e o clamor do nosso povo pobre e sofrido. Tento, acima de todas as coisas, obedecer a Deus e sinto que nada nem ninguém me pode afastar do caminho da obediência (...)

«Quero que fique bem claro que pela minha fé ao Senhor

(...), a minha consciência leva-me a essa obrigação irreduzível, irrevogável e irreversível, que é o compromisso com o povo (...) Qualquer coisa que vá contra esse compromisso vai contra a vontade de Deus e seria para mim pecado (...)

Deus não é neutral

«Não pedirei, em nenhum momento, a saída da Companhia de Jesus e tanto uma possível expulsão, como as sanções que os bispos me querem impor, são por mim consideradas injustas e abusivas. Reconheço a autoridade da Igreja, mas também sei que ela não é arbitrária nem ilimitada. Por isso protesto pelo que me parece um abuso de autoridade.

«Continuarei vivendo como religioso e com a graça de Deus tentarei manter o celibato. Ninguém me pode tirar o sacerdócio (...)

«Para mim, «o amor que se faz redenção», passando pela Paixão e Morte de Jesus Cristo, é o amor que me leva a seguir a minha consciência continuando a servir esta revolução, caluniada e agredida, na qual creio que se concretiza, na Nicarágua, a causa dos pobres.

Sendo, como é, uma decisão de consciência, não pretendo



erigi-la em exemplo ou em pauta (...)

«O nosso compromisso tem vários pontos de partida: Parto da ideia-base de que o povo de Deus e as massas dos pobres têm, na América Latina, a experiência de verem os líderes da Igreja darem o seu apoio aos poderes opressores. O nosso povo acostumou-se a ver a cruz benzendo a espada opressora (...)

«Durante quatro séculos o nosso povo viveu no meio da miséria, subnutrição, analfabetismo e abandono; trabalhando em condições injustas e sub-humanas, sem meios de comunicação, sem centros de saúde, sem escolas, sem cultura, sem nenhuma participação no destino do país, sem a mínima possibilidade de ser protagonista da sua história: É neces-

sário juntar a estes males a dura soma de que durante meio século flagelou o nosso país com as mais graves injustiças, a falta de liberdade e uma constante e feroz repressão (...)

«A nossa Igreja convivia tranquila e em paz com os opressores. Alguns factos são significativos. Nunca se esquecerá, na Nicarágua, que durante os funerais do general Somoza García, fundador da dinastia, o então arcebispo de Managua lhe deu o título de «Príncipe da Igreja».

«Em 1967 vários dirigentes da FSLN foram capturados e de imediato assassinados: nessa ocasião o bispo-auxiliar de Managua publicou, no jornal do governo, um artigo no qual praticamente justificava a repressão pelo facto desses jovens serem, segundo ele, comunistas (...)

«Em 1969 tive que sair do país por nove meses, uma vez que me faltava completar a minha formação religiosa com o último curso a que nós, os jesuítas, chamamos de Terceira Provação. Pedi para o fazer num bairro marginal do cinturão de miséria da cidade de Medellín (Colômbia) (...). Vivi esses meses no meio de gente açoitada pela fome, pelo desemprego e pela doença (...) A minha fé cristã, os meus sentimentos humanos, tudo o que via e ouvia, levavam-me diariamente a uma conclusão que surgia do mais fundo do meu ser: Isto não pode continuar assim: Não é justo que exista tanta miséria; Deus não pode ser neutral perante esta situação.

«A minha experiência espiritual entre aqueles pobres confirmava o conceito que eu havia tirado da Bíblia, o de um Deus não neutral, que escutava o clamor dos oprimidos e tomava parte na sua causa (...) Em meados de 1970 terminei o curso e regressiei à minha Pátria, fazendo antes um juramento aos habitantes daquele bairro de Medellín: «Dedicarei a minha vida à libertação integral dos pobres da América Latina, onde tal seja mais útil» (...)

«Nas minhas intervenções perante os grupos cristãos costumava dizer: a América Latina encaminha-se para a sua transformação. A revolução na Nicarágua terá rapidamente lugar. É importante ter presente que esta revolução se fará com os cristãos, sem os cristãos, apesar dos cristãos ou contra os cristãos (...)

«As comunidades cristãs, e sobretudo os jovens cristãos, começaram a ter uma cada vez maior participação naquela lenta e arriscada marcha para a libertação. A fé movia milhares de nicaraguenses.

Compreendiam que estavam a seguir a causa de Deus, lutando pela justiça e pelos pobres. Graças a eles a revolução na Nicarágua fez-se com os cristãos.

«Quando, em 1973, o co-

mandante Eduardo Contreras (assassinado em 1976) solicitou o meu ingresso oficial na FSLN, recordei, por um instante apenas, a parábola do Bom Samaritano e pareceu-me óbvio que eu não devia agir como aquele sacerdote e aquele levita que, passando ao largo, abandonaram o ferido. Os samaritanos da Nicarágua pediram-me que os ajudasse a curar o nosso povo ferido e, em consonância com a minha fé cristã, só encontrei uma resposta: o compromisso (...)

Na fronteira

«Uma vez alcançado o triunfo revolucionário poderíamos ter-nos retirado da actividade política. Não o fizemos porque prevíamos a dureza da luta. Além do mais, o nosso novo projecto não significava participar no poder, mas sim reforçar a possibilidade de que os pobres tivessem o poder. E, também, porque queríamos continuar a luta do homem novo no seio do novo projecto, mantendo nele a presença de valores cristãos e a possibilidade de que, pela primeira vez, um projecto esquerdista no poder não fosse anticristão (...) Por outro lado, as tarefas que nos foram atribuídas são de uma grande coincidência com as tarefas próprias da nossa vocação sacerdotal (...) Senti-me mais realizado como sacerdote ensinando a ler o meu povo, do que ensinando Platão e Aristóteles na Universidade Nacional Autónoma da Nicarágua (...)

«Estamos conscientes de que somos casos excepcionais ou fronteiriços na prática legalmente admitida pela Igreja (...) Mas ao estar na fronteira cumprimos uma missão apostólica, bem própria do sacerdócio, executando uma função de guia, serviço de fé no seio de um movimento histórico secular ao qual pretendemos ajudar não só a não ser anti-religioso nem anticristão, como a ser verdadeiramente «revolucionário», humano na revolução, verdadeiro servidor dos pobres (...)

«Compartilhei com vocês o meu testemunho e uma experiência eclesial que é para mim profundamente dolorosa. Partindo do meu ponto de vista da minha experiência pessoal creio que, para mim, é possível viver simultaneamente a minha fidelidade à Igreja, como jesuíta e como sacerdote, é também dedicar-me ao serviço dos pobres da Nicarágua através da revolução popular sandinista. Proibem-me, no entanto, a conjugação dos dois grandes amores da minha vida: na realidade não são dois senão um só (Mt. 25). Termino com fé, esperança e amor cristão, desejando ter cumprido, apesar das minhas deficiências, as exigências do Senhor e do meu povo sobre a minha vida. Uma vez mais vos peço a vossa oração e acção solidária».

Nota: Os subtítulos são da responsabilidade do Sete Ponto Sete

POR UMA POLÍ- TICA DO SINAL

JEROME PEIGNOT

Três autores de grande categoria foram, entre 1750 e 1850, tipógrafos, que o exercício da sua profissão transformou a pouco e pouco em escritores empenhados. A maneira destes «construtores de livros» (segundo a fórmula de El Lissitzky), folhetos ou obras tipográficas, que são os construtivistas russos. Estes escritores são Restif de La Bretonne, Pierre Leroux e Michelet.

Sob o antigo regime, os tipógrafos usavam espada, e na imagética popular, porque sabiam ler e escrever, passavam pela elite do mundo operário. Por mais intelectual que fosse, o seu trabalho não deixava de ser exaustivo. Este trabalho tinha, no entanto, a vantagem de fazer deles homens tanto mais aguerridos para o combate político, quanto o seu sofrimento tanto como o seu conhecimento íntimo da língua, lhes dava um poder formidável. Evocando o trabalho exaustivo de tipógrafos na Imprensa real, Restif de La Bretonne escreve: «O operário suporta dia e noite os mais duros trabalhos dos quais ele sabe que só se libertará com a morte, na esperança de ir no domingo à «quinquette» beber vinho detestável e comer um guisado de cavalo, acompanhado com o grosseiro e pouco agradável objecto do seu amor.»

Marc Chadourne diz no seu livro (1) que «para constatar essas injustiças gritantes, esperando denunciá-las e querer reformá-las era preciso ser o companheiro Nicolas Restif, a quem eram pagos cinquenta «sous» por dia pela Imprensa real, um cárcere onde todos os operários estavam fechados

como animais, para só serem soltos às horas das refeições».

Operários ainda mais explorados que outros, mas também trabalhadores apaixonados pela sua bela obra. Como se, investidos do poder quase mágico de captar o impalpável, em boa lógica um tipógrafo só pudesse ser um artista.

Se foi naturalmente que, de tipógrafo que era, Restif se tornou escritor, isso aconteceu por ele ser arrastado pelo mesmo movimento que, ao escrever conseguiu elaborar uma tipografia à sua medida. Em *«Les Illuminés»*, Gérard de Nerval descreve-nos Restif compondo ele próprio *Monsieur Nicolas*: «Ele tinha por sistema empregar no mesmo volume caracteres de diversas espessuras, que variavam segundo a suposta importância deste ou daquele período. O Cícero era para a paixão, para os momentos de grande efeito, a galairde para a simples narrativa ou as observações morais, o pequeno romance concentrava em pouco espaço mil detalhes fastidiosos mas necessários. Muitas vezes, para marcar as longas e as breves, ele empregava no meio palavras ou em maiúsculas ou num corpo inferior.» Quando se sabe de onde Restif vem, é bela essa vontade que o escritor manifesta de, tipograficamente falando apertar a vida e, ao partido, o sofrimento sempre mais próximo. Lendo os livros que ele próprio compôs a partir dos princípios tipográficos que definiu, parece que se sente o frémito de existências de seres tanto mais libertinos quanto eram dilacerados.

Quanto ao homem empe-

nhado, foi a um historiador soviético que comentou a obra de Restif, que cabe o mérito de ter sido o primeiro a sublinhar a originalidade da sua ideologia: «Nele, diz, o socialismo não fica no domínio abstracto, mas ele quer vê-lo posto em prática e faz propaganda às suas ideias... Ele não considera o socialismo como frio, irreduzível e estacionário, mas como um movimento que se desenvolve actualmente.» Restif, um construtivista *avant la lettre*? De qualquer modo é incontestável que Restif tenha sido um pensador revolucionário. Testemunhou-o, mais que não fosse com o *Paysan perversi*, obra graças à qual Pierre Leroux via nele, não somente o inventor do falanstério, de que Fourier se pretendia o iniciador, mas também «*percursor dos nossos socialistas*».

Depois de Restif de Bretonne, precisamente Pierre Leroux. Curioso em todo o caso que este inventor da palavra *socialismo* também tenha sido um tipógrafo. Faz pensar que esta profissão anda, como que fatalmente, a par do empenhamento revolucionário. Não é aqui o lugar de dar a este grande espírito a que Karl Marx chamava «o genial Leroux», Michelet «o ilustre operário» e a quem George Sand prestou homenagem colocando-o na primeira fila dos que forjaram o socialismo. Importa sobre tudo insistir na sua contribuição para a diminuição da opressão que pesa sobre os trabalhadores, dos quais, porque foi um dos seus, Leroux conhece perfeitamente a condição. A sua vida de «operário compositor» devia conduzi-lo à invenção do pianotipo, uma máquina que, se Leroux tivesse conseguido aperfeiçoar o protótipo, teria sido a antepassada da monotipo. Graças a esse aparelho Leroux lutando contra aqueles que se opunham, mesmo pela força, à modernização da tipografia, só aspirava a libertar os operários de um trabalho que lhes destrua literalmente a vida. Essa exploração incitaria depois Leroux a uma reflexão sobre a condição operária do seu tempo tomando assim o «operário da impressora que compunha os livros dos outros», um autêntico escritor.

Entre os precursores dos construtivistas que mostraram vontade de construir numa só e mesma acção as suas profissões de tipógrafo, ideólogo e revolucionário, ainda devemos citar Michelet, que pertencia a uma família de impressores e que também exerceu essa profissão. Numa carta a Edgar Quinet, a quem envia *Le Peuple*, escreve: «este livro fi-lo eu próprio com a minha vida e o meu coração (...). O verdadeiro nome do homem moderno, trabalhador, mereço-o eu em mais de um sentido. Antes de fazer livros compunha-os materialmente. Juntei letras antes de juntar ideias, não ignoro as melancolias da oficina, o aborrecimento das longas horas... O que tenho de melhor devo-o sem dúvida a estas provações. Conservei sobretudo um sentimento profundo do povo, o pleno conhecimento do tesouro que está nele: a virtude do sacrifício, a doce recordação das almas de ouro

que conheci nas mais humildes condições.»

O percurso destes tipógrafos-escritores é mostrado pelo trabalho de Claude Leclanche. É porque ela faz dos construtivistas russos, sejam eles autores de tipografia ou de fotomontagem, verdadeiros «escritores», que a atitude de cada um deles se explica maravilhosamente e que a beleza das suas obras é denunciada. Estes homens e estas mulheres animados por um espírito revolucionário querem contribuir, com os meios da sua arte, para modificar em profundidade a sociedade em que vivem. No seu espírito, a transformação radical das formas caminha a par com a modificação do discurso, que deve ser revestido de um poder não só de convicção mas também de treino.

Por outras palavras, o partido da senhora Leclanche distingue-se do que geralmente adoptam os críticos de arte que, logo que se trata de vanguarda histórica, a reivindicam como sendo da sua única competência. Um comportamento tão especioso como o dos tipógrafos profissionais, que se obstinam em só ver na tipografia o produto de um trabalho plástico. Como se fosse possível considerar qualquer tipografia sem ter em conta os propósitos que veicula.

«A língua russa, escreve Claude Leclanche, confundindo num vocábulo único — *pisat* — os verbos 'escrever' e 'pintar' sugeriu como natural aos construtivistas reunir num mesmo estudo, letras (mecânicas) e imagens (automáticas).» Por outras palavras, não foi por acaso que foi um russo, Lissitzky, quem primeiro escreveu que «o novo livro pede um novo escritor». Esta afirmação, se o revolucionário a profere, é porque foi a isso incitado pela própria configuração da sua língua.

Com as suas obras, os construtivistas inscrevem-se no desejo que já em 1913 Khlebnikov e Maiakovski formulavam, e em que reclamavam para o poeta o direito «de atribuir um sentido às palavras, segundo o seu carácter gráfico e fónico» e a liberdade de utilizar para fins poéticos mesmo as letras e os números isolados, sendo os sinais do alfabeto considerados como «uma componente da pulsão poética». Quer dizer que, embora na sua familiaridade quotidiana, os russos dêem crédito, tal como nós, uma plástica sedutora nos seus caracteres cirílicos? O certo é que os construtivistas encontrarão em si a coragem de lançar um desafio ao gosto burguês para propor «uma nova tipografia de massa orientada para a mudança das mentalidades», a fim de retomar a formulação do autor.

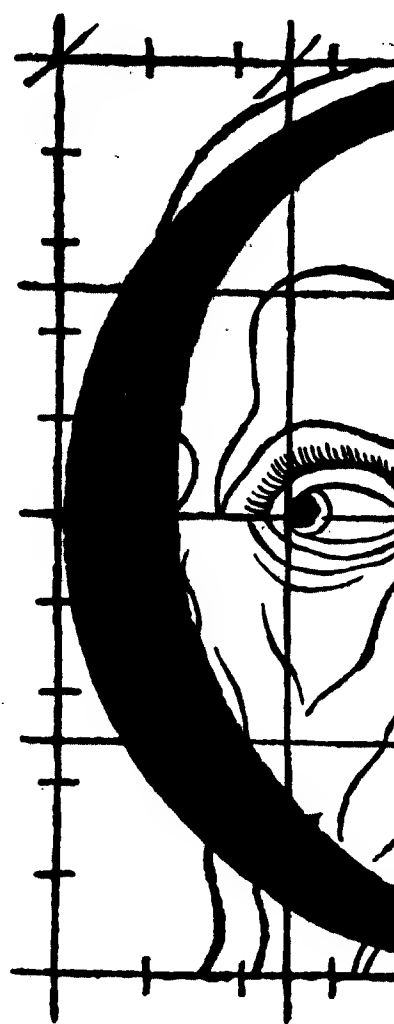
Constata-se que desta vez esta fusão em que os escritores empenhados do século XIX nem mesmo tinham ousado pensar, e que viam o tipógrafo e o militante confundidos num só e mesmo homem, se efectuou. Até agora não se tinha, e este livro faz com que o compreendamos muito bem, denunciando a importância do acontecimento.

Na medida em que fazem referência ao mundo dos concei-

tos, as palavras não serão ocasião de um certo desvio da mensagem que transmitem? Ao ler os livros e os folhetos construtivistas, já não são só estas palavras que nos falam, mas alguém; alguém que através dos nervos e do sangue nos diz o que o preocupa e nos diz respeito, a nossa, a nossa vida e a nossa liberdade.

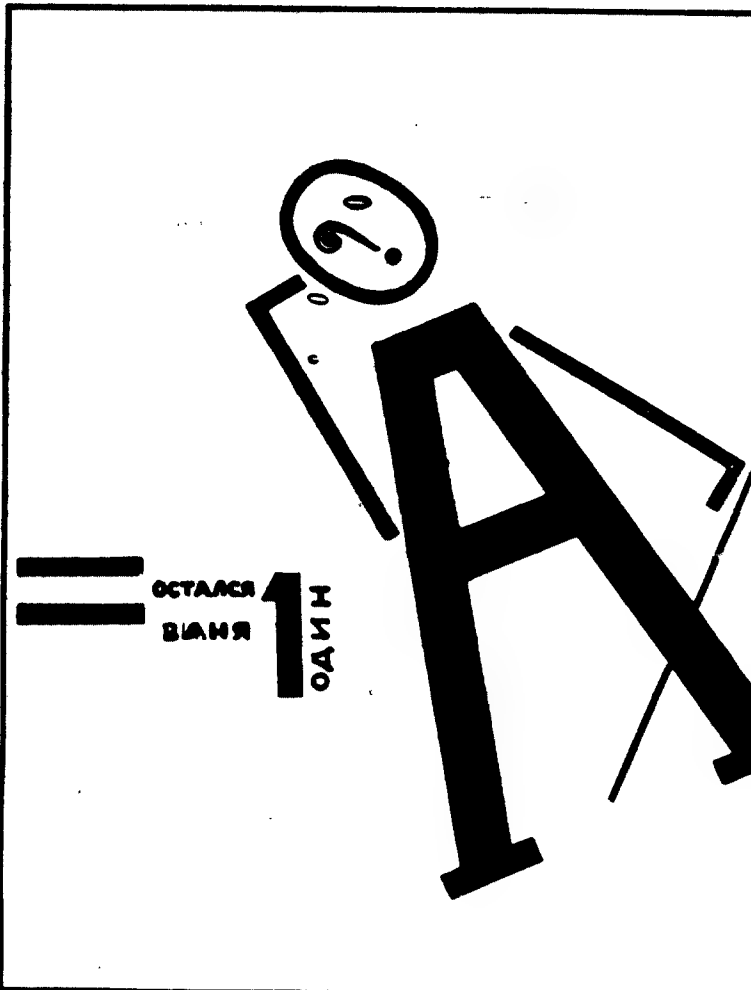
Há mais ainda. Estes textos são a ocasião, para o leitor que procura «apanhar» o sentido que eles contêm, de compreender que é a eles que compete ajeitá-lo. A partir daí, abolido o vulgar processo de intercâmbio, substitui-o uma mobilização efectiva em proveito da causa revolucionária. Quer se trate de obras de arte ou de textos literários, não há nenhum discurso que possa pretender ter atingido uma tal eficácia.

Evocando o fim do construtivismo tal como surge do pavilhão de Colónia, na Exposição Internacional da Imprensa de 1928, cujo encargo coube a Lissitzky e Senkine, escreve a senhora Leclanche: «O visitante esmagado pela monumentalidade do conjunto, submerso por textos e imagens, bombardeado por sinais luminosos, mergulhado num ambiente foto — tipo — electromecânico — que escapava ao seu controlo, não estava em situação de exercer a participação activa e criadora que a ideologia construtivista reclamava. «Na verdade, não está longe o momento em que, depois de se apoiar neles, o aparelho de Estado soviético deixe de ver nos produtos do construtivismo mais do que emanções de uma arte burguesa decadente. Se os construtivistas contribuíram para o estabelecimento do socialismo, eles não têm nada a ver com o seu travestimento marxista-leninista e a sua transformação estaliniana. Como o prova, não só a hostilidade mas também o encarniça-



mento que o poder soviético lhe mostrará.

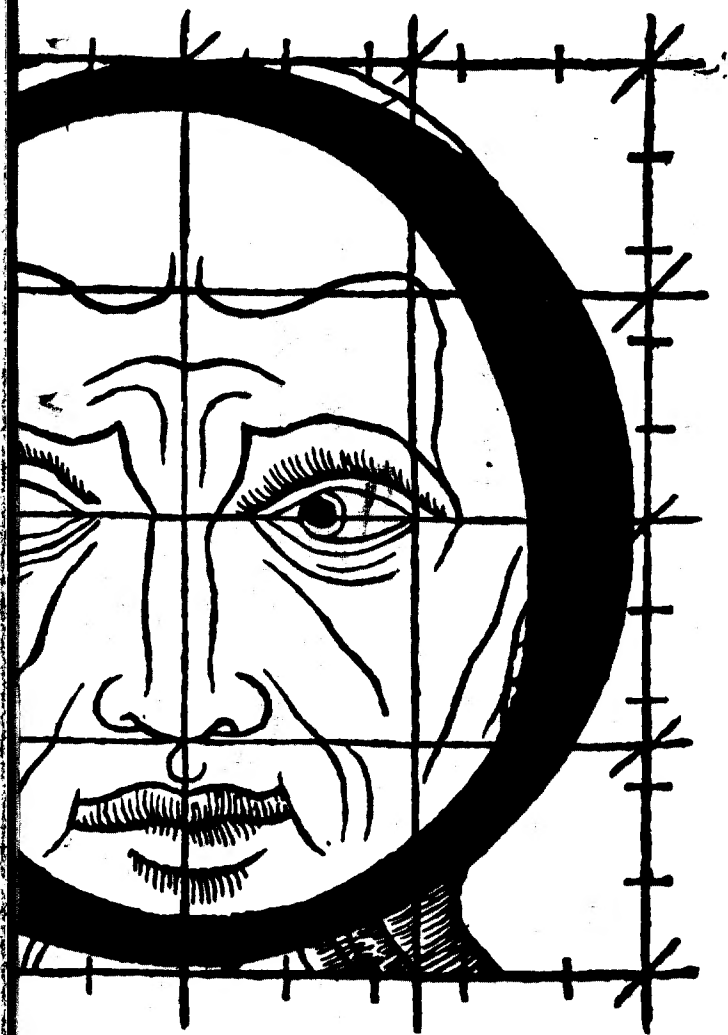
É difícil negar que, do universal de Herbert Bayer ao universo de Frutiger, os designers de letras, assim como os tipógrafos e os paginadores só visaram a elaboração de uma tipografia que se dizia mais legível e mais «racional». Assistimos assim a um empobrecimento generalizado. Seguindo depois os passos dos artistas do Bauhaus, os grafistas que trabalhavam essencialmente em publicidade, acentuaram ainda mais a diminuição. Hoje, tendo em conta os imperativos próprios da fotocomposição, impe-



ESCRITA DIGITAL

Atelier do futuro na Imprensa Nacional francesa

MATHILDE LA BARDONNIE



rativos esses aos quais, por falta de meios económicos, a maior parte dos países, mesmo ocidentais, ainda não pôde fazer face, chega a comprometer o alfabeto na sua integridade. Com esta aproximação eu queria chamara a atenção para o facto de o único meio de endireitar a situação em que nos encontramos ser o de apelar para o processo dialéctico em que nos encontramos ser o de apelar para o processo dialéctico que caracteriza o trabalho dos construtivistas. Embora tendo em conta possibilidades oferecidas pelas novas técnicas de impressão que acabavam de surgir, puseram de pé uma forma de raciocínio à qual

não se podia opor uma argumentação válida. Esta é tanto mais forte quanto deu origem a obras cuja beleza não poderia ser posta em questão. Que se pense direito, de uma maneira autenticamente revolucionária, e a tipografia acompanhará essa mudança.

(1) Bulletin de L'Académie des Sciences d'URSS, assim como em la Pensée (1958) Ref. Marc Chadourne.

* Typographies et photomontages constructivistes en URSS, por Claude Leclanche-Boué, Ed. Papyrus (1984)
* Jerome Peignot é autor de vários romances e numerosas obras especializadas: De l'écriture à la typographie (Ed. Gallimard (1967), Du calligramme (Chêne, 1978); Du trait de plume aux contrefaçtures (J. Damase, 1983).

Podíamos começar assim contando aos «demasiado pequenos para ter conhecido isso», e como se o ano 2000 já tivesse passado e fôssemos muito velha, como no fim dos anos 70 o jornal onde trabalhávamos era um dos últimos e ainda funcionar a chumbo: a tipografia que cheirava a tinta e ao quente metal em fusão, o bater dos linotipos e os tipógrafos com os seus aventais de pano azul, de lápis atrás da orelha, pinça na mão, percorrendo no mármore artigos inteiros ao contrário, à procura de um erro de composição ou de uma gralha apanhados à última hora.

Não. Não se trata de explicar aqui que o Ministério da Cultura anunciou recentemente por intermédio do Centro Nacional das Artes Plásticas (CNAP) a abertura — em princípio prevista para o Outono de 1985 — de uma oficina nacional de criação tipográfica: uma novidade. Administrativamente ligado à Escola Nacional Superior das Artes Decorativas (ENSAD), este laboratório com vocação de cadinho, será instalado por toda a espécie de evidentes e excelentes razões na Imprensa nacional, abrigado num local de 56 metros quadrados, no interior do «santuário» onde só se entra mostrando livre trânsito ou cartão de identidade. Há 45 700 metros quadrados de superfície na IN, onde trabalham à volta de duas mil pessoas, sem contar as restantes oitocentas e cinquenta colocadas em Filers-en-Escribieux perto de Douai. Mais números? Eis um: a instituição que tem o privilégio da impressão destinada a todas as administrações públicas consome anualmente 70 000 toneladas de papel.

Que mais? Não, a IN não imprime o *Journal officiel* nem os selos de correio, nem as notas de banco. Sim, ela mudou várias vezes desde a sua criação, em 1640, data em que Richelieu decidiu dar à França uma tipografia real (um século antes Francisco I criara o cargo de impressor do rei para o grego e o hebreu). A IN está ligada desde 1910 ao Ministério das Finanças, e instalada na Rue de La Convention. Ali se encontra numa plaqueete muito bem feita, uma grande quantidade de indicações complementares sobre a história e as técnicas deste «Conservatório Nacional de Artes Gráficas», segundo a expressão de Ambroise Firmin-Didot.

O didot? Também é um nome de um carácter que data de 1811, porque Napoleão queria uma tipografia que reflectisse a sua grandeza (antes dele Luís XIV tivera o «seu» grand-jean, esse «romain du roi» em que os 1 minúsculos tinham todos eles no meio, uma pequena barra exclusiva. Disse-se mesmo que o general de Gaulle teria em dada altura sonhado impor também a «sua» marca nos documentos oficiais.

Tudo isto é passado: mostramos a rutilante imprensa de papel moeda de Anisson, com o seu fio ligado a um contador, pobre Anisson guilhotinado; depois a biblioteca onde dormem tesouros insignes. E preciso ir depois ao encontro de Camus, Paput e Portron, os três

últimos gravadores de buris tipográficos no mundo, dizem-nos (a menos que em Oxford ainda exista um quarto).

Três ourives donquixotescos, imóveis e pacientíssimos, ligados à tarefa sem fim de manter as noventa e duas mil peças sucessivamente gravadas pelos Garamond, Luce, Didot, Marcellin le Grand, ou, ontem ainda, em 1950, Louis Gautier. Eles explicam o olho da letra que se grava ao contrário, a gravação das matrizes, a fundição, a arte dos alinhamentos e dos equilíbrios, as vinhetas; e os seus utensílios, a lima, o buril.

O mais antigo dos três levamos ao gabinete das marcas de contraste, casa forte austera e cheia de caixas e gavetas oblongas outros tantos alfabetos (sessenta dialetos em cem formas diferentes sanscrito, tamul,

tomar a RER, direcção Palaiseau, onde mora o especialista do problema, um mestre, Ladislav Mendel. Digamos que há em França seis desenhadores de caracteres (ou apaixonados por caligrafia) deste calibre. Mas Ladislav Mendel militou muito pela causa da fotocomposição. Porque a batalha não pode ter lugar no seu tempo: só depois da Segunda Guerra, quando os dois inventores — franceses — do processo, Higonnet e Moyrondo, por falta de meios, foram explorar as suas ideias nos Estados Unidos. Tal como no século XIX, com linotipos e monotipos vindos da América ou da Inglaterra, a França recebe hoje a tipografia dos outros, já não imagina mais caracteres.

Mandel apercebeu-se disso em 1954. Antigo aluno das Belas-Artes e trabalhador da

gas os caracteres para as listas telefónicas. Faço a mesma coisa para Portugal. É sempre preciso desenhar de um modo diferente em função da morfologia dos nomes próprios, das suas músicas. Não podemos manipular electronicamente e sem reflectir, esta questão simples. O leitor deve poder projectar-se numa escrita, encontrar nela o reflexo da sua psicologia. À parte isto não tenho a culpa se se a minilista francesa é ilegível.

Até 1977, a firma Photon — que já em 1968 repatriara o seu material, talvez com medo de o ver desviado à francesa por este contrabandista — Ladislav Mendel propôs melhorias de programas para dar resposta às especificidades do Hexágono. Um E maiúsculo, por exemplo, nunca se encontra com acento, em inglês. Ele voltava a desenhar. *Desenha-se primeiro com a cabeça*, diz ele, *mesmo em digital*.

Em 1977, os americanos fecharam a sua sucursal em França. No entanto, no dia em que encontramos Mendel, telefonavam-lhe de Boston, para lhe pedir um conselho do género *acento na maiúscula*.

Eis porque, há já mais de dois anos, ele assinava um relatório comanditado pelo Ministério da Investigação sobre a necessidade de uma oficina de criação gráfica integrada na Imprensa nacional — relatório que o inspector dos ensinos artísticos, hoje designado pelo CNAP quase repetiu ideia por ideia.

Se Mendel não acredita no desenvolvimento industrial de uma eventual fotocompositora francesa num terreno já mais que ocupado, ele crê, firmemente numa concorrência devido à qualidade dos sinais made in France.

Será demasiado tarde? Talvez não. Ele sabe que protótipos de uma máquina simples da segunda geração que podiam servir a estagiários de uma oficina algures na Suíça. Não demasiado cara. O brevet pertence à Autologic, que a herdou da sociedade Bobst. Ele pensa que os franceses poderiam recuperar, corrigindo-o, um projecto de Honeywell Bull baptizado «Mathilde», um sistema de impressora a laser, não compacta.

Ele escolheu, para apresentar estas coisas complicadas, termos imagéticos, e se lhe perguntar, ao fim e ao cabo, o que é aos seus olhos o «carácter francês», ele vem do Egipto. E é aí acompanhado antes de voltar ao nosso país onde se inventou a escrita gótica, vertical, rigorosa, a dois tempos, cadenciada, de onde tendeu — no tempo de Francisco I — para a Itália e o Renascimento, de escrita redonda, sensual, escrita a quatro tempos, de humanistas alegres.

«É este equilíbrio instável, a nossa tipografia. É Garamond abandonando o gótico. Violência e doçura. Uma média entre a razão e o gosto de viver. O verdadeiro e o azul. É preciso integrar a inteligência da letra na linguagem das formas. Sensibilizar todos aqueles que, de perto ou de longe têm a ver com ela, e em primeiro lugar os informáticos, essa nova casta de grandes sacerdotes.»



Desenho de uma letra destinada a uma máquina de fotocomposição com écran catódico, decomposto em elementos descontínuos cujas irregularidades desaparecem com a redução

telinga, tibetano, georgiano eslavo, fenício, púnico), sem contar duzentos e vinte e cinco mil caracteres chineses em madeira, os «os buxos do regente») mas que na sua maioria são feitos em madeira de pereira, a que recentemente deixaram estupefactos os visitantes de Pequim, onde tais vestígios da linguagem dos mandarins, desapareceram.

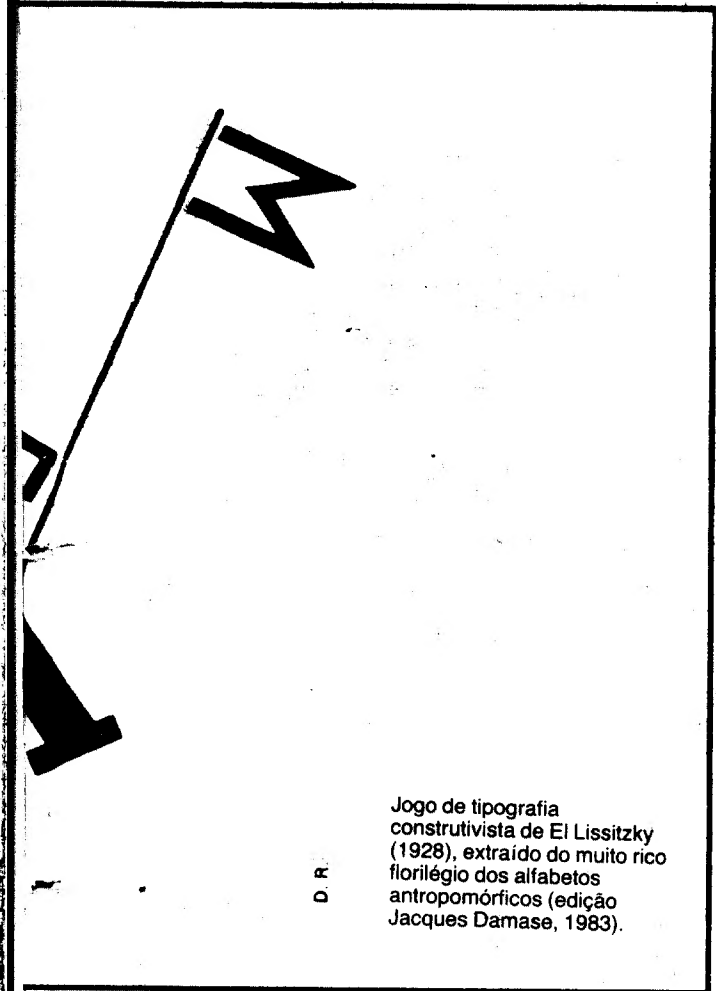
E eis que cinco ou seis estagiários ou bolseiros poderão em breve tirar proveito deste património e das manipulações a que ele dá sempre lugar nas edições de tiragem limitada que continuam a aumentar lentamente as colecções da casa. «Quatro obras-primas da literatura dão todos os anos lugar a este tratamento de luxo; eles venderão muito muito caro depois do ano 2000» diz-nos Guy Beaussant, director da IN.

Esperemos que os candidatos à oficina não sejam unicamente atraídos por este aspecto de museu. Na Rue de La Convention não se compõe unicamente à mão. A IN é só um dos últimos bastiões do trabalho em monotipos. Ali se encontram desde 1960 todos os equipamentos possíveis em fotocomposição e em fotografia, e uma das preocupações de Traband, director técnico, é adaptar, transpor sem os estragar, os caracteres nobres da tipografia «nacional» para o tratamento numérico.

Neste momento aconselha-se

pedra, encontra nesse momento, nas Tipografias Deberny e Paillot, um desenhador suíço, Frutiger. *Pegnot*, conta ele, *mandara vir da Photon, na América, uma máquina Linotype, com a ideia de criar o carácter universal. Chamaram-lhe universo: nós tínhamos pensado em galaxia. Sorri. Recordo o seu trabalho com F. Frutiger: Calculavam-se de novo larguras e em função do suporte, adaptando a silhueta das palavras ao olhar do leitor, segundo os corpos. Nessa altura já chegavam dos Estados Unidos dezenas de variantes do garamond, que nada tinha a ver com o modelo inicial. Se, por exemplo, nos contentarmos em reduzir um corpo 12 a 6 não há mais finos na letra e esta fica ilegível.*

O nosso erro era, em todo o caso julgar possível a universalidade de um carácter. Sabe-se agora: revolucionário, tornou-se nacionalista. Uma tipografia reflecte as especificidades culturais de um povo. Se com um único alfabeto se propõem duas mil variantes electrónicas, estamos certos de que mil novecentos e noventa e nove versões serão más e a 2000.^a não se verá. Há também uma questão de ritmo, de homogeneidade e de clima visual. A alternância das formas não deve deter o olhar. Realizei, para os italianos e para os bel-



Jogo de tipografia construtivista de El Lissitzky (1928), extraído do muito rico florilégio dos alfabetos antropomórficos (edição Jacques Damase, 1983).

ALBERTO PIMENTA | A FORÇA DO PRAZER

— Tenho em mãos um dos maiores projectos do século XX: uma antologia dos cem piores poemas da literatura portuguesa.

— De que autores?

— Estão lá todos. Eu, por exemplo. Atenção editores.

ALBERTO PIMENTA fala-nos com entusiasmo do seu trabalho.

Acaba de realizar uma conferência — *happening* sob o título A CHAVENA PORTUGUESA COM A ASA QUEBRADA, no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian. Expõe poemas visuais na mostra POEMAGRAFIAS, inaugurada há poucos dias na Galeria Diferença. Colabora regularmente no programa NOITES DE LUAR da RDP — Antena Um: é o LUSITANO OBSERVADOR.

— Escrevo assim coisas, intervenho criativamente acho... — remata.

Maria Emília Correia

— O que é que pensas do Presidente da República?

— Qual?

— O nosso.

— Ele é da República, portanto não é nosso. Nunca penso nele. Vejo-o às vezes mas não me estimula as ideias.

— E da GNR?

— As fardas fazem-me lembrar cardumes. Por causa dos botões. Do brilho. Os cardumes vão para um lado e brilham de uma maneira, vão para outro e brilham também. São sempre iguais e nadam bem. Estão como «peixes na água». É capaz de haver lá gente muito honesta, muito simples, homens como os outros, claro, que não respiram por guelras.

— Quem é o Fernando Namora?

— Já ouvi falar.

— E o Melo e Castro?

— É um dos poetas mais importantes do nosso tempo.

— O que foi o 25 de Abril?

— Foi um dia. Todos os anos há esse dia.

— O que é o Jornal de Letras?

— É a censura institucionalizada deste regime. A censura cultural. Meia dúzia de compadres, provincianos, microcefalos, têm ali as conversas e cortam tudo quanto sai fora disso.

— Fala-me do Benfica.

— É um clube desportivo que se distingue pela sua secção de futebol, sobretudo pelo Nené, o que é um contra-senso porque é o mais velho, não é nené.

— O que é uma mulher?

— É uma mulher. Não estou dentro dela a não ser por momentos.

— És exibicionista, maluco ou talentoso?

— Diria que sou 60% maluco, 20% exibicionista e 20% talentoso.

— O que é então um maluco?

— É o que eu sou em 60%.

— E se te tivessem internado?

— Então era um homem saudável.

— Achas que tens piada?

— Às vezes as pessoas riem-se.

— Gostas de bananas?

— Antes das refeições.

— De que cor?

— Amarelas.

— És do contra?

— Contra quê?

— Os amarelos não sou contra os vermelhos?

— Mas eu disse que gostava do Benfica, como é que podia ser contra os vermelhos?

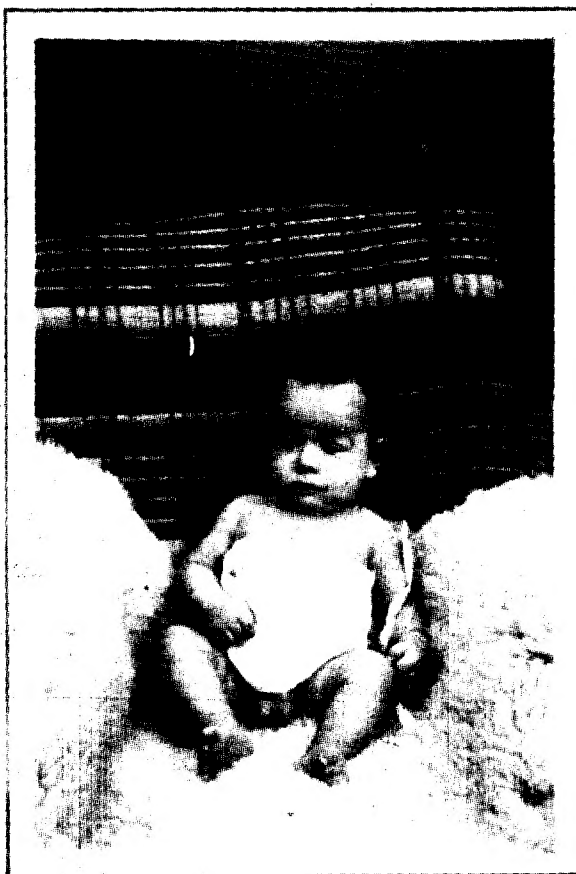
— Diz-me de sexo.

— Comecei a masturbar-me aos três meses.

— Quem é o Herman José?

— Agora é que tu me lixaste.

— Quem hoje está interessado em fazer algo mais que pintura, ou algo mais que poesia, decide-se pela linguagem do corpo. Incorpora ao visual e ao auditivo congelados a trindade dos sentidos «baixos» (tacto, gosto, olfacto), sempre escamoteados pela cultura, inclusive a que mais linge jogar com o corpo, a teatral (...). É que o corpo é constante invenção da vida, não repetição: o corpo é agora — excerto de TRIP-TICU, de Alberto Pimenta, que conta já com mais de duas dezenas de livros publicados. Está traduzido para italiano e editado no Brasil. Realizou diversos espectáculos e performances. Foi autor de uma série de dez programas para a RTP: A ARTE DE SER PORTUGUÊS. Fez exposições individuais e colectivas na RFA, Itália e Portugal (visuais, colagens, técnicas mistas, «objects trouvés»). Escreve e encena para o GIT da Trafaria HETEROFONIA, LIBRETO PARA UMA ACÇÃO POÉTICA, em 79. Dos livros: DISCURSO SOBRE O FILHO DA PUTA — é o meu clássico. (Brilham-lhe os olhos). Está traduzido para italiano e saiu no Brasil com um prefácio de Eduardo Kac intitulado *Pimenta nos meus olhos é refresco*. «CANTO NONO» ficou submergido, informa-me. Talvez porque em cada página tem impressa a palavra *submerge*. Tem três andamentos: adagio di molto, andantino e allegro vivace. «É toda a história da civilização oriental e ocidental» — acrescenta.



... aos três meses

Recita-me um poema de ascensão de dez gostos à boca:

daqui
onde estou
só posso dizer-te aprende
as melhores maneiras,
passa as mãos por ti, mete
os dedos
em todas
as tuas entradas e saídas,
só assim as aprenderás,
as melhores maneiras,
ou julgas que
facilmente encontrarás
quem tas ensine?
(...)

Mas o meu interesse recai sobre o seu último livro: AS QUATRO ESTAÇÕES. Textos: diferente, imaginativo, louco, comovente. Ele diz que está agora na quinta estação. Qual o resto, qual a gare?

Alberto Pimenta mora num sítio calmo de Lisboa — as traseiras da casa são o paraíso perdido. Há um grande silêncio. Falamos sobre ele. «Aqui ouvem-se os galos, já nem os há em Trás-os-Montes» — não sabíamos. No jantar foi a descoberta dum homem sociável, informado, sério, galante: eu sempre o vira tímido, sarcástico e satírico. Surpresa. Falámos de comida (é um cozinheiro exímio): do automóvel «uma conquiستا dos portugueses. Os motoristas tornam-se *fuhrrers*. Um pontapé na lata ofende mais do que um insulto» conta-me a história dum turco que foi de marcha-atrás da Alemanha para o seu país porque o carro que comprara em segunda mão tinha a caixa de velocidades avariada: da Alemanha propriamente dita, (onde Alberto Pimenta deu aulas na Universidade de Hei-

delberg) afirmou: é um país especializado em perder guerras. As pessoas precisam de sentir força, berrava-lhes, sei empostar a voz. Permitem-se excêntricas como comer bifes de leão, macaco, javali, importados obviamente, porque se cansaram dos «steaks». As mulheres promovem os maridos, eles têm sempre o nariz metido nas máquinas. E mais coisas com que concordei. Lamentei estar a bicarbonato, pedi desculpa e depois ele falou:

A minha conferência pretendia desmascarar duas coisas. Eu, Alberto Pimenta, o tema que me deram e que era «A Ideia de Pátria na Poesia Portuguesa do século XX». O meu não-herónimo e colega o Alberto Pimentel, o dr. Alberto Pimentel (que o meu amigo Carlos Zink fez e o nome surgiu numa gralha dum jornal), o trabalho de análise literária científica universitária. Os universitários cobrem-se uns aos outros e é assim que se reproduzem. O que dizem ou escrevem cabe no domínio do *nonsense*, ou daquilo a que Salette Tavares chamou recentemente a parlapate. Alberto Pimentel é o erudito que tenta desmascarar essa mesma parlapate, utilizando as fórmulas todas. Houve quem dissesse: depois de ouvirmos o dr. A. Pimentel é muito difícil ler esses textos sem rir. E ele avançou só um bocadinho. Revelou, no entanto, a fragilidade dessas análises ou a maneira de compor os textos, o carácter de proxenitismo cultural ou noutros casos a graça de mau gosto ou mesmo a infâmia.

— Que casos?

Alberto Pimenta — O brasileiro ou americano Ronald de Sousa, por exemplo, que escreveu um livro sobre poetas portugueses ou REDISCOVERS.



A realidade é a presença do corpo na minha cabeça (Foto: Jacinto Baptista)

Camões, Pessoa, Garret e outros, esquecendo-se por completo da época em que viveram, e partindo de uma ideologia, a dele. Admira-se que Camões não tenha sido marxista. Isto é estupidez ou uma infâmia?

Outro caso é actual: em Coimbra há um súbdito britânico que ensina na Universidade local e que está neste momento a organizar uma comemoração do centenário do nascimento de Ezra Pound. É o mesmo senhor que há alguns anos, e a propósito do do mesmo Ezra Pound, escreveu um livro intitulado: Alguns dos nossos melhores poetas são fascistas. Estás a ver se eu escrevesse agora um livro sobre Milton intitulado: Alguns dos nossos melhores poetas são cegos: ou sobre Walt Whitman: Alguns dos nossos melhores poetas são homossexuais: ou sobre Coleridge: Alguns dos nossos melhores poetas são drogados. Toda a gente consideraria isto uma infâmia ou uma graça pesada. Tinha razão. Como se trata da Universidade de Coimbra a mim nem me admira que não o tenham posto fora.

— E o que é que propõem os «não universitários». O que é que Alberto Pimenta quis expor?

Alberto Pimenta — Que os «não universitários» são mais simples e bastam-se a si mesmos. O que eu fiz foi uma conferência — *happening*. O *happening* é um género de arte moderna. Eu sei que já o peregrino Proteu fez assim uma coisa, anos antes de Cristo, e que Diógenes também, quando se masturbava na praça pública e dizia: ah, pudesse eu satisfazer o meu estômago dum maneira tão fácil! Eram *happenings*, é certo, mas como género artístico faz

parte da arte moderna, não da clássica que é uma arte de ornato, que acrescenta, que é uma arte de acessórios. A arte moderna começou a descascar esses enfeites, desmonta todas essas máscaras. Para fazê-lo às vezes é preciso outra máscara, como acontece no Carnaval mas isso é lúdico, é a festa contra o ritual. A arte moderna é festa. Apanha-se o público de surpresa, é preciso envolvê-lo.

— Como explicas então que na tua «actuação» eu tenha visto o dr. Azeredo Perdigão perguntar à esposa o que era aquilo?

Alberto Pimenta — É provável que fosse uma questão auditiva. Estávamos a falar sem microfone, como viste.

— Mas ele estava na primeira fila. Se calhar chegou atrasado.

Alberto Pimenta — Mas aquilo é um Centro de Arte Moderna de nome ou de facto? Não o entendo para realizações de tipo reflexão antiga. Para isso estão as Universidades.

— E a parte da frente da Gulbenkian.

Alberto Pimenta — Exacto. O que efectivamente aconteceu é que foi anunciado um conferencista e apareceram dois, de discursos opostos. Pimenta dormiu no ombro de Pimentel, tal o enfado.

No final interrogámos algumas pessoas presentes. Jorge Peixinho falou das conotações tecidas entre o poético e o quotidiano, os mitos e os antimitos, e da inteligência e delícia de humor do poeta. Eulália Barros acrescentou que lamentava que as pessoas lúcidas deste País raramente se ouvissem. Paula Mourão disse-nos que um acontecimento destes só funciona

U R B A N A S

MESALUMIADA

(material dancing)

Para o Mário que alumia as mesas e a Rita que, através delas, me ilumina

Sobre as pequenas mesas redondas do Jamaica os objectos têm mais que uma sombra e como eles próprios participam dessa condição de **efeitos de luz** pode dizer-se que as sombras sobre as mesas têm mais que um objecto, que objectos e sombras se contradizem ou desajustam, que os objectos se fraccionam. Mas, apesar disso, fixo as mesas (aquela onde me sento) e procuro lá um sopro, uma imagem.

As luzes do Jamaica não definem uma direcção ou delimitam um espaço: a sua realidade não tem nada que ver com arquitecturas ou perspectivas: é-lhes até **contrária**. Ligam-se à música através dos gestos do Mário e dos automatismos sincopados das máquinas (a música, no Jamaica, projecta sombras!); são, portanto, **luzes do tempo**; em segundo lugar, redobram o **movimento** e retiram-lhe uniformidade e direcção: como não são fixas nem monocromáticas (saltam, vibram, giram) demonstram que o tempo é o conceito — a abstracção — que resume e torna apreensível para a consciência o movimento permanente de todas as coisas (um denominador comum da ordem da inteligência). Movimento, som e luz **desmaterializam** o ambiente e só por uma via sinuosa podemos voltar à matéria.

Essa via é a do **sentimento**. Talvez possa, a propósito das mesas, fazer intuir a sua nobreza.

Sobre os tampos redondos de fórmica branca os objectos tornam-se efeitos de luz: opacizados ou transformados em filtro, de localização incerta, rodeados e atravessados por sombras e reflexos que por vezes são indistinguíveis, mergulhados numa auréola de cor saltitante, são fenómenos do mesmo campo que as «suas» sombras. O tampo das mesas é um écran de irrealidades ou uma súbita bebedeira das dimensões. E, no entanto, **está lá**, vê-se e produz efeitos. As mesas redondas do Jamaica **ardem sem se consumirem** como sarça do deserto que, tendo ganho tal hábito, o mantém depois da morte de Deus: ardência em pura perda material, portanto? (Toda a luz é de certo modo um desperdício da matéria, o que resulta da sua efracção). Como a parede do fundo da Caverna, exibição de sombras coloridas do «verdadeiro» incêndio que seria o que lavra em volta? Só estupidamente nos podemos deixar levar a olhá-las deste modo — como uma dança de **indícios**; é embarcarmos no seu jogo, nas suas astúcias de multiplicação de simulacros e irrealidades. E só quem nunca experimentou a verdadeira catástrofe corporal e sentimental que é sair do Jamaica para a chuva ou o súbito ambiente direccionado da rua é que não compreenderá que não há indícios de realidades mais ou menos verdadeiras: há apenas faces diversas do que nos é diferente.

De facto, a perda que as mesas exibem é um **ganho**: as

mesas ardem também dentro de nós — a sua chama é **interior**. A via da matéria passa pelo tombar para dentro sem o qual não é possível fixar as mesas. Naquele local onde isso é difícil (e onde é tão fácil, pelo contrário, exibir um acordo alacre e desprendido com a girândola dos simulacros) fixar o olhar na mesa **por si ou por nós** (vendo-a obtusamente ou não a vendo mas deixando-a **ver-nos**, laborar — lavar — o nosso pensamento) é **ganhar** um devaneio errante onde cada um procura desencontreadamente a imagem fixa da sua obsessão (um rosto!). O que é preciso entender é que o sentimento que deste modo se experimenta é **precisado** pelas mesas: em primeiro lugar, o que na superfície polida é transitório, alusivo ou indeciso existe e tem essas qualidades dentro de **limites**: os mais sólidos da circunferência de fórmica: os mais cambiantes do ritmo das luzes. Além disso (e é talvez essa a farpa que o Jamaica cravou na parte mais vibrante do meu cérebro) a sombra dançante é musical. As mesas redondas do Jamaica **cantam**! Trata-se de uma estranha e estreita margem, um hesitante território entre sólidos limites: devanear olhando a mesa só permite uma evasão controlada que é a invasão salgada do real: a música de que as sombras me distraem é a música a que me remetem. Sobre os tampos das mesas do Jamaica o olhar que fixo **escuta**. E se me cantam «Glória!» ao ouvido é um **corpo** que lá vejo projectado. Finalmente, as mesas do Jamaica são também uma arena de **despojos** — como os quartos onde a roupa pelo chão testemunha dispersamente a febre. Maços de cigarros, óculos, isqueiros, caixas metálicas onde princesas pálidas seguiram desinteressadamente pássaros cegos. Esses despojos vivem, **dançam** e o Jamaica expõe sobre as mesas o nervosismo da matéria, a sua teimosia vibrante como uma témpora: um certo fim do mundo, em resumo, que (como se fora um início) concentra tensamente as coisas em sucessivos nódulos que me projectam sempre para a frente, me empurram, me fazem **levantar**. Lugares de tensão onde a matéria (e o sentimento que se lhe afeioa) se concentra e lateja.

Um dócil écran da minha desorientação, portanto?

Não. É que as mesas redondas do Jamaica são indiferentes às mãos que sobre elas se enclavinham ou aos olhos que nas suas secas chamas se querem afogar: esperam que as luzes se fixem e uniformizem para exibirem a sua prisão ao espaço pelo pé cravado no chão e ao tempo pela solidez da madeira, da fórmica e do metal. E mesmo enquanto dura a festa, o que há sobre elas é uma sucessão **mecânica** de efeitos, desumana, febrilmente tranquila. Se a bomba de neutrões subitamente nos eliminasse, a luz continuaria, sobre os tampos, a fazer dançar os objectos.

(O que quer talvez dizer que a chama que alumia as mesas é a da minha vontade de ter de novo).

PAULO VARELA GOMES

quando as pessoas que o promovem têm autoridade para o fazer, o que quer dizer que sabem bem daquilo que estão a fazer para poderem gozar como neste caso não só com a instituição em si, mas também com a literatura como instituição. Um saudável exercício de humor num tempo em que todos estamos dominados pelas cores negras da crise — concluiu.

Alberto Pimenta — Tentei descascar o que há de retórico e balofo na utilização da Pátria, ou da Pátria e do Povo como coisa conjunta, como se isso existisse. Isto numa literatura actual, passados 100 ou 50 anos, depois de se ter reparado que não há pátrias mas classes e grupos de interesses financeiros, e que naturalmente um operário português tem muito mais de comum com um operário espanhol ou francês do que com um patrão português. Há poetas que ignoram isso e para quem a Pátria, boa ou má, continua a ser o disfarce retórico duma burguesia que se instala na rima, nas palavras, nas sete sílabas, no ministério, nas antologias, nas escolas primárias, na posteridade. Claro que há os satíricos como Allen Gipefn que é uma espécie de «alma minha gentil sobre todos os pinos, os pináculos e os cumes dos montes» o que pode significar em linguagem corrente, para além de todas as marcas, que é esse letrinho que os alemães andam a espalhar por aí pelo mundo, autocolantes que põem nos quartos de banho, nas janelas em toda a parte: **made in Germany**.

A CHÁVENA PORTUGUESA COM A ASA QUEBRADA acaba com prolongadas gargalhadas dos conferencistas Alberto Pimenta e Alberto Pimentel, este já com meio bigode deslocado. Bebem ginginha em vez de água. Pimenta traz mesmo embrulhados dois ovos cozidos, três rissóis, duas bananas e tangerinas. Comum. Atiram as cascas para a plateia — «Sr. dr. Pimentel, caro colega, vamos lá embora que temos outra conferência a seguir na Casa de Trás-os-Montes.» E saem. Fotografias. Aplausos quentes (não voltam a agradecer) e também alguns, poucos, rostos sérios, à casa, queiramolo ou não.

Alberto Pimenta — Eu tenho que agir em termos estéticos em função do que já está feito, isto é, estou nesta sociedade e não noutra. Há uma série de limitações exteriores a mim. O que faço depende da minha intenção e essa, posso dizê-la em termos muito simples: reparo que à minha volta existem variadíssimas formas de poder e quero jogar contra esse poder que, seja de que forma for, é um abuso. Para isso procedo a uma junção de factos ou a uma organização de conceitos que não

são habituais e dessa maneira quero questionar o que é o hábito: o medo de mudar é a base para a repressão e achando natural a mudança estou a pôr em causa esse poder, a sua autoridade e o seu carácter evidente para toda a gente.

— **Mas porque a tónica no sexual?**

Alberto Pimenta — O elemento sexual é um factor de força individual justamente contra esse poder que o anula, sendo ele a força máxima do indivíduo, força de perpetuação, de reprodução, etc. Fazê-lo desapropriar-se dessa força é prepará-lo para obedecer a esquemas metafísicos, éticos, esquecendo-se de si e da força do prazer. A sexualidade na minha obra interfere com um elemento que ajuda a preparar, a encontrar ou a reencontrar o prazer. A própria obra é prazer. O elemento lúdico é constante no que faço: livros, **happenings**, **performances**, etc. Nesta exposição **POEMA-GRAFIAS** a minha série **Cedilhas** (Menina e Moça — Menina e Moça; Acorda Portugal — Acorda Portugal, etc.) é um divertimento com variações onde jogo com elementos muito superficiais de ortografia (e outros, claro) que podem levar ao que está no fundo de uma convenção literária, bucólica, pastoril, que tem outra coisa que todos sabemos o que é. Em tudo o que escrevi o «pornográfico» não tem uma percentagem superior ao político, ao económico, linguístico, ao social, a tudo quanto diz respeito ao homem na comunidade.

— **Mas porque é que se torna o mais comentado ou observado?**

Alberto Pimentel — Acontece que na maioria da produção literária esse aspecto é escamoteado, logo surge com bastante importância, sobretudo para os desprevenidos.

— **Importância essa que tem também na tua vida?**

Alberto Pimenta — Uma coisa é a estruturação do texto, outra a estruturação da minha vida. O texto não é a minha vida, embora eu procure uma homologia entre uma e outra coisa.

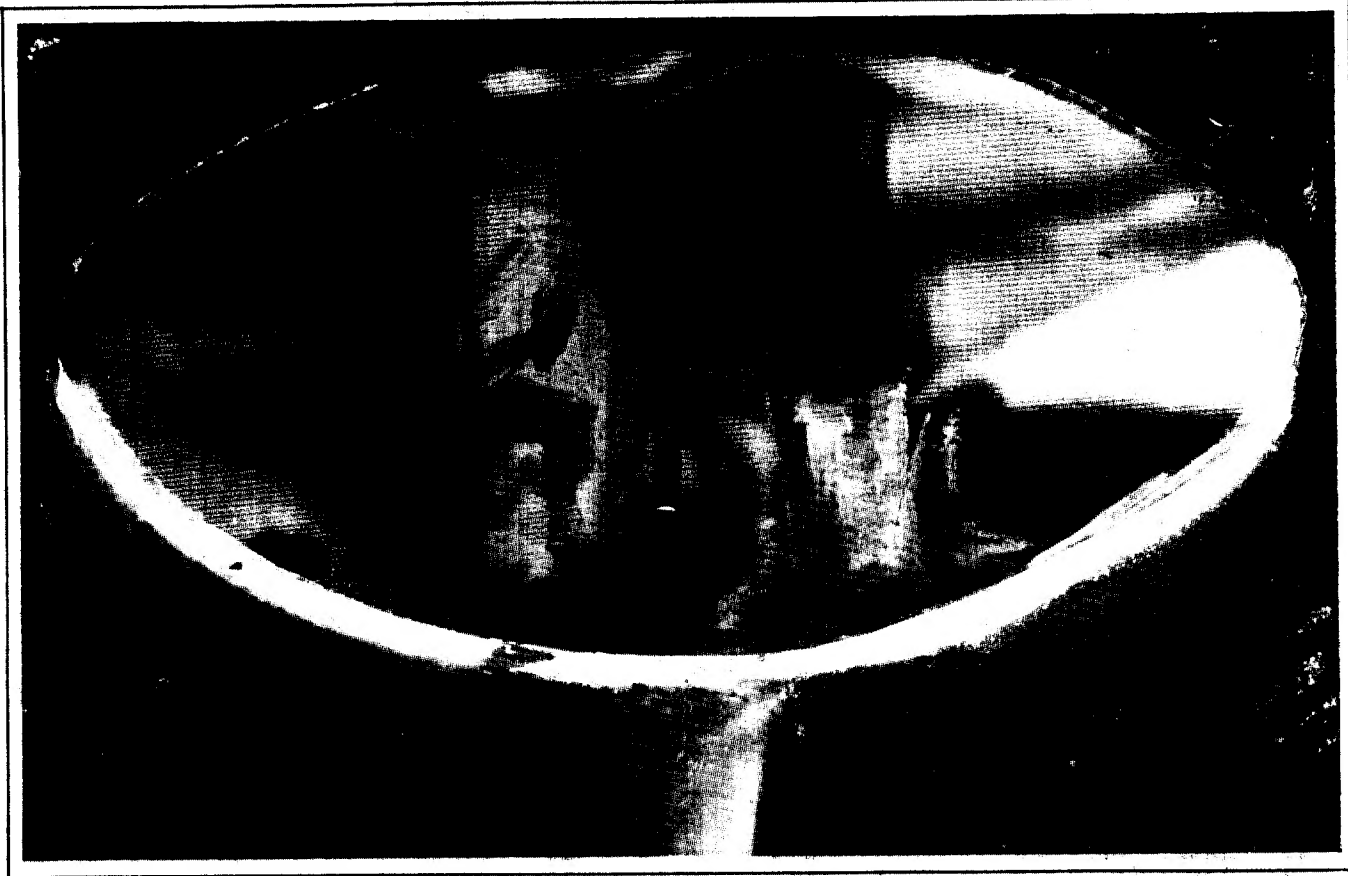
— **Onde ficas então em relação às tuas criações?**

Alberto Pimenta — No mesmo sítio em que o sapateiro fica em relação aos sapatos que faz. A obra é um desdobramento, é reflectida, é desejada.

— **Mas como é então o Alberto Pimenta, pessoa. Que comportamento? Fico sem saber.**

Alberto Pimenta — Bom, isso tens que perguntar aos meus parceiros. Creio que não me distingo muito dos restantes seres humanos, devo distinguir-me do cágado, do burro, da tartaruga. — **Como é ele, Lina?**

Lina — De excessos. Em tudo.



doces crónicas



Cabo Verde: mudança na Comunicação Social

A extinção de alguns órgãos da Comunicação Social cabo-verdiana e a criação de outros são regulamentadas através de decretos publicados num suplemento ao boletim oficial de 31 de Dezembro de 1984, ontem distribuído na Cidade da Praia.

Esta nova estruturação, que vigorará até à estruturação definitiva da Secretaria de Estado da Comunicação Social e à publicação do diploma sobre o quadro privativo da Comunicação Social, extingue a Direcção-Geral de Informação, substituindo-a pela Direcção-Geral da Comunicação Social.

Entretanto, são criados - com a natureza de serviços personalizados e sob a tutela do secretário de Estado da Comunicação Social -, a Rádio Nacional de Cabo Verde (RNCV), a Televisão Experimental de Cabo Verde (TEVEC), a agência noticiosa Cabopress e as Edições Voz de Povo, em substituição do jornal «Voz do Povo».

A criação das Edições Voz de Povo, de acordo com o decreto que as regula, visa satisfazer a «necessidade de criar uma estrutura organizativa que possibilite não só o alargamento de publicações periódicas e unitárias, mas também a divulgação, junto das comunidades cabo-verdianas no estrangeiro, da vida do país».

Entre os objectivos das edições, contam-se - garantir à população uma informação clara e objectiva sobre a actualidade nacional e internacional, contribuir para a formação de uma opinião pública nacional, para a defesa da identidade e da cultura nacionais e para o reforço do conhecimento e projecção de Cabo Verde no Mundo».

Fomentar uma informação social de intervenção e participação popular, e apoiar o esforço nacional de superação e elevação do nível das massas trabalhadoras e da população em geral, são outros dos objectivos das novas edições.

Competirá às EVP, nomeadamente, a publicação e distribuição do jornal «Voz do Povo», que tem neste momento uma periodicidade bisemanal.

Por seu turno, o diploma que regulamenta a actividade da Rádio Nacional define a prioridade do alargamento do seu raio de acção como contributo para a «formação de uma opinião pública nacional consciente e responsável perante as opções do processo de reconstrução nacional».

Os objectivos definidos por este decreto, em tudo semelhantes aos apontados para as Edições CVZ do Povo, serão alcançados através da «produção, realização e emissão de programas radiofónicos, radiodifusão de acontecimentos ou espectáculos promovidos por entidades públicas ou particulares, e o exercício de funções em matéria de instalações radioeléctricas e receptores de radiodifusão».

A RNCV conta à partida com os estúdios da Cidade da Praia, São Vicente, Sal e a Rede Nacional de Retransmissores.

Em declarações recentes, o secretário de Estado da Comunicação Social, Corsino Fortes, anunciou que esperava que a Rádio iniciasse as suas emissões a nível nacional ainda durante o corrente ano.

Quanto à Televisão Experimental, o decreto, que a regula, fixando os mesmos objectivos definidos para os restantes órgãos de Comunicação Social, atribui à TEVEC a incumbência de produzir, realizar e emitir programas de Televisão, propor as taxas a aplicar e fiscalizar o uso dos receptores.

A criação da agência noticiosa Cabopress visa, de acordo com o diploma que lhe diz respeito, a «divulgação concreta e objectiva da realidade nacional e internacional, através da introdução no país de noticiário internacional e transmissão para o exterior de informações nacionais, em estreita ligação com agências estrangeiras».

MENSAGENS PESSOAIS

Renault 5 TL vende-se

Um só dono. Particular. Dezembro de 1980. 440 contos. Telef. 793387 depois das 20 h.

Estofador

Faço novo e restauro todo o tipo de maples, Henrique Gouveia. Telf. 539776 Lisboa.

Decoradora

Faço e coloco, todo tipo de cortinados, reposteiros sanefas, calhas, etc. Luísa de Abreu Telef. 539776 Lisboa.

Duplicador e ampliador de fotografia

Vende-se: duplicador Rex-Rotary, automático e manual, revisto e em muito bom estado; ampliador de fotografia Opemus-5 com muito pouco uso. Contactar telefone: 7141676 das 20 às 22 horas.

Vende-se MG 1300 MK II

Ano de 1971 — faróis de iodo, tranca direcção na chave de ignição, alarme, pneus novos, estofado de novo, pintura assim-assim é um só carburador. Particular a particular.

Contactar Eduardo Oeiras pelo telefone: 384675 das 8 às 13 ou das 15 às 18 horas.

Windsurf e Surf

Reparações em pranchas de Windsurf e Surf. Vendo prancha (Windsurf) marca Wayler. Bom estado. Contactar José R. Brandão. T: 634106.

Topografia

Vendo várias tabelas taqueométricas, livros cimento armado e técnicos da Biblioteca da Instrução Profissional. Transferidores em gradus, 3 peças de papel vegetal 1,10 x 20, 90 gr.

Contactar telefone 664508 das 20 às 21 horas.

Vende-se microcomputador

Microcomputador + teclado + extensão de memória + transformador + cabos de ligação + manual de instruções vende-se tudo. Caso esteja interessado responda para: José António Virgolino — Rua João de Deus, 31, 3.º Esq. — 2400 Leiria.

Poesia e juventude

Procuram-se jovens de qualquer idade, amadores de poesia, poetas, declamadores, músicos, cantores ou simplesmente animadores culturais ou ainda com gosto por organização, que queiram reunir-se em cooperativa cultural. Resposta com especificação a: PROJECTO -CONVITE, Apartado 1332, 1009 LISBOA CODEX.

Ficheiro de efemérides

Vendo pela melhor oferta ficheiro de efemérides com cerca de 30 000 fichas abrangendo todos os assuntos. Para ver e tratar contactar através do telefone 9210407 depois das 20 horas até às 23.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.